



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL
PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

ALDA CRISTINA MENEZES DA SILVA

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE O TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA, ATRAVÉS DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM
PONTE DE ITABATINGA, JANDAÍRA, BAHIA**

São Cristóvão /SE
Agosto de 2022

ALDA CRISTINA MENEZES DA SILVA

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE O TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA, ATRAVÉS DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM
PONTE DE ITABATINGA, JANDAÍRA, BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais, na Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos

Co-orientador: prof. Dr. Lício Valério lima Vieira

**São Cristóvão /SE
Agosto de 2022**

ALDA CRISTINA MENEZES DA SILVA

**A ESCOLA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE O TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA, ATRAVÉS DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM
PONTE DE ITABATINGA, JANDAÍRA, BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais, na Universidade Federal de Sergipe, como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos

Co-orientador: prof. Dr. Lício Valério lima Vieira

Defendida em: 26 de agosto de 2022, com status de mestra.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Lício Valério Lima Vieira
(Presidente)

Prof.^a Dr.^a. Auceia Matos Dourado
(Titular interno)

Prof.^a Dr.^a. Joelma Carvalho Vilar
(Suplente interno)

Prof.^a Dr.^a. Núbia Dias dos Santos
(Titular Externo)

Prof. Dr. Dênio Santos Azevedo
(Suplente externo)

**São Cristóvão /SE
Agosto de 2022**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586e Silva, Alda Cristina Menezes da.
A escola com espaço de reflexão sobre o turismo de base comunitária, através da metodologia da problematização, em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia / Alda Cristina Menezes da Silva; orientadora Sindiany Suelen Caduda dos Santos. – São Cristóvão, SE, 2022.
222 f.; il.

Dissertação (mestrado Profissional em Ciências Ambientais) –
Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. Turismo sustentável - Bahia. 2. Educação ambiental. I. Santos, Sindiany Suelen Caduda dos, orient. II. Título.

CDU 338.48:37(813.8)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe (UFS), ao Programa de Pós-graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), a Jeová Jireh, Superior que me inspira e me sustenta. A minha mãe Maria Alda Menezes dos Santos, por ter me dado à luz e permitido a minha existência ao mundo. Aos meus filhos Paulo Henrique e Paulo Rodrigo, pela vivência e pelo amor incondicional. Aos meus familiares, pelas alegrias e desafios que compartilhamos ao longo da vida.

A minha orientadora, Prof.^a. Dr.^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e ao meu Coorientador, Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira, por terem me munido de ferramentas para responder de modo cada vez mais aprimorado às responsabilidades profissionais as quais me proponho e que, mesmo nesta tarefa muitas vezes pragmática, se mostrou capaz de dar permissão à “utopia” (mantenedora da alma e do processo evolutivo do ser humano) de coexistir junto à Ciência.

Aos professores do PROFCIAMB, que em suas diversas disciplinas foram capazes de mostrar e motivar a possibilidade de integração de cada parte do conhecimento para formar um “todo” na construção desta pesquisa. Em destaque à professora Maria Lillian Alexandre pela motivação. Aos colegas do Curso de Mestrado, ingressos em 2019, que assim como eu enfrentaram desafios dobrados causados pela pandemia do COVID19.

À diretora Rose Santos Pinto e à Coordenadora Valdirene Mendes Bitencourt, que acolheram o nosso projeto e colaboraram com o nosso desafio na Escola Municipal Joana Almeida Pinto. A todos os participantes da pesquisa que promoveram um sentimento de esperança quanto à reflexão do Turismo de Base Comunitária para a Comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia.

À amiga Rosinadja Morato, pela contribuição na parte computacional. Ao apoio da amiga Elze Plácido e aos amigos Geraldo Cega e Jailson Ramos. À Secretaria de Educação na pessoa de Aldacy Santiago. Às Secretarias de Turismo, Meio Ambiente e Saúde e por último, mas não menos importantes, aos Agentes de Saúde do Município de Jandaíra, Bahia.

A todos(as), a minha gratidão!

RESUMO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é um modo de fazer turismo que prioriza as necessidades do lugar, das pessoas, da cultura e do meio ambiente. Esta dissertação surgiu de duas inquietações: a primeira referiu-se ao papel da escola como espaço de discussão e reflexão acerca do TBC; e a segunda correspondeu ao estabelecimento de caminhos metodológicos para discutir sobre a implementação, organização e fortalecimento do TBC junto à escola e à comunidade. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar o uso da Metodologia Ativa da Problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e pessoas da comunidade do entorno, no processo de reflexão para implementar o Turismo de Base Comunitária, na comunidade de Ponte de Itabatinga, Município de Jandaíra, Bahia. Partindo deste entendimento, constituem-se os objetivos específicos que conduziram a dissertação: caracterizar a comunidade de Ponte de Itabatinga em suas relações com a atividade turística; avaliar o uso da Metodologia da Problematização nas reflexões sobre a implementação, organização e fortalecimento do Turismo de Base Comunitária, junto aos estudantes da escola pesquisada e à comunidade de Ponte de Itabatinga; e produzir uma cartilha educacional para propagação de saberes sobre o Turismo de Base Comunitária, por meio da Metodologia da Problematização, junto à escola e à comunidade. O método da pesquisa foi centrado na fenomenologia, com uso da abordagem qualitativa. Para tanto, foram utilizadas as técnicas de coleta de dados: bibliográfica, documental, campo e “pesquisa-ação”. Após autorização da pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, o projeto foi apresentado à gestão escolar, alunos e comunidade. Na sequência, foram iniciadas as atividades definidas para cada etapa da Metodologia da Problematização, junto aos 12 estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e cinco pessoas da comunidade. As etapas da metodologia, seguiram a ordem definida pelo Arco de Maguerez: na observação da realidade, os participantes da pesquisa escolheram três pontos de observação P1, P2 e P3. A identificação dos pontos-chave foi realizada em grupos na etapa de observação. Na teorização organizaram-se tecnicamente e teoricamente para o estudo e investigação da temática trabalhada. Nas hipóteses de solução idealizaram e executaram a redação de uma carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Jandaíra, Bahia, e a definição de uma rota sustentável. E na aplicação à realidade desenharam a Rota Linha Verde, baseando-se na análise SWOT, e propuseram a viabilidade da entrega da carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Jandaíra, Bahia. A análise dos dados qualitativos foi orientada pelo método de Análise do Discurso, por meio do qual foram definidas as unidades de sentido: “Meio ambiente, região e significados”; “Inclusão social”; e “Turismo de Base Comunitária”. As unidades de sentido revelaram questionamentos e sugestões por parte dos participantes da pesquisa, ao destacarem os problemas ambientais e refletiram a “falta de oportunidades” que, por sua vez, exclui diversas pessoas de forma social, econômica e política. Desse modo, foram encontrados, ao longo das etapas da pesquisa, elementos que podem ser usados como subsídios para a reflexão de um futuro projeto de TBC na comunidade pesquisada, através de um trabalho articulado com a Escola. Os projetos incluem as comunidades de maneira sustentável, levando-as a ter controle quanto à exploração dos recursos naturais, proporcionando a organização, o fortalecimento e levando os atores sociais a serem protagonistas de sua própria história.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Arco de Maguerez. Turismo Sustentável com a escola.

Translation

Community-based Tourism (TBC) is a way of doing tourism that prioritizes the needs of the place, people, culture and the environment. This dissertation arose from two concerns: the first referred to the role of the school as a space for discussion and reflection on the TBC; and the second corresponded to the establishment of methodological paths to discuss the implementation, organization and strengthening of the TBC with the school and the community. In this sense, the general objective of this research was to analyze the use of the Active Methodology of Problematization, together with the students of the Joana Almeida Pinto Municipal School and people from the surrounding community, in the process of reflection to implement Community-based Tourism, in the community of Ponte de Itabatinga, Jandaíra Municipality, Bahia. Based on this understanding, the specific objectives that led to the dissertation are constituted: to characterize the community of Ponte de Itabatinga in its relations with tourist activity; evaluate the use of the Problematization Methodology in the reflections on the implementation, organization and strengthening of Community-based Tourism, together with the students of the researched school and the community of Ponte de Itabatinga; and produce a primer education for the dissemination of knowledge about Community-based Tourism, through the Problematization Methodology, with the school and the community. The research method was centered on phenomenology, using the qualitative approach. For this, the techniques of data collection were used: bibliographic, documentary, field and "action research". After authorization of the research by the Ethics and Research Committee of the Federal University of Sergipe, the project was presented to school management, students and the community. Then, the activities defined for each stage of the Problematization Methodology were initiated, together with the 12 students of the Joana Almeida Pinto Municipal School and five people from the community. The steps of the methodology followed the order defined by the Arco de Maguerez: in the observation of reality, the participants of the research chose three observation points P1, P2 and P3. The identification of key points was performed in groups in the observation stage. In the theorization, the themes were organized technically and theoretically for the study and investigation of the theme worked. In the chances of a solution, they idealized and executed the drafting of an open letter to the Municipal Environment Secretariat of Jandaíra, Bahia, and the definition of a sustainable route. And in the application to reality they designed the Green Line Route, based on the analysis swot, and proposed the feasibility of delivering the open letter to the Municipal Environment Department of Jandaíra, Bahia. The analysis of qualitative data was guided by the Discourse Analysis method, through which the units of meaning were defined: "Environment, region and meanings"; "Social inclusion"; and "Community-based Tourism". The units of meaning revealed questions and suggestions on the part of the research participants, highlight environmental problems and reflected the "lack of opportunities" which, in turn, excludes several people in a social, economic and political way. Thus, elements were found throughout the stages of the research that can be used as subsidies for the reflection of a future CbT project in the researched community, through a work articulated with the School. The projects include communities in a sustainable way, leading them to have control over the exploitation of natural resources, providing organization, strengthening and leading social actors to be protagonists of their own history.

Keywords: Environmental Education. Maguerez Arch. Sustainable Tourism with the school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metodologia da Problematização apresentada através do Arco de Magueres	37
Figura 2– Localização do Povoado de Ponte de Itabatinga, em Jandaíra, Bahia	42
Figura 3 _ Imagem panorâmica do povoado de Ponte de Itabatinga às margens da Linha Verde em Jandaíra, Bahia	43
Figura 4 – Distância entre Ponte de Itabatinga e a sede Jandaíra, Bahia	45
Figura 5 _ Imagem panorâmica do povoado Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia	46
Figura 6 – Trecho do rio Patioba na linha verde	46
Figura 7 – A e B. Trecho da maré, encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga	48
Figura 8 – Escola Municipal Joana Almeida Pinto	49
Figura 9 – Apresentação do projeto de pesquisa para os estudantes e pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia	55
Figura 10 – Diários de bordo utilizados como instrumentos de estudo	59
Figura 11 – Vista panorâmica da Cidade de Jandaíra, Bahia	71
Figura 12 - A estrutura da vila de Mangue Seco, Jandaíra, Bahia	79
Figura 13 – Ecossistema de manguezal no rio Real em Mangue Seco, Jandaíra, Bahia	80
Figura 14 – Ecossistemas: dunas, praia e restingas em Mangue Seco, Jandaíra, Bahia	80
Figura 15 – Imagem panorâmica do Povoado São José/Coqueiro, Jandaíra, Bahia	82
Figura 16 – Tráfego de buggies na praia de Coqueiro, em Jandaíra, Bahia	85
Figura 17 – Rio Pirangi no Povoado Cajueirinho, Jandaíra, Bahia	86
Figura 18 – A e B. Praia de Costa Azul em Jandaíra, Bahia	88
Figura 19 – Pousada Costa Azul na Praia de Costa Azul em Jandaíra, Bahia	89
Figura 20 – Costa Azul Bahia, Golf, Resort e Condomínio em Jandaíra, Bahia	90
Figura 21 – Distrito de Abadia, Município de Jandaíra, Bahia	91
Figura 22 – Distrito de Cachoeira do Itanhy, em Jandaíra, Bahia	94
Figura 23 – A e B. Trecho um do rio Patioba, na comunidade de Ponte de Itabatinga, BA	101
Figura 24 – Trecho dois do rio Patioba, na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia	103
Figura 25 – Encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga - Ponte de Itabatinga, Bahia	104
Figura 26 – A e B. Pescadores e marisqueiras da comunidade	107
Figura 27 – A e B. Casa de farinha na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia	112
Figura 28 – Ralador a motor em casa de farinha	114
Figura 29 – Tapiti de palha de arumã utilizado na feitura da farinha	115

Figura 30 – Prensa de massa utilizada na feitura da farinha	116
Figura 31 – Trilha na estrada velha na comunidade de Ponte de Itabatinga	119
Figura 32 – Definição dos pontos-chave junto aos participantes da pesquisa	123
Figura 33 – Análise da FOFA realizada pelos participantes da pesquisa	128
Figura 34 – Construção da árvore dos sonhos pelos participantes da pesquisa	132
Figura 35 – Oficina de desenho para a definição da trilha verde	135
Figura 36 – Carta aberta à Secretaria de Meio Ambiente Municipal	138
Figura 37 – Roda de conversa para reflexão do TBC	141
Figura 38 do A ao J: Retratando o produto Didático - cartilha Educacional (2022)	145

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantidade de aluno da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, por turma	50
Quadro 2 – Lista com indicação de links para consulta de informações sobre o TBC	61
Quadro 3 – Análise SWOT na perspectiva da implementação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia	62
Quadro 4 – IDEB 2019 do município de Jandaíra, Bahia	72
Quadro 5– Principais competências da Secretaria Municipal de Saúde	74
Quadro 6 – Principais competências da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento do Município de Jandaíra, Bahia	77
Quadro 7 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso durante a observação da realidade	121
Quadro 8– Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa dos pontos-chave	124
Quadro 9 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de teorização	126
Quadro 10 – Análise SWOT na perspectiva da implementação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia	129
Quadro 11 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de hipóteses de solução	133
Quadro 12 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de intervenção à realidade	137

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do discurso
AEE	Atendimento Educacional Especializado
AMPI	Associação dos moradores de Ponte de Itabatinga
APA	Área de proteção ambiental
BAHIATURSA	Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia
BATUC	Rede de Turismo de Base Comunitária da Bahia
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CADASTUR	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
COOPAGRAN	Cooperativa Mista dos pais e Amigos da Fundação Casa Grande
CINTTEC	Coordenação de inovação e transferência de tecnologia
CME	Conselho Municipal de Educação
CONAMA	Conselho Nacional de Meio Ambiente
COVID 19	Doença da corona vírus (2019)
EA	Educação Ambiental
EAD	Educação a Distância
EMITEC	Ensino médio com Intermediação Tecnológica
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ENSETUR	Empresa Sergipana de Turismo
EMJAP	Escola municipal Joana Almeida Pinto
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ETBCS	Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IMCBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
INVISA HOTELES	Rede Hoteleira Espanhola
MTUR	Ministério do Turismo
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
OMT	Organização Mundial do Turismo
PADLET	Ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual
PE	Produto Educacional

PPP	Projeto Político Pedagógico
PNMP	Parque Natural Municipal do Poxim
RESORTS	Local formado por uma unidade hoteleira e por um conjunto de equipamento e espaços para lazer e entretenimento - Estação Turística
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SWOT/FOFA	Forças-Weaknesses -Fraquezas-Opportunities-Oportunidades-Threats-Ameaças.
PROJETO TAMAR	Organização conservacionista brasileira
TBC	Turismo de Base Comunitária
TCLE	Termo de Consentimentos Livre e Esclarecido
TUCUM	Rede cearense de Turismo de Base Comunitária
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNEB	Universidade Estadual da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA COM A ESCOLA E A COMUNIDADE A PARTIR DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO	22
1.1 Turismo de Base Comunitária (TBC)	31
1.1.1 Turismo de Base Comunitária: perspectivas na educação escolar e na comunidade	31
1.2 As Metodologias Ativas na escola	34
1.2.1 Metodologia da problematização – o Arco de Maguerez	37
2 DESVENDANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA	43
2.1 Caracterização da área de estudo	43
2.1.1 A Escola Municipal Joana Almeida Pinto	48
2.2 Técnicas e instrumentos para coleta de dados	51
2.3 Método da pesquisa e procedimentos metodológicos	52
2.3.1 Participantes da pesquisa	54
2.3.2 Apresentação do projeto à escola: gestores, alunos e pessoas da comunidade	56
2.4 Desenvolvimento da Problematização - Arco de Maguerez	56
2.4.1 Passo 1: observação da realidade	57
2.4.2 Passo 2: estabelecimento de pontos-chave	59
2.4.3 Passo 3: teorização	60
2.4.4 Passo 4: hipóteses de solução	62
2.4.5 Passo 5: intervenção à realidade	64
2.5 Análise do Discurso aplicada aos resultados	65
2.6 Avaliação da Cartilha Educacional: Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez	67
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	70
3.1 Aspectos Socioambientais de Jandaíra, Bahia	70

3.2 O Turismo no Município de Jandaíra e as Relações com Ponte de Itabatinga	77
3.2.1 Povoado Mangue Seco	78
3.2.2 Povoado São José e a Praia de Coqueiro, Jandaíra, Bahia	82
3.2.3 Povoado Cajueirinho	85
3.2.4 Povoado Costa Azul – Praia da Costa Azul	87
3.2.5 Distrito Abadia, Jandaíra/BA	90
3.2.6 Povoado Cachoeira do Itanhy no município de Jandaíra, Bahia	93
3.3 Caracterizar a Comunidade de Ponte de Itabatinga e suas Relações com a Atividade Turística	94
3.3.1 Etapas da observação da realidade e pontos-chave, junto aos participantes da pesquisa (escola e comunidade)	100
3.3.2 Etapa teorização juntos aos participantes da pesquisa	125
3.3.3 Etapa hipóteses de solução juntos aos participantes da pesquisa (escola e comunidade)	129
3.3.4 Etapa intervenção à realidade juntos aos participantes da pesquisa	134
3.3.5. Produto didático Educacional (PE)	144
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS	150
APÊNDICE A: Roteiro de entrevista	164
APÊNDICE B: Diário de Bordo	165
APÊNDICE C: Custo com a pesquisa	166
APÊNDICE D: Cronograma	167
APÊNDICE E: Avaliação da Cartilha Educacional	169
APÊNDICE F: Produto Educacional- Cartilha	173
ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	211
ANEXO B: Termo de assentimento do estudante para participação do projeto	212
ANEXO C: Termo de consentimento do responsável para participar do projeto	214

ANEXO D: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Estudante	216
ANEXO E: Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos	217
ANEXO F: Termo de Compromisso e confidencialidade	218
ANEXO G: Termo de anuência de infraestrutura	219
ANEXO H: Termo de assentimento da comunidade para participação do projeto	220
ANEXO I: Carta aberta à Sec. Municipal de Meio Ambiente	221
ANEXO J: Rota do Agreste em Ponte de Itabatinga, Bahia	222

INTRODUÇÃO

O Turismo de Base Comunitária (TBC) vem sendo um modo diferenciado de fazer turismo, no qual as atividades desenvolvidas pela comunidade local são amplamente priorizadas e respeitadas. Para Buck (2020), o TBC as populações locais possuem o controle efetivo do desenvolvimento da atividade e, esta se baseia na autogestão, no respeito ao meio ambiente, na valorização da cultura local e na economia solidária.

Já na visão de Alexandre (2018, p. 70), “[...] o viver da própria comunidade faz com que o entorno se torne um atrativo ao TBC”. Em contraposição ao turismo massificado, o TBC requer menor densidade de infraestrutura e serviços.

Para Santos (2019), o TBC busca valorização e vinculação entre os ambientes naturais e culturais de cada lugar, de forma que a diversidade existente possa propiciar o surgimento de roteiros criativos. Dessa maneira, uma vez que a comunidade entende a importância da sustentabilidade, elas procuram conservar os seus recursos, sejam eles naturais, culturais ou materiais.

O TBC tem sido vislumbrado, como uma alternativa ao paradigma de turismo convencional (de massa), na medida em que prima pela sustentabilidade, possibilitando às comunidades, por ele afetada, obterem benefícios socioeconômicos, decorrentes da geração de trabalho e renda (SAMPAIO; ZAMIGNAN, 2012; PINHEIRO, 2014).

O Ministério do Turismo (MTUR, 2010, p. 16) entende o TBC como “[...] um modelo no qual a cultura e os modos de vida locais são a principal motivação da visita, fazendo um intercâmbio cultural entre o turista e a comunidade [...]”. Além disso, o turismo é uma atividade complementar às atividades tradicionais desenvolvidas pelas comunidades. Ou seja, o TBC prioriza as necessidades do lugar, das pessoas, da cultura e do meio ambiente, promovendo um turismo mais justo, no qual os atores locais são os protagonistas em todas as suas etapas: planejamento, implementação e monitoramento (ALEXANDRE, 2018).

Nesse sentido, enxerga-se que o turismo sustentável e de base comunitária constitui um modelo de desenvolvimento social que melhore a qualidade de vida da comunidade, visando oferecer ao visitante experiências, e mantendo a qualidade do ambiente do qual dependem tanto a comunidade anfitriã quanto a visitante (ALEXANDRE, 2018).

Diante do exposto, esta dissertação surgiu de duas inquietações: a primeira referiu-se ao papel da Escola Municipal Joana Almeida Pinto como espaço de discussão e reflexão acerca do

TBC; e a segunda correspondeu ao estabelecimento de caminhos metodológicos para discussão sobre a reflexão, organização e fortalecimento do TBC, junto à escola e à comunidade.

Nesse contexto, a conexão Turismo de Base Comunitária e Escola enquanto espaço educativo, proporciona autonomia aos educandos e amplia o conhecimento pelo viés da interdisciplinaridade, efetivando entre os educandos a importância da sustentabilidade através da Educação Ambiental. Segundo Garcia (2012, p. 1083), “[...] o TBC agrega à comunidade receptora preservação ambiental, sustentabilidade, preservação dos saberes tradicionais e educação ambiental”.

Nesse sentido, o caminho para esse estudo teve como pano de fundo a reflexão do Turismo de Base Comunitária por estudantes e pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia. Para Garcia (2012, p. 1083),

Ao oferecer a possibilidade de contato com a natureza, com tradições e valores socioculturais singulares e diversos, o turismo pode ser uma das mais ricas e transformadoras experiências humanas, tanto para o turista como para a comunidade que o recebe.

A interação dos estudantes com a natureza proporciona abordagens disciplinares quanto a importância da sustentabilidade. Por sua vez, o papel da escola, enquanto espaço educativo promotor de ação-reflexão-ação junto à comunidade, abre oportunidades para a formação de cidadãos críticos na discussão e reflexão do TBC para a comunidade. Nesse contexto, estuda-se a possibilidade de inserir a temática do Turismo de Base Comunitária no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola em questão como tema transversal.

A escola deve evidenciar em seu PPP e Regimento Escolar as habilidades e competências dos estudantes, visto que “[...] é um documento utilizado para conduzir a escola rumo a metas de melhoria na qualidade do ensino, direcionando professores, gestores, funcionários, famílias e alunos para trabalharem em conjunto para atingir os objetivos propostos” (CÂNDIDO; GENTILINI, 2017, p. 331).

A partir desse contexto, surgiram inquietações como: existem projetos, estudos ou programas que tratem sobre uma possível implementação do TBC no Povoado Ponte de Itabatinga, localidade situada no litoral norte do estado da Bahia, no município de Jandaíra/Bahia? a falta de uma gestão do TBC que inclua a comunidade de maneira sustentável traz prejuízos irreparáveis para essa localidade? Existe um controle quanto à exploração dos recursos naturais? Esta lacuna fez emergir outras questões no trabalho: existe articulação entre escola e comunidade para discutir as potencialidades do TBC para a região? A partir de quais

pressupostos se deram a escolha da escola municipal Joana Almeida Pinto para realização da pesquisa dessa dissertação? Para responder à última inquietação é preciso trazer uma breve análise da conjuntura vivenciada durante o mestrado pela pesquisadora.

O início do curso coincidiu com a pandemia do novo corona vírus (covid 19), em 2019, um momento de incertezas, insegurança, perdas, isolamento social, ansiedade. Mas a vida continuava, mesmo de forma remota. Assim, foi preciso continuar os estudos e o trabalho, que durante o auge da pandemia foi realizado através de blocos de atividades para os estudantes estudarem em casa com posterior devolução aos professores em datas determinadas pelos mesmos para que pudessem ser corrigidos e reencaminhados.

A escolha da escola municipal Joana Almeida Pinto, se deu em função da sua atuação como professora no ensino fundamental II desde 15 de março de 2002 ser na referida escola. A pesquisadora é licenciada em Pedagogia, Letras Português Inglês possuindo especialização em Português, Letras e Linguística com ênfase em Educação.

Refletir o desenvolvimento do TBC junto aos estudantes e comunidade se deu pela pesquisadora ser Tecnóloga em Gestão de Turismo com especialização em Planejamento do Turismo, tendo experiência na área de direção de Turismo de 2017 a 2018 na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo no município de Indiaroba, Sergipe, além de ter ministrado aulas no curso de Informações Turísticas pelo SENAC em 2018 e atuar como Coordenadora de Cultura no município de Jandaíra, Bahia em 2006. É relevante destacar a importância da temática para os participantes da pesquisa, no reconhecimento da identidade, valorização da cultura local e da cultura do saber fazer.

Por conhecer as potencialidades e os problemas socioambientais do povoado buscou-se a escola como espaço de reflexão sobre o Turismo de Base Comunitária, através da Metodologia da Problematização, em Ponte de Itabatinga, Jantara, Bahia.

Com o intuito de refletir o Turismo de Base Comunitária junto aos participantes da pesquisa. Na visão de Santos (2019, p. 38), “[...] o TBC pode levar a comunidade a entender que a construção de saberes e práticas contribuem para a formação de sujeitos críticos e atuantes na sociedade, bem como gerar autonomia e desenvolver o desejo de mudança”. Para isso, é preciso identificar um eixo comum, eleger uma instituição que integre as comunidades e que possa ter papel ativo no processo pedagógico necessário, para que todos possam ser inseridos e contribuam para o desenvolvimento do plano de gestão do TBC no local.

Desse modo, a proposta do gerenciamento e desenvolvimento do Turismo Sustentável pode ser viabilizado através de parcerias entre a escola com as associações de moradores, a exemplo da Associação de Moradores Ponte de Itabatinga (AMPI).

Por outro lado, para que esta articulação aconteça, faz-se necessário refletir sobre caminhos metodológicos que priorizem o protagonismo e a autonomia dos estudantes, bem como a problematização e reflexão da realidade. Nessa perspectiva, a Metodologia da Problematização foi utilizada para constituir um caminho pedagógico capaz de promover reflexões da prática social local.

Na visão de Berbel (2012), a Metodologia da Problematização tem a realidade social como ponto de partida e ponto de chegada e está representada pelas etapas que formam o Arco de Magueres, que são: observação da realidade; estabelecimento de pontos -chave; teorização; hipóteses de solução; e aplicação à realidade.

Isto posto, a considerar a escassez de trabalhos científicos que abordem a articulação direta entre o uso de Metodologias Ativas para refletir junto à escola e à comunidade os aspectos essenciais do TBC, esta dissertação sustenta-se na investigação sobre o papel da escola como espaço de discussão e reflexão acerca do TBC? e no estabelecimento de possíveis caminhos metodológicos, utilizando a Metodologia da Problematização, que permitam a reflexão, junto aos estudantes e às pessoas da comunidade, sobre a implementação, organização e fortalecimento do TBC.

Diante do exposto, três questões nortearam a pesquisa e colaboraram com a investigação do problema: (i) Quais as características socioambientais da comunidade onde está localizada a Escola Municipal Joana Almeida Pinto (Ponte de Itabatinga)? (ii) Como o uso da Metodologia da Problematização poderá promover reflexões sobre a implementação, organização e fortalecimento do Turismo de Base Comunitária, junto à Escola Municipal Joana Almeida Pinto e à comunidade de Ponte de Itabatinga? (iii) De que modo a criação de um produto didático poderá auxiliar na propagação de saberes através da Metodologia da Problematização, evidenciando a organização e o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária?

De acordo com o exposto, levantou-se à hipótese: o uso da Metodologia da Problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e a Comunidade de Ponte de Itabatinga, promoverá reflexões acerca da implementação, organização e fortalecimento do Turismo de Base Comunitária.

Com base nesses questionamentos o objetivo geral deste estudo é analisar o uso da Metodologia Ativa da Problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e pessoas da comunidade, no processo de reflexão para implementar o Turismo de Base Comunitária, na comunidade de Ponte de Itabatinga, Município de Jandaíra, no estado da Bahia.

Partindo deste entendimento, constituem-se os objetivos específicos que conduziram a dissertação:

- caracterizar a comunidade de Ponte de Itabatinga em suas relações com a atividade turística;
- avaliar o uso da Metodologia da Problematização nas reflexões sobre a implementação, organização e fortalecimento do Turismo de Base Comunitária, junto aos estudantes da escola pesquisada e à comunidade de Ponte de Itabatinga;
- produzir uma cartilha educacional para propagação de saberes sobre o Turismo de Base Comunitária por meio da Metodologia da Problematização junto à escola e à comunidade.

Com vistas ao cumprimento dos objetivos da dissertação, a estruturação desta assenta-se no resumo, introdução e mais três capítulos, seguidos das considerações finais, referências, apêndices e anexos.

Após a introdução, o primeiro capítulo traz como título “Turismo de Base Comunitária na escola e na comunidade, a partir do uso da Metodologia da Problematização”, que faz uma reflexão interdisciplinar sobre o TBC, apresentando fundamentos do TBC, numa discussão sobre a finalidade da sua gestão, que tem como finalidade envolver a comunidade na reflexão do Turismo de Base Comunitária através do fortalecimento das atividades produtivas locais, através de um plano de ação, utilizando o Arco de Maguerez, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia.

O segundo capítulo, intitulado como “Desvendando os caminhos da pesquisa”, apresentando elementos que caracterizam a área de pesquisa e suas potencialidades para o TBC; assim como, o método da pesquisa; as etapas da pesquisa utilizando a Metodologia da Problematização; e por fim, a descrição de como foi realizada a análise de dados e a elaboração do produto final.

O terceiro capítulo tem como título “Resultados e discussão” construído a partir da análise do discurso dos participantes da pesquisa, pela troca de saberes e impressões entre os alunos, comunidade e a pesquisadora, acerca da realidade do TBC, dos recursos naturais e culturais estudados, todo processo foi realizado através de um plano de trabalho utilizando o Arco de Maguerez, junto aos estudantes e às pessoas da comunidade.

Por fim, as considerações finais, respondem às questões norteadoras, abordam os achados que confirmam o alcance dos objetivos da pesquisa e apresentam as sugestões decorrentes da análise dos dados obtidos.

Esperança do Verbo Esperançar

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.

E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.

Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

Esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Paulo Freire (1992)

1 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA COM A ESCOLA E A COMUNIDADE A PARTIR DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO

Neste capítulo são apresentados conceitos e reflexões sobre Turismo de Base Comunitária e de que maneira a Metodologia Ativa da Problematização pode promover reflexões para organização e fortalecimento do TBC.

1.1 Turismo de Base Comunitária (TBC)

Definido como tendência, o turismo sustentável é um caminho que tem contribuído para diminuir impactos negativos socioambientais, socioculturais e socioeconômicos. Nesse sentido, Macedo (2018, p. 61) afirma que “[...] o estudo do turismo deve ser direcionado para a sustentabilidade, conceito essencial para alcançar metas de avançar sem esgotar os recursos naturais e culturais nem deteriorar o meio ambiente”.

Ao pensar na implantação do TBC em uma comunidade, deve-se levar em consideração que a proteção do meio ambiente e o êxito do desenvolvimento dessa modalidade de turismo devem ser inseparáveis, já que a característica distinta da gestão do TBC é sua dimensão humana integrada ao meio ambiente, social e cultural (TAKAHASHI, 2016).

Nessa lógica de pensamento, acredita-se que a contribuição do TBC está justamente na participação da comunidade no fazer da atividade turística.

[...] a Comunidade é parte integral do desenvolvimento de um turismo sustentável, é preciso levar em consideração a proteção dos recursos, através de uma gestão participativa, valorizando a identidade de um povo e incluindo todos no processo do TBC (ALVES, 2017, p. 61).

Para Maldonado (2009), o TBC colabora também com o desenvolvimento de políticas públicas, incentivando as pessoas a militarem por seus direitos através de discussões coletivas em prol de todos os que estão inseridos no contexto. Assim, a autogestão dos recursos patrimoniais comunitários é uma das características desse tipo de turismo, que se alicerça na cooperação, equidade entre os membros da comunidade e distribuição dos benefícios gerados pelo turismo.

Nesse sentido, acredita-se que, através do Turismo de Base Comunitária, o saber fazer de um povo é aproveitado por meio da inclusão social, ou seja, as pessoas da comunidade são inseridas na gestão do TBC através de políticas públicas que incentivam o diálogo entre todos e os encontros interculturais de qualidade com os visitantes.

Para ilustrar esse conceito, Silva e Martins (2019), trazem como exemplo a experiência vivenciada na comunidade do Cabula, no município de Salvador, Bahia, na qual foi demonstrado o rico potencial do TBC para a construção coletiva, de maneira que a participação popular, por meio de colegiados, abriu espaço para as pessoas participarem das discussões sobre as necessidades das comunidades, a atividade turística, as necessidades de infraestrutura, serviços e legislação.

Observa-se que, dessa maneira, através do TBC é possível criar oportunidades de trabalho e renda, melhorando a condição social das pessoas com sustentabilidade, proporcionando autonomia e busca pelo crescimento individual e coletivo.

Sobre esse aspecto, Alexandre (2018) defende que é preciso também que haja envolvimento e compromisso por parte das pessoas para conservar os atrativos naturais. Além disso, parte desses indivíduos constitui a mão de obra local e essas atividades passam a ser desempenhadas por eles na gestão do TBC para melhoria de vida, de forma digna, com trabalho e renda.

Entende-se que, em uma comunidade na qual não há perspectivas de geração de trabalho e renda, o TBC pode contemplar os princípios do empoderamento comunitário, solidariedade e liberdade. Também pode ser entendido como inovação social, proporcionando aos grupos comunitários a transformação de suas realidades no que tange, principalmente, “[...] a uma forma de vida mais justa, agregada ao desenvolvimento da capacidade de gestão do processo na oferta dos serviços e produtos turísticos a serem entregues.” (ALEXANDRE, 2018, p. 98).

Desse modo é possível desenvolver inovações abertas e fechadas na forma como a atividade turística se desenvolve, através de novos negócios, estimulando o desenvolvimento econômico local. Para Takahashi (2016, p. 75), “[...] a intenção e a perspectiva dos visitantes é conhecer e aprender sobre os respectivos modos de vida da comunidade, e praticar o saber fazer, costumes, gostos, e outras curiosidades que lhes encantam”.

Essa é uma forma diferenciada de praticar a atividade turística, dissociando-a da pura visitação e incluindo-a no processo de experimentação. Nessa perspectiva, um aumento da demanda estimula uma visão inovadora, além de procedimentos de organização e qualidade no serviço oferecido.

Entretanto, Francisco Alembert de Souza Lima, coordenador do Projeto de Promoção do Turismo Social e Cultural de Base Comunitária no Sertão do Cariri, em um relatório do Ministério do Turismo, comentou: “[...] pensar no Turismo de Base Comunitária como turismo só de geração de renda é pouco. O lastro do Turismo de Base Comunitária tem sua base na diversidade cultural e nos valores humanos.” (MTUR, 2010, p.7).

Nesse sentido, o TBC quebra paradigmas do turismo na medida em que o visitante é estimulado a valorizar experiências que a comunidade poderia considerar como triviais, como por exemplo: a venda da tapioca (lanche típico da culinária nordestina) e a importância de quem a faz; o leite tirado do peito da vaca; o saber lavar as roupas no rio; e a comida feita na panela de barro. Essas atividades perpassam diversos aspectos culturais e promovem a procura pela destinação turística.

Em relação ao conhecimento e aos costumes, estes nem sempre são entendidos pelas pessoas da comunidade como atrativos para o turismo, para elas ordenhar uma vaca é algo natural, assim como abrir uma cancela e deixá-la bater, ou até mesmo andar por uma trilha e ouvir o canto dos pássaros. Sendo assim, o campo do TBC é vasto, pois todo o viver de uma comunidade se torna atrativo para os turistas.

Um exemplo atual de prática diferenciada de TBC tem sido desenvolvido na Ilha Mem de Sá, localizada em Itaporanga d’Ajuda – Sergipe, onde há um processo em andamento que busca o desenvolvimento do Ecoturismo e do Turismo Rural a partir da gestão dessa atividade com base comunitária (BRAGHINI et al, 2020).

Logo percebe-se que com o desenvolvimento do TBC, a organização de uma comunidade, mesmo em suas atividades cotidianas, passa a ser estimulada e conseqüentemente os atores são desafiados a desenvolverem-se, melhorando a realidade ao passarem por transformações positivas com o desenvolvimento dos arranjos produtivos locais¹.

Assim, nos dizeres de Lastres e Cassiolato (2005, p. 12), são requeridos:

[...] diferentes modos de coordenação, intervenção e participação, nos processos de decisão dos diferentes atores — Estado, em seus vários níveis, empresas, cidadãos e trabalhadores, organizações não governamentais etc.; e das diversas atividades que envolvem a organização dos fluxos de produção e comercialização, assim como o processo de geração, disseminação e uso de conhecimentos.

Nesse contexto, uma série de iniciativas passam a ser priorizadas através de condições econômicas sustentáveis, e a realidade da pobreza vai se modificando, caso a gestão do turismo aplique em seu processo de crescimento os conceitos de sustentabilidade, de parceria e diálogo com as comunidades. Assim, a complexidade do TBC é baseada no envolvimento das comunidades no desenvolvimento do turismo, tendo como metas e pressupostos:

¹ Empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva, algum tipo de governança e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: associações, instituições de crédito, cooperativas, grupos culturais, grupo de artesões e outros (ALEXANDRE, 2018, p. 155).

- fortalecer o TBC pelas atividades produtivas locais;
- divulgar o trabalho da comunidade na internet;
- qualificar a mão de obra local com ênfase na valorização da identidade local e do sentimento de pertencimento;
- realizar uma autogestão com foco na interação de todos os atores da comunidade, para que possam oferecer produtos diferenciados e de baixo custo.

A autogestão dos recursos patrimoniais comunitários nessa modalidade turística tem como uma das suas principais características o protagonismo, alicerçando-se na cooperação, equidade entre os membros da comunidade, e a distribuição dos benefícios gerados pelo turismo (MALDONADO, 2009).

Considera-se, contudo, que, para desenvolver atividades produtivas locais é fundamental que aconteça a interação entre os turistas e a comunidade. Fortalecer os produtos e serviços para o desenvolvimento de projetos que envolvam a comunidade no processo do turismo é um desafio, pois muitos moradores não acreditam no potencial que existe na sua comunidade. Para que as comunidades acreditem em seu potencial, portanto, é importante que as atividades voltadas para os arranjos produtivos locais sejam planejadas.

De acordo com Maia e Gomes (2020, p. 6).

O envolvimento de diversas pessoas na atividade turística requer um planejamento detalhado para possibilitar a implantação adequada dessa atividade. Dessa forma, a atividade turística terá os impactos negativos minimizados e os impactos positivos maximizados.

Todo arranjo produtivo no TBC envolve vários sujeitos sociais para a realização das atividades, e cada um desses sujeitos tem sua ideologia (considerada aqui como sinônimo de racionalidade). As categorias de ideologia são: inclusiva, de existência e alternativa capitalista (ALPES, 2019).

É como se fosse uma viagem dirigida e engajada, em uma autêntica experiência com aprendizado participativo nas artes, nas origens ou em qualquer característica específica do lugar, com uma necessidade primeira de se conectar com aqueles que residem no local e criam essa vida cultural única (UNESCO, 2006).

Assim, é preciso que a comunidade esteja preparada para participar de forma ativa e organizada dessa experiência. A divulgação de um serviço ou local cria expectativas e curiosidades. Os turistas que buscam novos desafios ficam inebriados com novas possibilidades de descobertas. São as experiências organizadas pela comunidade que aguçam a curiosidade

dos turistas e são essas estratégias que fazem a diferença em um modelo de negócio voltado para o TBC. Segundo Alpes (2019, p. 25) “[...] o Turismo de Base Comunitária é protagonizado pela Comunidade e os benefícios da atividade econômica ficam para a mesma”.

Para Azevedo (2017, p. 16), por sua vez, no TBC “[...] os atores sociais que pensam e planejam a atividade turística são transformadores de bens naturais, práticas culturais, construções humanas e cotidianos em bens de consumo.”

A partir dessa perspectiva, para divulgação, organização e gestão, com vistas à sustentabilidade de uma proposta de TBC, é preciso analisar o ambiente, traçar objetivos, ter missão e visão para os seus projetos e monitorar o negócio para adapta-se ao mercado, à competitividade, à inovação e às demandas. Para João (2020, p. 24), “[...] quando o turismo é administrado de maneira sustentável e adequada, se torna uma indústria propícia para fomentar o desenvolvimento de empreendimentos socioambientais.”

Dessa forma, a gestão do TBC deve buscar estratégias que identifiquem as oportunidades e minimizem os pontos negativos, bem como organizar um plano de trabalho com o intuito de fidelizar os seus clientes (visitantes) para o alcance dos objetivos estabelecidos (ARAÚJO, 2017).

Para Campos (2017), é importante que se crie um cenário de parcerias, dentro do qual pode ocorrer uma série de fatores baseados na análise da FOFA: oportunidades, ameaças, pontos fortes e fraquezas da comunidade, para que seja possível responder perguntas chaves e identificar impactos negativos ou positivos na gestão do TBC. Esses cuidados com o planejamento do TBC visam minimizar diferenças estabelecidas entre realidade e expectativa do consumidor da atividade turística.

Skinner (2017, p. 91), alerta que,

[...] ao longo do tempo, através dos anúncios e da mídia, as imagens geradas pelos diferentes olhares do turista passam a construir um sistema de ilusões que se autoperpetua e proporciona a esse turista uma base para que ele selecione e avalie os potenciais dos lugares que visitará.

Além do mais, a disseminação de atividades como o TBC em tempos de redes sociais se dá através de relatos de experiências de pessoas que já viveram, na prática, o destino oferecido. Configura-se, portanto, como característica básica de sucesso para o TBC, sua autogestão e governança, que buscam resultados para a melhoria da coletividade, estabelecendo laços de confiança, que “[...] ajudam a promover características fundamentais no capital social como solidariedade, parceria, respeito e afinidade” (ALMEIDA, 2017, p.13).

O conceito de inovação social ao TBC, associado à discussão da importância do envolvimento da comunidade em todas as suas etapas, tem foco na satisfação das necessidades humanas através da reorganização das relações e processos sociais (MOULEART, 2009). Por isso, faz-se necessário a existência de um processo pedagógico margeando toda a inserção da proposta junto à comunidade-alvo.

Esse entendimento parte da perspectiva de que as pessoas de uma comunidade se organizam em busca de melhorias coletivas, agregando valor ao seu saber fazer, e buscando parcerias que os ajudem a se organizarem, principalmente através de escolas e associações comunitárias. Segundo Alexandre (2018, p. 228), “[...] essa comunidade se torna referência nessa prática e as pessoas começam a interagir com a sustentabilidade. As escolas que desenvolvem projetos sustentáveis são referências.” Para Dourado; Belizário e Paulino (2015, p. 39):

[...] A reflexão sobre a escola, seu papel social, a intencionalidade da sua proposta pedagógica, a coerência entre o que preconiza e o que se faz e a ênfase na riqueza de experiências que configura o “estar sendo” escola sustentável, materializada em cada prática ou espaço educativo, são referências para embasar a ideia de espaços educadores sustentáveis.

Quanto às associações, o próprio conceito de associação comunitária já tem os princípios do TBC em seus fundamentos (CORIOLANO, 2009; BARTHOLO, 2009; MTUR, 2010), conforme se confirma na citação de Alexandre (2018, p. 18), quando diz que:

[...] A organização de autogestão para associativismo e cooperativismo; democratização de oportunidades e benefícios; centralidade da colaboração, parceria e participação; valorização da cultura local e, principalmente do protagonismo das Comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, o que por si aponta sua adequação para atuar como agente de sustentação e aporte ao desenvolvimento do TBC nas comunidades.

Vários são os exemplos nos quais essas organizações desempenham papel fundamental na promoção da comunidade como protagonista de seu desenvolvimento. Foi o que aconteceu no Município de Lençóis, localizado a 410 km a oeste de Salvador, Bahia.

O roteiro criado na região, intitulado, “Encantos da Chapada Diamantina”, proporciona experiências de TBC de maneira que as pessoas locais, além de morar, cuidam do patrimônio ambiental, pois é ele que contribui para o desenvolvimento da renda. Ali, a comunidade

participa de capacitações que têm como proposta a formação de condutores locais. (CARDOSO, 2020).

As pessoas vão se envolvendo nas atividades, se fortalecem enquanto nativos e assumem a sua identidade local, se tornando protagonistas das suas comunidades. De acordo com Silva, Malta e Sá (2016, p. 16),

[...] Essas pessoas são protagonistas de todo o processo de organização e gerenciamento do turismo, significando que a gestão do Turismo é de Base Comunitária na qual emergem roteiros e serviços criados pelas pessoas a partir do legado cultural, das habilidades e dos saberes populares, ao tempo em que eles são também os negociadores e anfitriões, sem a necessidade de intermediários.

De forma semelhante, cita-se a Associação Grãos de Luz, criada em Lençóis, que desenvolve um projeto pedagógico de educação não formal nas comunidades da região, inspirada no Griô, um personagem mítico que percorria os sertões da África contando as histórias do seu povo (SILVA, 2009).

Já no Município de Itaetê, Bahia, os assentados que residem nas comunidades de Baixão, Europa e o Rosely Nunes (ICMBIO, 2018, p. 6),

Usufruem da experiência turística oferecendo um roteiro que é realizado em três dias, no qual a comunidade disponibiliza aos visitantes alimentação e hospedagem em pousada comunitária, além dos passeios tranquilos e de aventura. Nesse roteiro, é possível conhecer a fabricação de rapadura, participar da fabricação da farinha de mandioca, e comprar produtos naturais da roça.

De acordo com a analista Marcela de Martins, do Instituto Chico Mendes (ICMBIO, 2018, p. 6):

A experiência do TBC proporciona bem-estar ao visitante e satisfação ao anfitrião. Essas pessoas assentadas lutaram de forma pacífica pelo direito de viver e trabalhar na terra. Hoje eles possuem casa de farinha comunitária, fábrica artesanal de rapadura orgânica, pousada comunitária e fabricação de alimentos derivados do aipim.

Paralelamente, os filhos dos assentados passam pela experiência de serem jovens empreendedores, que buscam parcerias para o fortalecimento tanto do destino quanto do escoamento de seus produtos (SOUZA; SANTOS, 2018).

Conforme Costa (2016), outras experiências vivenciadas no Ceará apontam que o turismo vai além de uma relação comercial, pois as comunidades são marcadas pela resistência

de grupos tradicionais. Estudos apontam que tanto comunidades litorâneas como do sertão do Estado desempenham atividades de TBC, a exemplo da Rede Tucum, na Prainha do Canto Verde, próximo à reserva extrativista (RESEX), localizada em Beberibe – Ceará, Alagoas.

A Rede Tucum foi criada em 2018, abrangendo 13 comunidades, e organiza a gestão do TBC levando a oportunidade as populações tradicionais possuírem o controle efetivo sobre o Turismo e desenvolvimento na zona costeira do Ceará. São as pessoas da comunidade que são responsáveis pelo planejamento e gestão das atividades, estruturas e serviços turísticos propostos (SOUZA; SANTOS, 2018).

Segundo Beatriz Góes, integrante da Coordenação da Rede, “[...] o projeto conta com a parceria de institutos ambientais e pesquisadores.” (SOUZA; SANTOS, 2018, p. 378). As decisões são tomadas em conjunto e a comunidade procura proteger seu patrimônio natural e promover o desenvolvimento socioambiental.

Além de caminhadas ecológicas, a história da Prainha do Canto Verde é uma das atrações do TBC. As tradições são conservadas e a comunidade entende o TBC como estratégia de garantia de território e oportunidade (SOUZA; SANTOS, 2018).

Logo, a participação das pessoas na gestão do TBC junto às associações comunitárias tem papel fundamental, ao apontar necessidades e sugerir melhorias, tendo como diferencial a concentração de suas forças nas comunidades em busca de interesses comuns (ALEXANDRE, 2018). Nessa perspectiva, o turismo comunitário no Ceará busca fortalecer a relação entre sociedade, cultura e natureza, com justiça ambiental.

Outro projeto cearense que tem dado certo, no qual a comunidade tem autonomia para acatar ou não as sugestões que lhes são propostas, acontece em Nova Olinda, no Vale do Cariri, interior do sertão cearense, a 50 km de Juazeiro do Norte, Ceará, e a 560 km de Fortaleza.

O Projeto Sítio Mitológico ganhou como atração o Memorial do Homem Kariri, que está mudando a vida de várias famílias da região por meio de atividades culturais. Desde 1992, a entidade oferece as crianças da comunidade aulas de música, teatro e comunicação, como a produção de vídeos, documentários, programas de rádio e de TV (SOUZA; SANTOS, 2018).

Para o ex-diretor da biblioteca, hoje gerente do Memorial Homem Kariri, o foco do memorial é o desenvolvimento dos alunos, eles vão aprendendo várias coisas, comunicação, arqueologia, arte, design. O acompanhamento vai do primário ao ensino superior, inspirando os estudantes na hora de escolher o curso. Além disso, a organização dedica um percentual de sua arrecadação ao transporte universitário, oferecendo ainda programas de formação continuada, nos quais desenvolve atividades de complementação escolar através dos Laboratórios de Conteúdo e Produção (ALVES, 2018, p. 33).

Nessa região, os serviços do TBC são ofertados pela Cooperativa Mista dos Pais e Amigos dos Meninos da Fundação Casa Grande (COOPAGRAN), que é formada por pais dos meninos e meninas ali atendidos.

São os associados, ou seja, as pessoas da comunidade, que produzem e comercializam souvenirs e artesanatos, também têm ao seu dispor a lojinha Cantina da Bodega e pousadas domiciliares. A própria Fundação Casa Grande, é um exemplo de integração entre o Turismo de Base Comunitária e escola que se preocupa com o desenvolvimento sustentável das pessoas. Entre os seus objetivos, a educação como liberdade é prioridade, pois proporciona aos estudantes autonomia e conhecimento, levando-os a “abrir o olhar” para conhecer cada vez mais o projeto. Desde cedo, quando os meninos e meninas chegam à fundação, já recebem uma função como, por exemplo, recepcionista, monitor entre outros (TAUMATURGO et al. 2019, p. 93).

Para Lima (2019), se a comunidade aprende a agregar valor ao seu produto/serviço, o visitante lhe proporcionará lucro e, também, reconhecimento pelas atividades produzidas.

Os recursos gerados no Sítio Mitológico são administrados pela COOPAGRAN e divididos de modo a garantir um retorno para a comunidade. Nessa divisão, 10% são para a administração da cooperativa; 10% vão para o fundo de educação e financiamento do transporte escolar, restando 80% para reposição da matéria prima, investimento em infraestrutura e manutenção familiar (ALVES, 2018).

O projeto é considerado exitoso, pois integra a comunidade, garante ao visitante a oportunidade de convívio com moradores em hospedagens domiciliares, oferecida pela COOPAGRAN, tendo como foco a preservação da identidade local dos moradores. Essa é a perspectiva que o turismo comunitário traz, no sentido de encontro de identidades entre moradores e visitantes, mas especialmente entre as pessoas envolvidas em ações e objetivos comuns na comunidade (IRVING, 2008).

O TBC traz, assim, a necessidade de uma (re)invenção do modelo de gestão, passando a promover as localidades com o entendimento de que todas as partes são importantes para o desenvolvimento, que só será sustentável se o pensar for coletivo (ALEXANDRE, 2018).

No conceito de Charlot (2000, p. 33), o homem “[...] é um ser singular, com uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido, à posição que ele ocupa nele”. É o que acontece na região, permitindo que o turista conheça a cultura e as tradições dos povos do Sertão do Cariri, ao visitar oficinas de artesanato e produtos típicos da região. Assim, os visitantes podem desfrutar de caminhadas no meio ambiente natural e banharem-se nos rios próximos. As atividades do TBC desenvolvidas no Sertão do Cariri têm

como protagonistas pais, mães e alunos, ou seja, é desenvolvido pela comunidade.

1.1.1 Turismo de Base Comunitária: perspectivas na educação escolar e na comunidade

Na visão de Leff (2003), a educação tem que ser vista como prática de liberdade, exigindo do professor uma postura crítica como condição básica para o desenvolvimento da aprendizagem, baseado nas expectativas e necessidades do seu alunado.

Sendo assim, quando a construção do conhecimento é compartilhada, ela se fortalece e fica fácil de ser compreendida coletivamente. Para Oliveira e Neiman (2020, p. 42), “[...] cabe ao educador, portanto, ficar atento às necessidades do educando, fazendo leituras críticas da realidade social na qual atua, baseando-se nas suas habilidades e competências”.

Acredita-se que a gestão do Turismo de Base Comunitária através da educação proporciona, e requer, diálogo entre estudantes e a realidade vivida, a partir de uma relação horizontal, fazendo com que as diferenças entre professor, aluno, escola e comunidade proporcionem liberdade de expressão (ILHA, 2014).

Nesse caso, é relevante perceber as necessidades reais dos alunos e articulá-los a compreender o presente, mas com perspectiva para o futuro, acompanhando os avanços da tecnologia e alinhados à sustentabilidade pela prática educativa na comunidade (OLIVEIRA, 2016).

Para Freire (1996, p.12), “[...] aprender na comunidade, com ela e para ela, significa usar a história da sua própria região, exteriorizando a cultura do silêncio. É aí que acontece o aprender a engajar-se na sua própria região, tornando-se consciente da situação sociopolítica [...]”.

Ao defender a educação crítica, reflexiva e acima de tudo transformadora, Paulo Freire, apregoa que “a prática do professor deve ser voltada para as habilidades sociais e políticas, desenvolvendo no educando a capacidade de decidir” (FREIRE, 1996, p. 26). Assim, todas as ações educativas realizadas na gestão do TBC, devem estar ligadas as relações sociais, objetivando uma consciência crítica que proporcione liberdade, e superação através da atividade turística

Ainda de acordo com o autor, o diálogo

[...] é uma exigência existencial. Se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco se tornar simples troca de ideologias [...] (FREIRE, 2005, p. 91).

A pedagogia libertadora de Paulo Freire tem como princípio, a certeza de que a educação é um ato político, na construção do conhecimento, objetivando uma sociedade justa, humana e solidária, ou seja, luta pela liberdade e igualdade. Este modelo de aprendizagem envolve o estudante, valorizando suas ideias, sentimentos, valores, cultura, experiências e meio social. (FREIRE,1991).

Nas palavras do autor, “A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, 1997, p. 38). Dentro desse pressuposto, o professor exerce um papel fundamental na vida do estudante, quando assume a posição de mediador do conhecimento, estimulando-o a participar ativamente do processo da aprendizagem.

Em vista disso, a aprendizagem abrange um processo de crescimento e desenvolvimento da pessoa em sua totalidade, abarcando minimamente quatro grandes áreas: a do conhecimento, a afetivo-emocional, a de habilidades e a de atitudes e valores (OLIVEIRA, 2013).

Essa forma de enxergar a educação como processo libertador, corrobora com as características essenciais do TBC, à medida que princípios como protagonismo, autonomia, problematização e reflexão da realidade podem ser trabalhados com a escola e com a comunidade em favor de uma gestão de Turismo de Base Comunitária (SILVA, 2020).

Para ilustrar essa relação, tem-se como exemplo, o projeto realizado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que promove periodicamente o Encontro Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária (ETBCES), um projeto de extensão, ensino e pesquisa efetuado no Cabula, Bahia, e bairros adjacentes (SILVA, 2020).

Segundo Silva (2020), no Projeto Criativo, na Escola Estadual Visconde de Itaparica, os alunos têm autonomia para relatar sua história e a do Cabula. A ação tem por finalidade a investigação e a valorização da cultural local, encorajando crianças e jovens a transformarem suas realidades, reconhecendo-os como autores e atores de suas próprias mudanças.

[...] dentre as diversas ações do projeto, em sua décima edição, em 2020, foi realizada a rede de colaboração e sustentabilidade local, no Colégio Estadual Helena Magalhães, no Bairro do Beiru, Município de Tancredo Neves. Outra ação sucedida no âmbito do TBC pela UNEB envolveu a Escola Estadual Visconde de Itaparica, na qual foi desenvolvido um Projeto de Turismo de Base Comunitária na comunidade cabula – TBC Cabula. A perspectiva do projeto é expor uma proposta de ação multi e interdisciplinar oportunizando, a comunidade do Cabula desenvolver o TBC em parceria com a escola, estabelecendo um elo com os projetos pedagógicos e integrando as pessoas, que juntos poderão desvendar caminhos alternativos para a sustentabilidade (SILVA, 2020, p. 11).

O protagonismo, a empatia, a criatividade e o trabalho em equipe são os pilares centrais deste projeto que busca envolver e estimular educandos e educadores de diferentes áreas no engajamento e na atuação em suas comunidades (SILVA, 2020).

Com a perspectiva de integração dos diversos sujeitos sociais que compõem o universo do projeto TBC Cabula, todo o processo visa que os estudantes possam atingir o crescimento pessoal em conjunto com o desenvolvimento e a valorização da comunidade na qual estão inseridos. Espera-se, dessa forma, que com a junção das forças sejam alcançados os resultados esperados e que os discentes passem a ser protagonistas de sua própria história (SILVA, 2020).

Nesse sentido, ao desenvolver o TBC junto aos alunos e comunidade, o saber fazer passa a ter significado e a descoberta das competências vai acontecendo gradativamente. Para Silva (2020), a criação do TBC em parceria com a escola contribui e desafia os educandos a aprenderem de forma interdisciplinar, levando-os a refletirem sobre a importância da sustentabilidade em prol do meio ambiente.

Conforme Gomes (2014) apregoa, ao trabalhar o TBC com a escola, é possível promover discussões junto aos estudantes sobre o trabalho e renda na comunidade, seja pela coleta de resíduos sólidos para transformação do material coletado em artesanatos, com foco para agregação de valor, ou até mesmo pela organização dos estudantes junto às associações para recepção dos turistas na comunidade. Assim, por meio da criação do TBC, uma comunidade pode superar a insustentabilidade existente pela falta de trabalho e renda.

Fazendo um paralelo entre as experiências relatadas e os dizeres teóricos apresentados nessa seção, no tocante aos alunos da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, na comunidade de Ponte de Itabatinga, local desta pesquisa, observa-se que muitos deles não concluem os seus estudos e não encontram possibilidades de desenvolvimento na região. Outros perdem o interesse no ensino formal por falta de perspectiva de vida.

Nesse sentido, é preciso realizar um trabalho pedagógico interdisciplinar, nos quais os alunos e a comunidade sejam os protagonistas. A escola deve ser vista, assim, como um ambiente de formação de cidadãos reflexivos e críticos, apropriando-se de um papel fundamental na construção de uma relação saudável entre natureza e sociedade, e, conforme Carvalho (2012), o professor pode assumir um papel relevante na formação desses estudantes, utilizando da sua experiência e refletindo sobre ela a fim de reconhecer problemas e propor soluções.

A partir dessa visão, Perrenoud (2002, p. 11) afirma que:

Ele [o professor] não conhece de antemão a solução dos problemas que

surgirão em sua prática; deve construí-la constantemente ao vivo, às vezes, com grande estresse, sem dispor de todos os dados de uma decisão mais clara. Isso não pode acontecer sem saberes abrangentes, saberes acadêmicos, saberes especializados e saberes oriundos da experiência.

Mediante o exposto, nota-se a necessidade da formação de um educador crítico-reflexivo que possa auxiliar na transformação do estudante, permeando o ensino através de metodologias essenciais às novas concepções em educação voltadas para a realidade.

1.2 As Metodologias Ativas na escola

Diante dos novos desafios do século XXI, a educação buscou novos caminhos e ferramentas para se reinventar. Um desses caminhos são as chamadas Metodologias Ativas, em que o aluno deixa de ser passivo no processo de aprendizagem e se torna um agente ativo na construção do seu conhecimento (GONCALVES, 2020).

O uso das Metodologias Ativas no ensino como processo de aprendizagem, baseia-se em novos procedimentos, utilizando experiências reais ou simuladas, objetivando criar soluções em diferentes contextos e desafios anteriores das atividades essenciais da prática social (BERBEL, 2011).

Para Diesel, Baldez e Martins (2017), a troca de experiências entre docentes e discentes, proporcionada por esse tipo de prática pedagógica, pode despertar a curiosidade dos discentes, levando-os a se interessarem pela efetividade da aprendizagem. À medida que isto ocorre, o professor promove a autonomia do aluno e o encoraja à busca de soluções e novas descobertas, tanto individualmente quanto em grupo.

Ainda de acordo com os autores, a aprendizagem ativa surge, assim, para contestar um dos problemas da educação tradicional, que paira no fato dos alunos praticamente não serem estimulados a pensarem autonomamente, razão pela qual Freire (2011), defende a mediação entre professor e aluno através da Pedagogia da Autonomia. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017).

Conforme nos alerta Nunes (2018), o ato de aprender é um processo de reconstrução que permite a utilização dos saberes tácitos através da troca de experiência entre professor e aluno. É o momento em que a aprendizagem se torna significativa, criando um elo de confiança que leva o educando a ser protagonista de sua própria construção.

De acordo com Moran (2015, p. 15),

As Metodologias Ativas priorizam o envolvimento maior do aluno, seja com

o ensino por projetos de forma mais interdisciplinar, ou com o ensino híbrido (*blended learning*), tal como a sala de aula invertida ou outros modelos inovadores, disruptivos, sem disciplinas, que redesenham o projeto, os espaços físicos.

Nesse sentido, a própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2020, compromete-se com a construção de processos educativos que promovam aprendizagens voltadas para as necessidades e interesses dos alunos. A BNCC destaca que, diante dos desafios da sociedade contemporânea, é preciso formar alunos autônomos que conheçam sua capacidade de aprendizagem.

Ainda sob a ótica de Moran (2015, p. 17):

“[...] ao querer que os alunos sejam proativos, é preciso adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes”.

Para serem criativos, eles precisam experimentar novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. Dessa forma, as metodologias baseadas em atividades, desafios, problemas e jogos ajudam cada aluno a aprender no seu próprio ritmo e necessidade e, ao mesmo tempo, levando-o também a aprender com os outros, em grupos e projetos, com supervisão de professores orientadores (MORAN, 2015).

O autor defende ainda que, a partir das Metodologias Ativas, o aluno deixa de ser espectador e passa a ser incluído no processo de aprendizagem, que exige “[...] pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo.” (MORAN, 2015, p. 42).

No entanto, é necessário o acompanhamento direto do professor que, por sua vez, deve estar preparado, melhorando suas habilidades e práticas de ensino, para mediar o processo de aprendizagem, incentivar os estudantes a resolverem as atividades de forma autônoma propondo a resolução de situações concretas (MORAN, 2015).

Quando os alunos são estimulados a observarem tudo que lhes cercam, eles aprendem a adquirir respostas para soluções dos problemas mediante a observação da realidade. Nesse sentido, conforme os ensinamentos de Freire (1998), o diálogo aberto é uma oportunidade para que os alunos exponham suas dificuldades, fraquezas e limitações.

No que concerne à Metodologia da Problematização, esta trata-se de uma metodologia pedagógica que privilegia a participação do sujeito enquanto membro ativo, tanto no diagnóstico do problema a ser resolvido como na busca e aplicação da solução que resultará no

seu aprendizado (BORDENAVE; PEREIRA, 2020), sendo por isso uma alternativa para atividades que objetivem a interação e o envolvimento dos aprendizes na realidade do seu entorno, ou seja, a comunidade na qual ele faz parte.

Para Berbel (1998, p. 144), a Metodologia da Problematização

[...] constitui-se uma verdadeira metodologia, entendida como um conjunto de métodos, técnicas, procedimentos ou atividades intencionalmente selecionados e organizados em cada etapa, de acordo com a natureza do problema em estudo e as condições gerais dos participantes. Volta-se para a realização do propósito maior que é preparar o estudante/ser humano para tomar consciência de seu mundo e atuar intencionalmente para transformá-lo, sempre para melhor, para um mundo e uma sociedade que permitam uma vida mais digna para o próprio homem.

O idealizador da Metodologia da Problematização foi o engenheiro francês Charles Maguerez, que em 1959, se deparou com o desafio de profissionalizar adultos analfabetos para trabalharem nas regiões do deserto marroquino e do Saara. Além de aprender o idioma local, eles teriam que assimilar a cultura e se apropriarem dos conhecimentos específicos dessas áreas (BORDENAVE; PEREIRA, 2010).

Conforme relata Maguerez (2012, p. 13),

[...] nos anos 1960-1970, o método era uma maneira de ensinar as pessoas a adquirirem um conhecimento, que era empregado por elas na prática. Segundo o autor, o método deve levar em consideração as características do público a ser alfabetizado e os conhecimentos a serem aprendidos, não podendo alfabetizar adultos da mesma forma como as escolas da época alfabetizavam as crianças. Uma das principais ferramentas utilizadas para aplicação da metodologia da problematização é o Arco de Maguerez, que será apresentado na próxima seção.

Importante dizer que a Metodologia da Problematização

[...] é caracterizada como ativa, onde o discente é a peça central no processo de ensino-aprendizagem. O diferencial da proposta são as interações trazidas por ela, como a relação existente entre aluno/professor e, especificamente, entre aluno/comunidade, permitindo a construção coletiva e concreta de pertencimento ao lugar, fornecendo subsídios para o enfrentamento de problemas relacionados à realidade local. (SANTOS et al. 2017, p. 266).

1.2.1 Metodologia da Problematização – o Arco de Maguerez

A problematização “[...] é entendida como um conjunto de métodos, técnicas, procedimentos ou atividades, intencionalmente selecionados e organizados em cada etapa, de acordo com a natureza do problema em estudo, assim como as condições gerais dos participantes” (BERBEL, 1998, p. 144).

A problematização ocorre por etapas distintas e encadeadas a partir de um problema detectado na realidade. Nesse sentido, volta-se para a realização do propósito maior que é preparar o estudante/ser humano para tomar consciência de seu mundo e atuar intencionalmente para transformá-lo, sempre para melhor, objetivando um mundo e uma sociedade que permitam uma vida mais digna para o próprio homem (COSTA, 2020).

De acordo com Colombo e Berbel (2007, p. 123), “[...] o Arco de Maguerez, considerado como base para a aplicação da Metodologia da Problematização, foi elaborado na década de 1970 do século XX, e tornado público por Bordenave e Pereira (1989) a partir de 1977, foi utilizado modernamente na época pela área da educação”.

Berbel (2007) identificou em seus estudos que, desde a década de 1990, o Arco de Maguerez era difundido através do livro de estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas por Bordenave e Pereira (1982).

O livro de Bordenave e Pereira (1982) foi, por muito tempo, o único disponível nos meios acadêmicos sobre o Arco de Maguerez, aplicado como um caminho de educação problematizadora. O Arco de Maguerez (figura 1) é representado por um diagrama em formato circular, dividido em cinco etapas: observação da realidade, pontos-chave, teorização, hipóteses de solução, e aplicação à realidade.

Figura 1 – Metodologia da Problematização apresentada através do Arco de Maguerez



Fonte: Bordenave e Pereira (2002).

A observação da realidade é o primeiro passo da Metodologia da Problematização. Nessa etapa, a proposta é levantar junto com os estudantes uma problemática partindo da observação da realidade sob diferentes ângulos (BERBEL, 2007).

Na segunda etapa serão levantados os pontos-chave, momento no qual os educandos devem refletir sobre o problema encontrado e qual foi a causa do problema, analisando os aspectos a serem desenvolvidos na etapa seguinte. De acordo com Berbel (1995, p. 142),

[...] Os alunos devem ser orientados pelo professor a olhar atentamente e registrar sistematicamente o que perceberem sobre a parcela da realidade em que aquele tema está sendo vivido ou acontecendo, podendo para isso serem dirigidos por questões gerais que ajudem a focalizar e não fugir do tema.

Na terceira etapa acontece a teorização, que se caracteriza pela “[...]análise da estrutura e causas do problema para buscar possíveis soluções por meio de estudos, fazendo reflexões sobre o caso.” (BERBEL, 1995, p. 122).

É nessa etapa que são realizadas as discussões sobre as causas dos problemas, sendo preciso “[...] desenvolver pesquisas, utilizando diferentes autores, para então chegar à compreensão do problema de forma científica, sendo preciso elaborar melhor as respostas para solucionar o problema em questão.” (BORDENAVE, 1998, p. 25, 142). Segundo Berbel (1995), nessa etapa o aluno usa a realidade para aprender com ela, ao mesmo tempo em que se prepara para transformá-la.

Na quarta etapa, devem ser criadas as hipóteses de solução, elaboradas de forma fundamentada pelos estudos realizados na etapa anterior, podendo surgir a necessidade de retornar ao campo para aplicar a situação inicial, de uma forma mais segura, a partir da tomada de consciência sobre o desconhecimento dos conceitos apresentados (BERBEL, 1998). Segundo Berbel (2007, p. 125), nessa etapa “[...] a criatividade e originalidade devem ser bastante estimuladas para se pensar nas alternativas de solução.”

Na quinta etapa acontece a aplicação à realidade. É a hora das práticas concretas que foram planejadas para resolver o problema (BERBEL, 2011). Sendo assim, é na finalização do Arco que se encaixam todas as etapas, promovendo um resultado pautado na realidade. O Arco de Magueres auxilia a formação discente contextualizada e ampliada, e se caracteriza como uma metodologia de ensino e aprendizagem que possibilita a construção do conhecimento pelo próprio aluno (COLOMBO; BERBEL, 2007).

A Metodologia Ativa da Problematização vem sendo aplicada em pesquisas e projetos educacionais, dos quais podem ser trazidos alguns exemplos, a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, cujo título é “Aproximações entre o Arco de Magueres e

as atividades de Educação Ambiental na Escola: Limites e Possibilidades”.

De acordo com a autora da dissertação, Verona (2009), a realização da primeira etapa exigiu que os muros da escola fossem superados a fim de possibilitar aos alunos a observação das proximidades do local onde estudavam, com o objetivo de identificar os problemas, nesse caso os ambientais, que por sua vez, nortearam o restante do trabalho. Trata-se de uma atividade ímpar, na qual os alunos são estimulados a “olhar atentamente” tudo aquilo que os cercam.

De acordo com o estudo, alguns alunos demonstraram dificuldades em responder questões na etapa da observação. No entanto, segundo Verona (2009), nos pontos-chave foi realizado o levantamento dos “porquês” relacionados ao problema selecionado nas proximidades da escola, potencializando a criação de um espaço para a discussão e exposição das ideias dos estudantes, na busca por despertar neles o senso crítico e a reflexão sobre os possíveis fatores associados ao problema ambiental. Por sua vez, todas as etapas do Arco de Magueréz foram alcançadas durante a pesquisa, e várias disciplinas foram ministradas. (VERONA, 2009).

Um outro exemplo é o artigo com o título ‘Metodologia da Problematização com o Arco de Magueréz: saberes de professores pertencentes à Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai’. O artigo analisa o conhecimento de professores da educação básica da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Uruguai) sobre Metodologias Ativas.

É uma pesquisa qualitativa, que se utilizou de questionários semiestruturados e para tratamento dos dados a Análise de Conteúdo. Participaram 96 docentes do Ensino Fundamental com etapas semelhantes aos demais países.

Segundo Viçosa et al. (2020, p. 80), autores do artigo,

[...] os resultados indicaram um expressivo número de docentes que afirmam não conhecer sobre o tema pesquisado, porém assentiram em se apropriar do tema, por meio de uma formação, na perspectiva de melhorar sua prática docente. Conclui-se que existe uma expressiva lacuna relativa ao conhecimento sobre Metodologias Ativas, principalmente sobre a Metodologia da Problematização com Arco de Magueréz.

Observa-se, portanto, que a Metodologia da Problematização é um caminho que tem proporcionado reflexão e autonomia tanto para estudantes quanto para professores.

Em Sergipe, tem-se como exemplo o artigo publicado na Revista Brasileira de Educação Ambiental, com o título ‘Educação ambiental na Escola e no parque: experiências com o Arco de Magueréz na educação básica’. O projeto versou sobre a relação socioambiental entre alunos(as) do 6º ano, de uma Escola Municipal da Grande Aracaju, e o Parque Natural

Municipal do Poxim (PNMP), por meio da Metodologia da Problematização.

Segundo as autoras do artigo, Brandão e Santos (2021), a pesquisa partiu da necessidade de investigar as relações existentes entre os(as) estudantes de uma escola pública de Aracaju situada nas proximidades do Parque Natural Municipal do Poxim (PNMP) instituído por Lei municipal (Decreto nº 5370, de agosto de 2016) e o próprio parque. Por sua vez, no entorno do PNMP está situado o Rio Poxim, “[...] um manancial, pertencente à sub-bacia hidrográfica do Rio Sergipe que serve de suporte para o consumo humano e animal, para irrigação em propriedades rurais e para uso industrial” (BRANDÃO; SANTOS, 2021, p. 411).

O estudo proporcionou para os(as) estudantes, a oportunidade de observar o Rio Poxim e seu afluente, o Rio Pitanga, que têm sofrido influência da antropização. Assim, os(as) alunos(as) fizeram registros escritos seguindo um roteiro de campo, com questões sobre a descrição do local de visita, sensações durante o tempo de permanência nos locais e existência ou não de alterações do ambiente provocadas pelos seres humanos (BRANDÃO; SANTOS, 2021).

De acordo Brandão e Santos (2021), os estudantes afirmaram nunca terem ido visitar esses locais em ações de Educação Ambiental promovidas pela escola, apesar da proximidade e deste ser adequado para o emprego de Metodologias Ativas com foco em Educação Ambiental. Nesse sentido, observa-se que o uso da Metodologia da Problematização é um caminho que ajuda no processo de entendimento dos estudantes, que ao vivenciarem os problemas no entorno de sua comunidade, fazem uma leitura crítica da real situação dos Pontos observados.

Nesse contexto Brandão e Santos (2021, p. 425) esclarecem que “[...] os(as) alunos(as) foram capazes de realizar todas as etapas do Arco de Maguerz. As ações revelaram o quanto a metodologia promoveu o protagonismo e a criticidade dos(as) alunos(as) sobre um Parque que deveria fazer parte do cotidiano da escola”. Ainda segundo as autoras,

[...] o Método do Arco permitiu que os(as) alunos(as) enxergassem o PNMP e seu entorno como um local dotado de problemas socioambientais e que exige tomada de providências por parte da gestão pública do município. Fato representado na carta supracitada realizada pelos alunos, que mostrou, enquanto produto final deste trabalho, a capacidade da EA Crítica ser trabalhada mediante o uso de metodologias ativas, de transformar sujeitos que estão dentro da escola, para além dos seus muros (BRANDÃO; SANTOS, 2021, p. 425).

Outro exemplo se deu com a pesquisa intitulada “A aplicabilidade da Teoria da Problematização com o Arco de Maguerz na Educação de Jovens e Adultos”, tendo como

finalidade promover o protagonismo dos estudantes. De acordo com Silva et al. (2020), autores do estudo, os resultados apontam que o emprego desta teoria na Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para a formação de alunos cômnicos de seu papel na sociedade. Além da produção de conhecimentos mediada pelo professor, esta metodologia permite que os alunos se desenvolvam.

Nesse sentido, ao trazer a proposta de uma reflexão para o TBC, utilizando a Metodologia da Problematização na Escola Joana Almeida Pinto, é preciso levar em consideração que o Turismo de Base Comunitária é uma atividade complexa, que exige iniciativa por parte dos alunos envolvidos na pesquisa. Desse modo, é preciso envolvimento pessoal, despertando nos alunos a consciência de que o maior estímulo para sua aprendizagem é sua própria autonomia.

A motivação em participar da formação na aquisição de novos saberes está relacionada à adoção de atitudes que modifiquem a prática. Essa mudança deve ir além do discurso e abranger o que se torne uma estratégia constante na prática.

Cordel – Caminhos

No decorrer da viagem
Muitos caminhos e direções
Um povo acolhedor
Uma escola que nutre amor

As riquezas naturais
Rio Patioba rio Tabatinga
Ou os encantos do rio Cajueirinho
Rios: Pilão, Marcanáí Dendé.

A praia de Costa Azul
O vapor da natureza
O esplendor do rio Real
Uma infinita beleza

A luta do pescador
O labor do agricultor
Histórias de superação
Que o povo trás no coração

Na trilha da linha verde
Se encontra a Joana
Onde estudam tantos
Josés, Marias e Marianas.

Autora: Alda Cristina

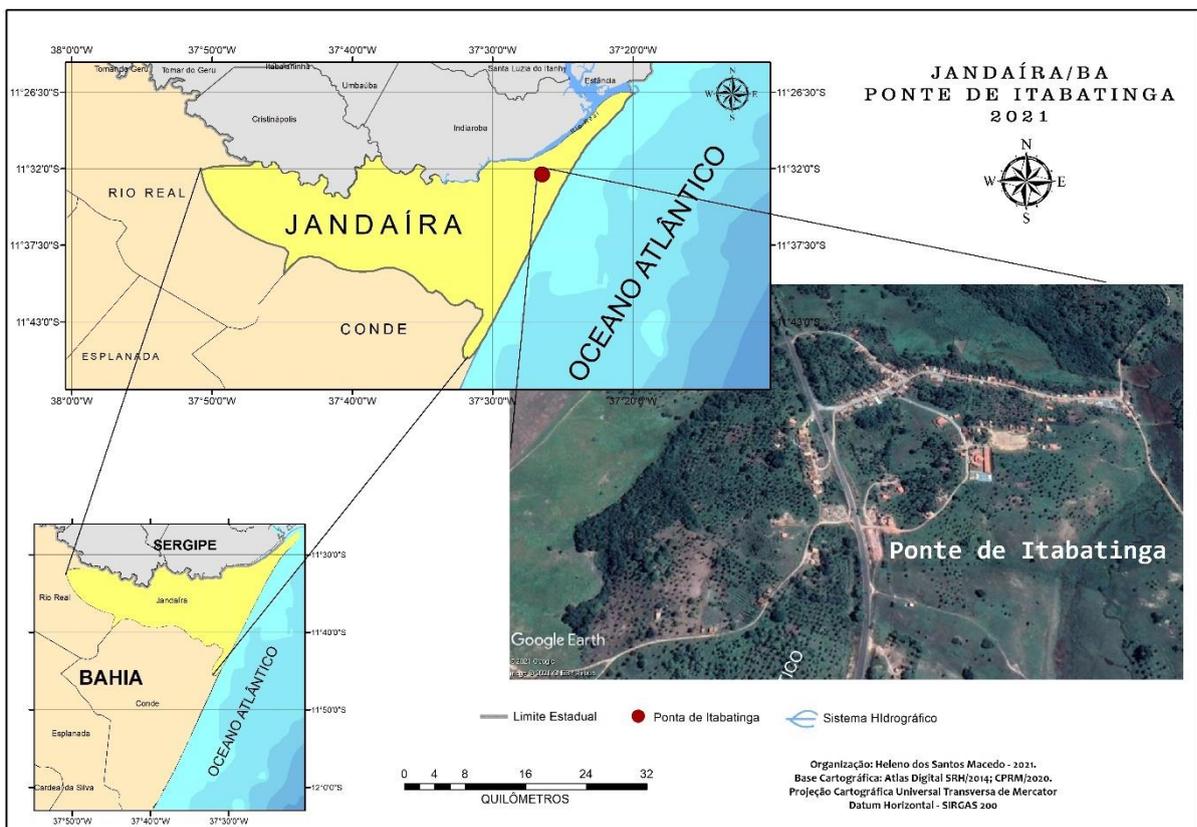
2 DESVENDANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA

Neste capítulo é apresentada a caracterização do município e seu potencial turístico, bem como a caracterização da área de pesquisa e suas potencialidades para o TBC; a proposta metodológica; o método de abordagem da pesquisa; as etapas da pesquisa com a utilização do Arco de Maguerez; e, por fim, apresenta-se o método de análise de dados.

2.1 Caracterização da Área de Estudo

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Joana Almeida Pinto, no povoado de Ponte de Itabatinga, que fica localizada às margens da Linha Verde (BA- 099) no Município de Jandaíra, Bahia (figura 2).

Figura 2– Localização do Povoado de Ponte de Itabatinga, em Jandaíra/BA



Fonte: Heleno dos Santos Macedo (2021).

Essa região era composta por fazendas produtoras de cana-de-açúcar: Fazenda Patioba, Engenho, Tabatinga, Garapa entre outras. Atualmente o lugar se encontra bem diferente, não

se cultiva mais a cana de açúcar e não há mais elementos na paisagem que retratem os engenhos de outrora. A agricultura é considerada como fonte de renda pelas pessoas do povoado.

A sua maioria vive da agricultura com forte relevância na produção de coco, bananas e o plantio da mandioca. Além disso, cultivam em menor escala: laranja, maracujá, milho, amendoim e feijão. Ressaltando, que o plantio da mandioca tem forte relevância nessa região, representando um papel importante na geração de emprego e renda pela cultura do saber fazer farinha de forma artesanal.

Para Oliveira, Santos e Zuliane (2019, p. 65), “[...] dessa forma, a relação do cultivo de mandioca em regiões com menor desenvolvimento econômico, como o Nordeste, consiste em uma estratégia para alavancar a renda e promover segurança alimentar”. O clima da região é do tipo tropical úmido, apresentando elevada seca no verão segundo a classificação climática com temperatura que atingem a média de 27°C nos meses mais quentes (SEMEC, 2016). Localizada às margens da Linha Verde (figura 3).

Figura 3 – Imagem panorâmica do povoado Ponte de Itabatinga as margens da Linha Verde em Jandaíra, Bahia (2022).

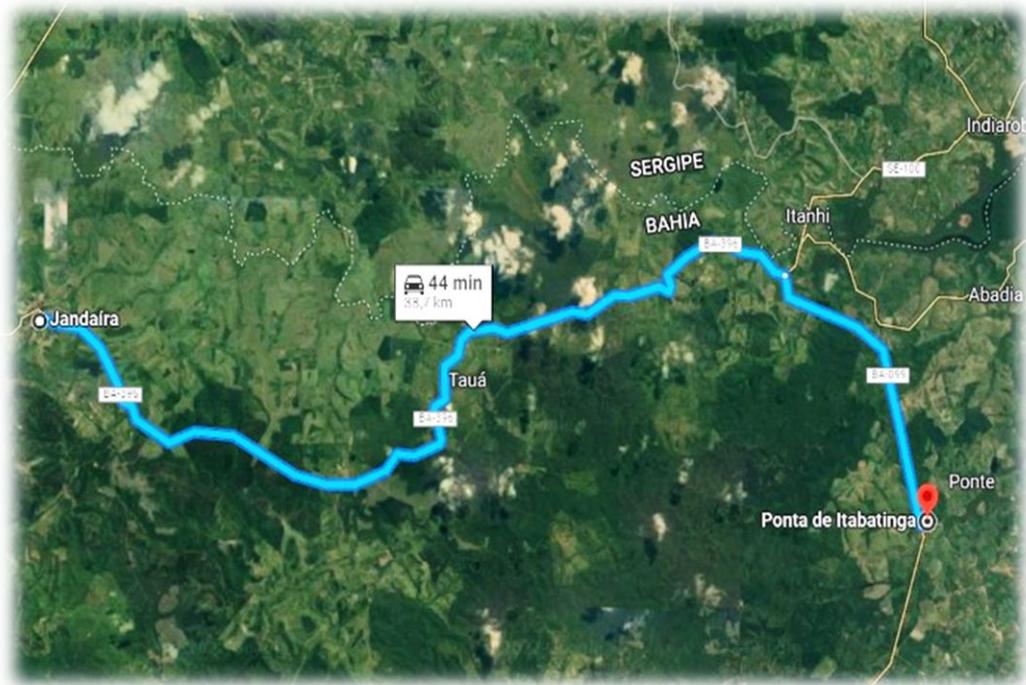


Fonte: Carlos Garcez, 2022.

As margens da linha Verde pela BA 099, a comunidade dispõe de transporte público estadual até a capital da Bahia, e interestadual, até a capital de Sergipe. Possui 90% das ruas calçadas com paralelepípedo. A distância entre o povoado e a sede é de aproximadamente 47

km, fazendo divisa com Sergipe (Figura 4).

Figura 4 – Distância entre Ponte de Itabatinga e a sede Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Google Earth (2022).

Curiosamente a localidade tem duas padroeiras: a Santa Cruz, festejada em maio, e Nossa Senhora D’Ajuda, festejada no mês de agosto. Segundo Santos e Santiago (2013, p. 22), “[...] festejar o dia da padroeira, significa um dos principais acontecimentos de uma pequena cidade”. O povoado (figura 5) possui uma quadra poliesportiva em anexo à Escola Municipal Joana Almeida Pinto (EMJAP), local onde foi realizada esta pesquisa, e a água para uso doméstico, que é canalizada para as casas de forma gratuita pela prefeitura municipal e vem de poços artesanais.

Figura 5 – Imagem panorâmica do povoado Ponte de Itabatinga, Bahia (2022).



Fonte: Carlos Garcez (2022).

No seu território, encontram-se os rios Patioba e Tabatinga, considerados importantes fonte de renda para as comunidades da região. O rio Patioba nasce no Assentamento Margarida Alves, entre as fazendas Patioba e Barbosa, no município de Jandaíra, especificamente no povoado Tauá, a 27km da sede e 20 km da comunidade. Por sua vez, o rio Tabatinga nasce na restinga da mata atlântica, na fazenda Garapa, onde havia engenhos de açúcar. O local atualmente é conhecido como “torre”, e fica a aproximadamente 5 km do povoado de Ponte de Itabatinga. A figura 6, a seguir, representa um trecho do rio Patioba na linha verde.

Figura 6 - Trecho do rio Patioba na Linha Verde em Ponte de Itabatinga, Bahia (2022).



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Os rios Patioba e Tabatinga sempre tiveram um papel fundamental no povoado e integram-se à bacia hidrográfica do rio Real. Com o fenômeno da enchente e vazante da maré, as bacias dos rios Patioba e Tabatinga se encontram com a bacia maior do rio Real no trecho em que chegavam as canoas na década de 1960 no povoado de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia.

De acordo com Costa (2011 p. 18),

O rio Real compõe o quadro da hidrografia dos Estados de Sergipe e Bahia com 4.968,44 km², que abrange vinte e dois municípios. O rio principal nasce no município de Cícero Dantas (Bahia), e deságua no oceano Atlântico, juntamente com o rio Piauí entre os municípios de Jandaíra, Indiaroba e Estância.

Segundo o IBGE (2010), o município de Jandaíra, Bahia, ocupa uma área total de 613 km² na bacia do rio Real, banhando com a enchente da maré as comunidades de Cachoeira do Itanhy, Abadia, Gameleira e Ponte de Itabatinga. O estuário tem características diversificadas por ser rico em espécies da flora e da fauna. A cobertura vegetal, ao contrário do que acontece nas praias arenosas e dunas, estende-se em substratos de várzea de formação recente, e de pequena declividade, sob a ação diária das marés de água salgada ou, pelo menos, salobra.

Estuários são ambiente caracterizado por misturas de água doce do rio e água salgada do oceano. Quando os rios e o oceano estão permanentemente conectados (estuários regulares), a mistura de água ocorre em um contínuo e, portanto, está intimamente relacionada com os ciclos das marés. (RIBEIRO et al. 2015, p. 512)

Sobre a fauna dos manguezais, segundo Vilar (2010, p. 42), “[...] nos fundos lodosos e troncos das plantas se encontram caranguejos e animais filtradores como siris, amoreiras do mangue, ostras, aratus, sururu etc.”

Na visão de Araújo (2010, p. 39) “[...] é preciso considerar que o manguezal, é um valioso recurso natural, abriga uma fauna diversificada de grande valor proteico e econômico. Serve de *habitat* para muitas espécies de animais a exemplo dos peixes, crustáceos e moluscos”.

No entanto, o ecossistema do manguezal da região sofre com os impactos socioambientais advindos do descarte doméstico de resíduos sólidos e líquidos, além da criação de gado nas fazendas ao curso do rio, provocando o acúmulo de sedimentos que prejudicam e desequilibram o ecossistema, deixando o ambiente antropizado em partes do rio Patioba e provocando a obstrução do curso da água.

Quando o rio Patioba (A) faz encontro com o rio Tabatinga (B) recebe a força de maré do rio Real, passando a ser rio Tabatinga ao longo de sua extensão (figura 7). Assim esse trecho fica fortalecido e facilita a pesca.

Por razões socioeconômicas, o rio Tabatinga desempenha um importante papel decorrente da presença dos manguezais. É deste ecossistema que pescadores e marisqueiras da região tiram o seu sustento, tanto pela pesca quanto pela catação de marisco.

Figura 7 A e figura 7 B. Trecho da maré, encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga em Ponte de Itabatinga, (2022).



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora, (2022).

2.1.1 A Escola Municipal Joana Almeida Pinto

A Escola Municipal Joana Almeida Pinto (figura 6), situada no povoado de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia, corresponde ao espaço formal de realização da pesquisa. A instituição está conceituada como núcleo cinco, sob resolução do Conselho Municipal de Educação (CME), parecer N° 02/2016, e recebe alunos, tanto da comunidade local, como das comunidades de Cajueirinho, Costa Azul, Gameleira, Marcaná e Monte Belo.

Baseando-se na Lei 9.394/96, “[...] as unidades Escolares Municipais deverão atender às características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (BRASIL, 1996, s/p).

No que se refere ao fato de ser uma escola nucleada,

[...] o processo de agrupar escola do campo em uma única escola está previsto no Parecer n. 36, de 4 de dezembro de 2001 visando uma ampliação do acesso a uma educação de qualidade com infraestrutura melhor das escolas,

professores formados, alunos com autonomia e abrindo espaço para a comunidade. (BRASIL, 2002, s/p).

A escola (figura 8) recebe alunos matriculados do pré-escolar ao nono ano, e funciona nos turnos da manhã e da tarde, com um total de 264 estudantes, segundo levantamento feito no ano de 2021 (quadro 1).

Figura 8 – Escola Municipal Joana Almeida Pinto, povoado de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia, (2021).



Fonte: Rode Santos (2021).

Quadro 1 – Quantidade de aluno da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, por turma no povoado Ponte de Itabatinga (2021).

Turmas de alunos	Quantidade
Alunos da pré-escola	35
Alunos do 1º ano	16
Alunos do 2º ano	12
Alunos do 3º ano	10
Alunos do 4º ano	09
Alunos do 5º ano	17
Alunos do 6º ano – A 30 e B 32	62
Alunos do 7º ano A 15	15
Alunos do 7º ano B 16	16
Alunos do 8º ano – A 21	21
Alunos do 8º ano –B 24	24
Alunos 9º Ano	22
Total de alunos	264

Fonte: Informações repassadas pela diretora, ata de matrícula, 2021.

Segundo o regimento escolar unificado (BAHIA, 2016), a organização didática da Unidade Escolar Municipal abrange todas as atividades curriculares, seguindo as diferentes etapas e modalidades de ofertas educacionais.

Quanto à estrutura física, a escola dispõe de sete salas de aula, uma biblioteca, quatro banheiros, uma cantina, pátio coberto, uma secretaria, uma diretoria, uma sala de professores, uma sala de atendimento educacional especializado (AEE) e uma sala para computadores. A instituição desenvolve projetos, tais como: Projeto Meio Ambiente, Projeto de Leitura, Projeto de Cultura e Arte, Projeto Junino, Desfile de Sete de Setembro, Cultura Afro, Projetos Esportivos, entre outros.

Entretanto, ainda se observa certa resistência por parte da comunidade em participar das culminâncias dos projetos desenvolvidos na escola, alegando dificuldade de acesso, visto que a maioria reside em outras comunidades por se tratar de uma escola nucleada. Problemática essa que tem sido analisada com cautela pela gestão escolar do ano de 2022, a qual tem procurado desenvolver um gerenciamento democrático, participativo e dinâmico, com o envolvimento entre a comunidade e a escola, um fator que foi relevante para a realização da pesquisa com os estudantes residentes de Ponte de Itabatinga.

2.2 Técnicas e Instrumentos para Coleta de Dados

A pesquisa enquadrou-se em três classificações: bibliográfica, documental e de campo. As pesquisas bibliográfica e documental permitiram construir, simultaneamente, o referencial teórico e a caracterização da área de estudo da presente dissertação, sendo desenvolvida a partir de leituras de materiais já selecionados como: artigos científicos, dissertações, teses e periódicos digitais/impressos, que versaram sobre a abordagem qualitativa no espaço da Fenomenologia, do TBC, da Educação Ambiental Crítica, da interdisciplinaridade nas Ciências Ambientais e da Metodologia Ativa do Arco de Maguerez.

O levantamento documental foi necessário para coleta de informações sobre o município de Jandaíra e as formas de turismo dos povoados que compõem o município. Os documentos foram essenciais para compreender as relações da comunidade de Ponte de Itabatinga com o turismo.

Para tanto, foram utilizados os documentos: Sinta-se parte da comunidade a qual você pertence - estudo da SEMEC; a Lei nº 127 de 04 de abril de 2017, que dispõe sobre a nova estrutura administrativa da Prefeitura Municipal de Jandaíra; a Lei Orgânica de Jandaíra; Proposta de Emenda à Lei Orgânica do Município nº 001 a 114/2009; e informações levantadas pelos agentes de saúde do Município de Jandaíra, Bahia. Do ponto de vista da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, foram analisados o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento Escolar Unificado.

A pesquisa de campo foi de cunho exploratório o que, segundo Marconi e Lakatos (2021), é importante para comprovar na teoria um discurso na prática.

Os dados foram registrados em diários de bordo², tanto pela pesquisadora para caracterização da relação entre a comunidade e as atividades turísticas de Ponte de Itabatinga, como pelos estudantes envolvidos, por meio de observação sistemática.

De acordo com Batista e Santos (2018), a observação assistemática não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou ferramentas que se deseja estudar. Nesse sentido, as anotações trouxeram as descrições das potencialidades do turismo para a possibilidade de implantação do TBC, além dos registros fotográficos, detalhes gerais e específicos durante a atividade de campo, priorizando a entrevista com os diversos atores sociais locais.

² “O diário de bordo é uma ferramenta que consiste no registro pelos pesquisadores das etapas e tarefas realizadas ao longo do desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Nele os pesquisadores anotam as ideias, observações, experimentos (se houver), comentários, fotos, esquemas” (MARQUES,2019, p. 30).

2.3 Método da Pesquisa e Procedimentos Metodológicos

O estudo aqui realizado norteou-se sob a perspectiva da Fenomenologia, na busca da essência da gestão do TBC como um fenômeno inovador, numa abordagem qualitativa, utilizando-se da problematização (Arco de Maguerez) como prática necessária para atingir a finalidade da pesquisa.

A Fenomenologia surgiu no século XX, passando a ser conhecida com a publicação da obra “Investigações lógicas”, de Edmund Husserl, filósofo considerado “Pai da Fenomenologia”. Para ele o destaque do “eu” era fazer a Filosofia de um jeito renovado, levando em consideração o que era vivido e visto pela consciência das pessoas. A Fenomenologia, “[...] se preocupa com a descrição direta dos fatos analisados, não existindo uma realidade única, mas sim diversas formas de interpretações e comunicações.” (TRIVIÑOS, 1992, p. 32).

A Fenomenologia é uma descoberta que tem, na sua essência, a relatividade e a significância ligadas ao pensamento no qual o mundo passa a ser uma realidade correlacionada, de forma intencional, com a consciência. Sendo assim, não há uma consciência pura, ou seja, retirada do mundo, pois a realidade existe apenas para um sujeito que é o “eu”, e é ele que lhes concede o seu próprio entendimento. Uma ciência que deve ser compreendida como uma determinada práxis da vida na qual, sob determinadas condições históricas, nasce como formação subjetiva de uma práxis teórico-lógica especial (HUSSERL, 2000).

A preocupação husserliana consiste em erigir uma Filosofia atrelada aos dados imediatos e inegáveis para posteriormente, utilizá-los como embasamento para a construção de teorias. Como lema, tem-se o “retorno às próprias coisas”, isto é, “[...] buscar coisas manifestas, fenômenos tão evidentes que não possam ser negados” (REALE, 2007, p. 554).

Nos dizeres de Bello (2006, p. 18) a Fenomenologia pode ser entendida, ainda, “[...] como reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra.” Para Triviños (1992), a preocupação centrada da Fenomenologia husserliana é fundamentá-la como o estudo das essências, buscando-se no mundo aquilo que está sempre aí, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço repousa em encontrar este contato ingênuo com o mundo.

A escolha deste método deve-se à busca, dentro do contexto da problematização, de entender o homem de modo único e não dualista, destacando o pensamento, ou seja, a consciência. A compreensão de ser humano para Husserl, compreendia uma realidade complexa, composta por: corpo (materialidade), alma (emoções) e espírito (consciência), uma oposição direta ao cartesianismo (SAVIAN, 2016).

De acordo aos objetivos propostos, a pesquisa possui abordagem qualitativa, amparada na Teoria de Husserl (2000), valorizando as verdades vistas por pessoas que residem na comunidade de Ponte de Itabatinga, onde está situada a Escola Municipal Joana Almeida Pinto, tanto antes quanto depois das ações desenvolvidas com o uso do Arco de Maguerez, que levará a um entendimento do TBC e sua dinâmica nesses locais.

A abordagem qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa -ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

A partir desse entendimento, e em consonância com as discussões de Husserl (2000), que entendia o mundo como um fenômeno que precisava ser revelado, o TBC surge para a Escola e Comunidade como um fenômeno que precisa ser desvelado. Costa (2013, p. 60) explica que “[...] sendo o ambiente fonte de informações, o papel do pesquisador consiste em coletar e gerir os dados.”

Nesse sentido, combinando a abordagem qualitativa com a Fenomenologia e a Metodologia da Problematização passa-se a ter uma relevante estratégia para se analisar os dados no que se refere às experiências vividas pelas pessoas objeto desse estudo, encontrando suporte para descrever os resultados.

Nessa perspectiva, os caminhos da pesquisa foram construídos com base na percepção fenomenológica, a partir da realização de leituras e pesquisas (bibliográfica/documental), realização de entrevista semiestruturada e execução das etapas do Arco de Maguerez, justificando a existência do eu, ao ter um contato estreito com a situação na qual os fenômenos ocorrem, ou seja, com o desenvolvimento das ações da pesquisa, visitas de campo, trabalhos em grupos, entre outras ações. Dessa forma, as pessoas passaram a compreender o objeto estudado através da troca de experiências vividas.

2.3.1 Participantes da pesquisa

Quanto à amostra de estudantes participantes do estudo, foram convidados a participar da pesquisa todos os alunos que estudam no turno matutino, nas turmas de Ensino Fundamental II, lecionadas pela autora da dissertação, e que são residentes da comunidade de Ponte de Itabatinga. O universo de 36 alunos convidados, correspondeu aos 15 estudantes do 7º ano A e 21 do 8º ano A. No tocante à participação de pessoas da comunidade, 15 representantes locais receberam uma carta convite (Anexo J) para participar da proposta junto à escola. Além da carta convite, foram estabelecidos diálogos informais com os participantes para explicar os objetivos do projeto, metodologia, cronograma e resultados esperados da proposta.

Posteriormente, foi aguardado o prazo de dois dias para definição da amostra, a partir dos convites aceitos, tanto pelos estudantes, como pelas pessoas da comunidade.

Do total de convidados, 12 estudantes aceitaram participar da pesquisa. Quanto às pessoas da comunidade, cinco delas aceitaram participar da proposta, sendo três credenciados na Associação de Marisqueiros/as e Pescadores/as de Ponte De Itabatinga, e dois ex-alunos credenciados na Associação de Moradores de Ponte de Itabatinga, Bahia - AMPI. Logo, a amostra da pesquisa totalizou 17 pessoas. Cada participante atendeu a uma hierarquização, ou seja, escola e associação, colaborando com os objetivos da pesquisa e, com a coleta dos dados realizada a partir das entrevistas.

No entendimento de Alexandre (2018, p. 30), “[...] entender os tempos envolvidos nos e pelos atores sociais, pelo olhar sobre o espaço vivido e a flexibilidade no ir e vir ao campo” em diversos momentos, acompanhando as mudanças espaciais e territoriais que ocorreram ao longo dos anos de pesquisa, foi de suma importância para a maturidade da mesma.

2.3.2 Apresentação do projeto à Escola: gestores, alunos e pessoas da comunidade

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe, sob o parecer de número 5.174.370, o projeto foi apresentado à Secretaria de Educação, bem como aos gestores da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, à Associação de Moradores de Ponte de Itabatinga e à Associação de Marisqueiros/as e Pescadores/as de Ponte De Itabatinga, Bahia.

A apresentação da pesquisa para a coordenação pedagógica e gestores da escola teve como propósito saber sobre a viabilidade da execução do projeto junto aos alunos e foi realizada através de diálogos sobre o tema, objetivos, metodologia e cronograma das atividades. Após autorização da gestão para realização da proposta, foram iniciados os diálogos com os estudantes e com as pessoas da comunidade, que aceitaram participar da pesquisa, através de

uma apresentação dialogada. Para tanto, os objetivos e as etapas do projeto foram apresentados por meio de projeção de slides.

Destaca-se que o momento de apresentação inicial da pesquisa (figura 9), também foi utilizado para introduzir diálogos acerca do Turismo de Base Comunitária da região, de modo que todos compreendessem os objetivos das atividades apresentadas.

Figura 9 – Apresentação do projeto de pesquisa para os estudantes e pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Durante a apresentação, foram explicados conceitos básicos do Turismo de Base Comunitária utilizando como recurso para apresentação o *Padlet*. Na sequência, foram levantadas cinco questões norteadoras, a fim de investigar o conhecimento prévio dos presentes quanto aos temas abordados. As questões norteadoras foram: (i) Você já participou de alguma atividade de campo na escola ou na comunidade? Onde ocorreu? Você gostou? (ii) Você já conhecia o Turismo de Base Comunitária (TBC)? O que já ouviu falar sobre o TBC? (iii) O que você acha de interessante na proposta da criação do TBC? (iv) Quais soluções, você apontaria para a geração de trabalho e renda? (v) O que você aprendeu sobre as potencialidades do TBC em sua comunidade? As respostas foram anotadas em um papel em branco, que foi posteriormente entregue à pesquisadora.

Após a apresentação, foram entregues os Termos de Consentimentos Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A); de assentimento do estudante para participação do projeto (Anexo B); de consentimento do responsável para participar do projeto (Anexo C); de assentimento livre e

esclarecido do estudante (Anexo D); de autorização de uso de imagem e depoimentos (Anexo E); e o de assentimento da comunidade para participação do projeto (Anexo H), para serem assinados pelos pais e ou responsáveis dos alunos, bem como pelos participantes da comunidade.

Neste momento também foi firmado um acordo entre pesquisadora e participantes para um novo encontro, seguindo o cronograma das atividades do projeto (Apêndice D).

As entrevistas ocorreram após o término da aula expositiva sobre o tema da pesquisa, e teve como propósito conhecer as 17 pessoas, bem como explorar suas vivências, desempenhando importante papel, na construção do elo de confiança entre a entrevistadora e as pessoas entrevistadas de acordo com o roteiro de entrevista (Apêndice A).

2.4 Desenvolvimento da Problematização - Arco de Magueréz

Para execução das etapas do Arco de Magueréz, foi necessário organizar novo encontro com os participantes da pesquisa, com o objetivo de explicar detalhadamente como as etapas do Arco funcionam e qual o papel dos estudantes e pessoas da comunidade ao longo de cada etapa, com sistematização das atividades em diário de bordo. Também foram definidos os grupos de trabalho para execução das etapas do Arco.

Na ocasião, foi realizada roda de conversa para continuar a discussão iniciada no primeiro encontro. Essa retomada teve como propósito estimular os presentes a refletirem sobre as potencialidades locais capazes de atrair turistas, em uma perspectiva de Turismo Sustentável. Esse diálogo foi essencial para que os participantes “enxergassem” Ponte de Itabatinga e, junto com a pesquisadora, definissem possíveis pontos de visitação do povoado que expressassem as potencialidades turísticas locais.

Posteriormente, os participantes foram estimulados pela pesquisadora a escolherem três pontos de visitação (P) para o desenvolvimento da primeira etapa do Arco de Magueréz. Para mediar o processo de escolha, a pesquisadora sugeriu que os pontos estivessem ligados a trilhas sustentáveis, rios, locais onde são guardados artefatos de pesca, casas de farinha, e passeios de carroças ou carros de boi.

Ao final da discussão, foram definidos os grupos de trabalho: Grupo 1- escolheu visitar o rio Patioba na linha verde, em seguida foram dirigidos ao encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga, conhecido popularmente como maré; Grupo 2 - sugeriu a visita às cinco casas de farinha das redondezas; Grupo 3 - sugeriu fazer a trilha da estrada velha até as duas casas de farinha que ficam na extensão da estrada; e Grupo 4 - contribuiu com a ideia de um passeio de carroça até a comunidade de Monte Belo.

A definição dos grupos de trabalho, associada à escolha de potenciais locais da região dos participantes, trouxeram contribuições para o projeto. Ao juntar os pontos indicados pelos grupos, formou-se um total de cinco pontos: (1) visita de carroça ao Povoado Monte Belo; (2) passeio de barco até o Povoado Gameleira; (3) rio Patioba que faz encontro com o rio Tabatinga e deságuam no rio Real; (4) trilha sustentável na estrada velha; e (5) visitas às casas de farinha na extensão da trilha. A pesquisadora colocou na lousa os cinco pontos escolhidos, em seguida explicou a inviabilidade do passeio de carroça e do passeio de barco, visto que só cinco adultos aceitaram participar da pesquisa, e ambas as atividades dependiam de força e habilidade.

Na sequência, após votação, três pontos foram estabelecidos para a visita de campo: (P1) rio Patioba, que faz encontro com o rio Tabatinga e deságuam no rio Real, localizados aproximadamente a 1 km da Escola Municipal Joana Almeida Pinto; (P2) trilha sustentável na estrada velha; e (P3) casa de farinha na extensão da estrada velha.

Após a votação, foi iniciada a primeira etapa do Arco, realizada por meio de atividade de campo. Destaca-se que os alunos já tinham autorização dos pais ou responsáveis para execução da pesquisa, e que lhes foram explicados previamente os protocolos de biossegurança essenciais à proteção individual e coletiva, tais como uso de luvas, sapatos fechados, boné ou chapéu e blusa de proteção solar, além de portar garrafa com água potável, a fim de garantir a devida hidratação. Considerando o contexto de pandemia da COVID-19, também foram consideradas as medidas do protocolo sanitário em vigor, com o uso de máscara e álcool em gel, além da garantia de distanciamento social de cerca de um metro e meio entre as pessoas.

2.4.1 Passo 1: observação da realidade

A primeira etapa é a Observação da Realidade social, concreta, pelos alunos, a partir de um tema ou unidade de estudo. Os alunos são orientados pelo professor a olhar atentamente e registrar sistematicamente o que perceberem sobre a parcela da realidade em que aquele tema está sendo vivido ou acontecendo, podendo para isso serem dirigidos por questões gerais que ajudem a focalizar e não fugir do tema (BERBEL, 1998, p. 141).

Para a realização da etapa da observação da realidade na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia, utilizou-se um período de uma semana. Foi escolhido um dia de visita para cada ponto definido. Ao chegar em cada ponto de visitação, foram lembradas as normas de biossegurança para realização do trabalho de campo.

Destaca-se que, antes dos encontros, cada participante recebeu um caderno e foi informado que este serviria para que eles construíssem um diário de bordo, como recurso para

fazer os registros das atividades. O diário de bordo foi elaborado pelos alunos com base em observações realizadas em todo o período da pesquisa e consistiu em aporte instrumental (artefato concreto) para a prática da observação, reflexão e registros dos participantes.

Um diário de bordo é, portanto, algo que documenta processos de criação, e que ganha vida própria com a escrita do texto, funcionando como ferramenta de aproximação ao trabalho de pesquisa. Para Oliveira et al. (2017, p. 124):

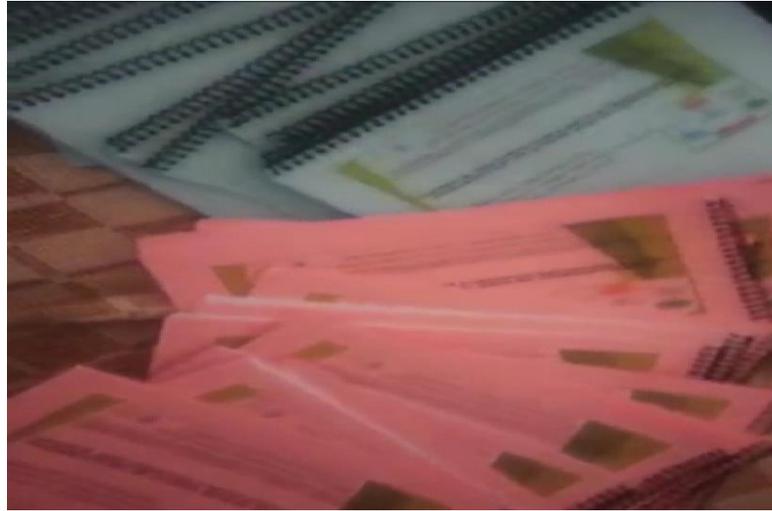
“[...] o diário de bordo é um instrumento de estudo que quando construído durante o desenvolvimento das atividades de aprendizagem dos estudantes pode ser utilizado com o objetivo de acompanhar a proposta de alfabetizar cientificamente.”

Em meio a definição prévia de um ponto de encontro para os participantes, em dia e horário previamente combinados com a gestão da escola, estudantes e representantes da comunidade, foi realizada a visita ao Rio Patioba (P1) que faz encontro com o rio Tabatinga, e deságuam no rio Real. O mesmo ocorreu para visita dos pontos dois e três: trilha sustentável na estrada velha (P2) e casa de farinha na extensão da estrada velha (P3).

Nesta etapa, coube à pesquisadora estimular e orientar os estudantes a registrarem atentamente o que percebessem sobre o tema de estudo no ponto visitado, tanto os aspectos positivos quanto os negativos. Os participantes também dialogaram com os proprietários da casa de farinha e, fazendo o uso do celular, registraram as engenhocas e trechos da trilha.

Ao final de cada visita, os diários (figura 10) eram entregues à pesquisadora e devolvidos aos participantes no encontro seguinte, para evitar perda dos cadernos e dos dados. Nos diários constaram observações a respeito do grupo e do desenrolar das atividades escritas, incluindo sugestões de como cada atividade proposta poderia melhorar a realidade.

Figura 10 – Diários de bordo utilizados como instrumentos de estudo da pesquisa em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

No final, durante o compartilhamento de experiências em roda de conversa, cada grupo escolheu possíveis problemas relacionados ao tema TBC, escrevendo nos seus diários de bordo a justificativa da escolha. Os problemas escolhidos tornaram-se fios condutores para a próxima etapa do Arco.

2.4.2 Passo 2: estabelecimento de pontos-chave

A partir da realidade observada, os participantes levantaram pontos de reflexão que conduziram à definição dos pontos-chave. Nessa etapa, coube aos participantes identificarem possíveis fatores associados aos problemas observados e possíveis determinantes do problema.

Para sistematização das respostas dadas pelos estudantes, além do diário de bordo produzido por eles individualmente, foi elaborado um painel utilizando como recurso o papel madeira. Na elaboração da atividade, as perguntas foram apresentadas verbalmente, no entanto, cada grupo elegeu um moderador para redigir os pontos-chave no painel. Em seguida, abriu-se o debate para discutir as respostas viáveis para definição dos pontos-chave, seguido de votação e finalização da atividade com o encerramento do painel.

Ao finalizar a etapa dos pontos-chave, foi explicado aos participantes que, a partir de então, caberia a cada grupo iniciar os estudos relacionados aos aspectos definidos durante essa etapa de modo coletivo, com vistas à investigação dos problemas identificados.

O estabelecimento dos pontos-chave tem como ponto de partida os pontos de maior atenção na observação. Nesse momento, reúne-se os registros fotográficos, as entrevistas e a percepção dos participantes quanto às interações entre a comunidade que foi visitada e seus

aspectos socioambientais (SANTOS; MELO e SOUZA; COSTA, 2017).

2.4.3 Passo 3: teorização

Na etapa da teorização, os alunos organizaram-se tecnicamente e teoricamente para o estudo e investigação da temática a ser trabalhada, com base nos pontos-chave. Esta etapa corresponde ao momento de compreender o problema e o princípio teórico que os explica, e como passa a acontecer as operações mentais analíticas que favorecem o crescimento intelectual. (BERBEL, 2007, p. 134).

Tecnicamente é a busca pelas informações necessárias para solucionar os problemas, “[...] a proposta da Problematização deve oportunizar aos alunos a investigação e criação, conduzindo-os a desenvolver o raciocínio, a pesquisa e a resolução de problemas para viver profundas mudanças” (BERBEL, 2007, p. 135).

Nesta etapa a pesquisadora precisou fazer a mediação do formato dos estudos individuais dos participantes, de modo que as informações e conhecimentos construídos fossem pautados em fontes de estudo científicas. Nesse sentido, foi disponibilizada uma lista impressa com *links* que davam acesso a endereços eletrônicos de *blogs*, *sites*, redes sociais e matérias jornalísticas sobre o TBC, conforme podem ser vistos no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Lista com indicação de links para consulta de informações sobre o TBC para da pesquisa em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).

CASO	ENDEREÇO ELETRÔNICO
Rede Brasileira de Turismo Solidário Comunitário Turisol	https://raizesds.com.br/pt/projeto/organiza%C3%A7%C3%A3o-do-ii-encontro-da-redenacional-de-turismo-solidario-e-comunitario-turisol/ ; http://portal.unisolbrasil.org.br/turisol-valorizando-o-turismo-solidario-nas-comunidades/
Rede de Turismo de Base Comunitário da Bahia BATUC	https://network.changemakers.com/challenge/turismosustentavel/finalistas/rede-batuc-turismo-comunitario-da-bahia-em-movimento .
Rede Cearense de Turismo de Base Comunitária (TUCUM)	http://www.redetucum.org.br/ .
Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – ETBCES	https://tbccabula.com.br
Experiências de Turismo Base Comunitário na Chapada Diamantina – Bahia.	https://discoverchapada.com.br/experiencias-turismo-base-comunitario/ ; https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10044-projeto-realiza-roteiro-experimental-de-tbc ; https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/chapada-diamantina-ganha-roteiros-de-tbc ; https://www.facebook.com/TBCItaete/ .
Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri	https://www.turisonocariri.com.br/project/fundacao-casa-grande/ ; http://www.conhecendomuseus.com.br/museus/memorial-do-homem-kariri/ .

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Cada grupo ficou responsável por pesquisar temas e exemplos de comunidades litorâneas nas quais o Turismo de Base Comunitária já se encontra estabelecido. Também foram sugeridos vídeos do YouTube, documentários, cartilhas, apostilhas, entre outros materiais para estudo, deixando claro que os alunos tinham total liberdade para pesquisarem em outras fontes.

Nesse tempo, foi organizado um encontro para diálogo sobre os estudos e pesquisas realizados. Na ocasião, cada grupo apresentou as referências estudadas, as dúvidas, os anseios e as necessidades evidenciadas nesse período. Diante da necessidade de acompanhamento e *feedback*, foram feitos mais dois encontros de orientação.

Após o fechamento do ciclo de orientações (três encontros), como forma de analisar as informações obtidas pelos participantes, foi realizada uma reunião. Neste dia, os alunos procederam coletivamente a uma análise estratégica da comunidade, considerando os pontos-chave definidos e estudados, evidenciando os pontos fortes e fracos (internos à comunidade), e as ameaças e oportunidades (externos à comunidade) através de uma matriz (Análise SWOT/FOFA), conforme apresentado no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Análise SWOT na perspectiva da implementação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia (2022).

FORÇAS (Aprimorar, usar)	OPORTUNIDADES - (Explorar, aproveitar)
<p>Diagnosticar características para criação de uma instituição que venha representar vantagens competitivas sobre seus concorrentes ou facilidade para atingir os objetivos propostos.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● atendimento personalizado ao cliente; ● preço de venda competitivo; ● equipe treinada e motivada; ● localização estratégica dos locais visitados. 	<p>Analisar situações positivas do ambiente externo que permitem à instituição alcançar seus objetivos ou melhorar sua posição no mercado.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● existência de parcerias; ● exemplos de outras regiões que apresentem o TBC; ● aumento crescente da demanda, mas com sustentabilidade; ● disponibilidade de serviço para receber o visitante.
FRAQUEZAS – (Eliminar, fortalecer)	AMEAÇAS – (Evitar, neutralizar)
<p>São fatores internos que colocam a instituição em situação de desvantagem frente à concorrência ou que prejudicam sua atuação no ramo escolhido.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● deficiência na qualificação dos sujeitos; ● indisponibilidade de recursos financeiros, culturais e naturais; ● falta de experiência anterior no ramo; ● custos de manutenção elevado. 	<p>São situações externas nas quais se tem algum controle e que colocam a instituição diante de dificuldades, ocasionando a perda de mercado ou a redução de sua lucratividade.</p> <p>Exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● exigências legais rigorosas dos órgãos ambientais; ● a falta de fornecedores nas localidades (alimentação, bebidas, artesanatos, hospedagem etc.); ● escassez de mão de obra qualificada; ● insegurança e violência na região.

Fonte: Elaborado pela autora, Trabalho de campo, 2021; e adaptado de Souza (2019)

Com base nos estudos de Campos (2018), os pontos fortes e as fraquezas foram analisados como fatores que podem ajudar na reflexão para a implementação do TBC. Por outro lado, as oportunidades e ameaças foram vistas como componentes do ambiente externo, fora do controle imediato, mas como ponto de atenção, uma vez que as tendências de mercado, estratégias utilizadas pelos concorrentes, e/ou quaisquer outros fatores extrínsecos, podem afetar a implementação do TBC de maneira positiva ou negativa.

A partir da análise *Swot*, coube aos alunos da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e às pessoas da comunidade apresentarem hipóteses de solução para a criação, organização e fortalecimento do TBC de modo coletivo, conforme destacado na análise *SWOT* que foi realizada.

2.4.4 Passo 4: hipóteses de solução

O propósito desta etapa é criar as hipóteses para solucionar o problema que foi definido na etapa de observação da realidade. Para Villardi, Cyrino e Berbel (2015), as hipóteses de solução devem ser sugeridas pelos alunos, e o professor deve orientá-los quanto à possibilidade de executar as hipóteses na quinta etapa, que é a da aplicação à realidade. “[...] As hipóteses

são construídas após o estudo, como fruto da compreensão profunda que se obteve sobre o problema, investigando-o de todos os ângulos possíveis (BERBEL, 1996).

Dessa forma, todo o estudo realizado deverá fornecer elementos para os alunos, de forma crítica e criativa, permitindo que elaborem as possíveis soluções aos problemas evidenciados na etapa anterior. Para elaboração das hipóteses de solução, devem ser considerados três questionamentos: o que precisa acontecer para que o problema seja solucionado? O que precisa ser providenciado? O que pode realmente ser feito?

Nessa perspectiva, para este passo a pesquisadora organizou a atividade prática da *Árvore de Problemas*³, em dia previamente agendado com os estudantes. Essa metodologia permite desenvolver competências de análise, associação e desenvolvimentos de ideias, trabalho em equipe, reflexão e tomada de decisão, aspectos essenciais para definir as hipóteses de solução.

Nesta etapa, os grupos iniciais foram desfeitos e novas equipes foram formadas, com o intuito de promover novas trocas de experiências entre os participantes. A árvore foi construída em painel, utilizando folhas de papel A4, considerando a organização das informações e as partes de uma árvore:

- i) o problema central foi colocado no centro - tronco da árvore;
- ii) acima do problema foram colocados os efeitos ou consequências derivadas dos problemas - galhos, folhas – copa da árvore;
- iii) abaixo do problema central foram colocadas as causas que levaram ao problema detectado - raízes da árvore).

Após a construção da *Árvore de Problemas*, houve uma discussão na qual foi solicitado às equipes que refletissem, principalmente, sobre os problemas socioambientais que analisaram em cada ponto visitado, e construísssem as hipóteses de solução estabelecidas para cada um deles, viabilizando formas de criação, organização e fortalecimento do TBC.

Durante a etapa, foram feitas indagações aos participantes, de modo que refletissem de modo mais aprofundado sobre pontos essenciais do problema: (i) O que é preciso para solucionar o problema? (ii) Como podemos transformar a realidade? (iii) Quais os desafios que serão encontrados? (iv) Como envolver a comunidade no projeto? (v) O que é preciso para a criação do Turismo de Base Comunitária na comunidade do entorno da Escola Joana Almeida Pinto? (vi) Quem pode ser parceiro do projeto? e (vii) Como fortalecer o TBC na comunidade?

³ Atividade que permite criar um diagrama (árvore) com uma sequência de eventos que permite visualizar através de lógica dedutiva as causas-raiz de um dado problema

Para sistematizar as respostas dadas às perguntas, os alunos foram orientados a desenharem uma Árvore dos Sonhos. Essa atividade foi desenvolvida baseando-se nas técnicas da árvore de problemas.

O método estimula a participação de todos os componentes do grupo no apontamento de problemas que lhes afligem, na contextualização histórico geográfica e política dos mesmos, no reconhecimento do que há de comum entre eles, na percepção de suas causas, na visualização dos sonhos de futuro de cada um dos membros do grupo e nas sugestões de alternativas para a resolução coletiva dos problemas ali apontados (MELLO, 2012, p. 3).

Assim, em grupos, os participantes atuaram de forma criativa ao desenharem coletivamente a estrutura de uma árvore dos sonhos simbólica, em materiais e tamanhos variados, utilizando o papel madeira. Em seguida, cada aluno expressou por meio de uma frase ou palavra seus sonhos, como se fossem frutos pendurados na árvore. Estes sonhos foram expostos para o restante do grupo para a socialização e discussão. Por fim, foi definida a hipótese de solução viável para resolução do problema estabelecido durante a observação da realidade, que consiste,

[...] na elaboração de alternativas viáveis para a solução dos problemas, edificando uma maneira crítica, criativa entre teoria e realidade. Nesse sentido, para chegar à conclusão das hipóteses, os participantes foram orientados a resolverem as questões em grupos. (BERBEL, 2007, p. 12).

2.4.5 Passo 5: intervenção à realidade

A intervenção à realidade corresponde à etapa final da Metodologia da Problematização. Ao chegar aqui, os pesquisadores já têm conhecimento da real situação da comunidade, pois eles vivenciaram, fizeram parte de toda a pesquisa e, durante um tempo, dedicaram-se aos estudos.

Berbel (2007, p. 8-9) esclarece que,

Nessa etapa os participantes envolvidos são levados à construção de novos conhecimentos para transformar a realidade observada, tendo como base as hipóteses anteriormente planejadas. Do meio observaram os problemas e para o meio levarão uma resposta de seus estudos, visando transformá-lo em algum grau.

Nesse sentido, uma vez definida(s) a(s) hipótese(s) de solução, seguiu-se para a reflexão de como estas seria(m) aplicada(s) para transformarem a realidade. Para tanto, foram eleitos critérios de viabilidade e prioridade para escolha da hipótese.

Para sistematização da etapa de intervenção, foi colocada em prática a escrita de critérios para reflexão da implementação, organização e fortalecimento do TBC em formato de quadro, contendo requisitos essenciais para seu planejamento.

A proposta foi entregue à comunidade escolar, às associações de marisqueiros (as) e pescadores(as) de Ponte de Itabatinga, e à associação de moradores. Além disso, foi escrita uma carta para a Secretaria Municipal de Meio Ambiente contendo critérios que os alunos definiram em reunião para sistematização em sala de aula, e elaborados em papel madeira. No entanto, para elaboração da carta os alunos utilizaram o diário de bordo.

2.5 Análise do Discurso aplicada aos resultados

A “Análise do Discurso” (AD) desse estudo se concentrou no processo do sentido com uma proposta de reflexão sobre o papel da escola e da comunidade, em uma proposta de implementação, organização e fortalecimento do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga. Conforme Husserl (2000, p. 16),

[...] A Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

Corroborando com esse pensamento, na visão de Melo (2009), o objeto de estudo de qualquer Análise do Discurso não se resume somente ao que foi dito, mas sim às diversas manifestações humanas, sejam elas: relações de poder, institucionalização de identidades sociais, ou processos de inconsciência ideológica.

Para Brandão e Santos (2021), “[...] o grande objetivo da análise do discurso é detectar os diferentes processos de reprodução social do poder hegemônico através da linguagem, do sentir e da experiência vivida.”

É importante ressaltar que para analisar os dados com base na Análise do Discurso, respeitou-se a veracidade das entrevistas, dos diálogos, significados, princípios e valores no processo de efeito de sentido. Como bem lembra Alexandre (2018, p. 208), “[...] a escolha de uma palavra nos indicará o lugar socioideológico daqueles que a empregam, ou seja, interlocutores podem dar sentidos diferentes a um mesmo contexto”.

Segundo Barros (2015, p. 76), a Análise do Discurso não se preocupa com o sentido do texto ou com o discurso, mas com “[...] os modos como o texto e o discurso se relacionam na

produção de sentidos ao longo de seu percurso histórico, como uma palavra que adquire sentidos em determinada conjuntura.”

Nesse sentido, de acordo com Alexandre (2018), a descrição e explicação dos elementos que irão compor o discurso na pesquisa devem ser construídas na fala do sujeito social entrevistado.

Para Melo (2009), sem a interação das pessoas e suas contribuições na observação aos objetos de estudo, não se teria como explicar o processo da Análise do Discurso. O ponto de vista das pessoas varia sistematicamente em função do ponto que elas ocupam. Para Orlandi (2007), por sua vez, em uma teoria não subjetiva, o sujeito é o elo constitutivo entre o texto e a situação, permitindo assim, para fins de análise, a separação entre prática e teoria. Isto possibilita a compreensão de como um texto funciona na produção de sentidos.

Vale ressaltar que, no âmbito desse estudo, a pesquisadora passará a ser uma intérprete, ou seja, fará a leitura discursiva das pessoas influenciada pelo afeto, posição, crenças, experiências e vivências que nunca são absolutas nem únicas. Nesse contexto, língua e significados foram analisados neste trabalho através das seguintes unidades de sentido: “Meio ambiente, região e significados”; “Inclusão social”; e “Turismo de Base Comunitária”.

Essa análise resultou na criação do produto pedagógico que acompanha essa dissertação, uma cartilha educacional didática através de discurso lúdico, remetendo-se também às categorias econômicas e sociais das pessoas da comunidade. Os discursos, ao longo da análise, serão mencionados usando-se letras e números, E1...En para estudantes e C1...Cn para membros da comunidade, de modo a garantir o sigilo na identificação das falas dos participantes. Importante ressaltar que, ao realizar a transcrição das falas, foram reproduzidas as variações linguísticas dos discursos dos entrevistados.

Sobre a unidade de sentido “**Meio ambiente, região e significados**”, surgiram questionamentos e sugestões por parte dos participantes da pesquisa, destacando os problemas ambientais do rio Patioba, que afetam diretamente as pessoas que vivem da pesca. Dessa maneira, conforme apregoa Orlandi (2009, p. 5), “[...] as pessoas foram como um elo constitutivo entre o texto e a situação, permitindo assim, para fins de análise, a separação entre prática e teoria”. Isso possibilita a compreensão de como um texto funciona na produção de sentidos.

Na leitura da realidade, interpretada pelas pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga no tocante à unidade de sentido “**Inclusão social**”, manifestou-se no discurso uma reflexão, pela “falta de oportunidades” que exclui diversas pessoas (exclusão social, econômica e política). Nesse contexto, percebeu-se que as famílias ficam inconformadas com a situação, de

ver que os jovens precisam ir em busca de oportunidades na capital e em outros estados. Para Orlandi (1991), nesse momento, o sujeito que produz e interpreta uma leitura a partir de sua posição é um o sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, e que a problematiza explicitando as condições de produção da sua leitura e compreensão.

Pelo exposto, no sentido **do TBC**, a proposta apresenta-se como uma abordagem sustentável para a comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia, numa perspectiva crítica no tocante ao planejamento por políticas de inclusão e participação social, incentivando a autonomia, e o reconhecimento da identidade local.

O lugar social dos interlocutores é constitutivo do processo de significação. Nesse contexto, “[...] o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI,1999. p. 17).

Para construção deste trabalho, ao serem analisadas as falas dos participantes da pesquisa, foi levada em consideração a metodologia de Análise do Discurso (AD), que é considerada a ciência da linguagem que estuda as produções do sentido que ocorre entre a língua, as pessoas e a história. Os caminhos percorridos foram iniciados com a apresentação do projeto à gestão escolar e aos participantes, alunos e representantes da comunidade.

Partindo desse pressuposto, o efeito de sentido entre os interlocutores deste estudo, ou seja, entre as pessoas que se comunicaram, ocorreu através de textos discursivos e rodas de conversas, que permitiram aos participantes fazerem manifestação da sua linguagem, destacando princípios ambientais, valores culturais e significados, tomando como ponto de partida as etapas do Arco de Magueréz.

2.6 Avaliação da Cartilha Educacional: Turismo de Base Comunitária através do Arco de Magueréz

Na confecção do produto didático final, foram utilizados os materiais produzidos ao longo das etapas da pesquisa pelos participantes: registros fotográficos, textos, desenhos e demais informações coletadas.

Na primeira parte da Cartilha, intitulada “Turismo de Base Comunitária através do Arco de Magueréz” (APÊNDICE J), foi apresentado breve histórico, localização da comunidade e informações básicas sobre o turismo de base comunitária. A segunda parte foi composta pela metodologia da problematização com as cinco etapas do Arco de Magueréz, executadas junto aos alunos e pessoas da comunidade. Nesse sentido, foi apresentado breve histórico, localização da comunidade e informações básicas sobre o turismo de base comunitária.

A segunda parte foi composta pela metodologia da problematização, com as cinco etapas do Arco de Maguerez executadas junto aos alunos e pessoas da comunidade na reflexão da gestão do TBC na região de Ponte de Itabatinga, em Jandaíra, Bahia. Ao longo da cartilha tem outros elementos, como caça-palavras, cruzadinha e curiosidades.

O material foi organizado e digitado no Microsoft Word, programa processador de texto produzido pela Microsoft. Na sequência, a cartilha passou por processo de avaliação por cinco professores da Escola Municipal Joana Almeida Pinto que conhecem a comunidade.

Para tanto, a cartilha foi entregue juntamente com um roteiro de avaliação que continha critérios avaliativos sobre: adequação do título da cartilha; objetivo da cartilha; compreensão do conteúdo sobre TBC e Metodologia da Problematização; valorização da cultura e dos bens naturais locais; narrativa da cartilha; linguagem adequada ao público em geral; *layout* do material; e estímulo à leitura do assunto. Cada critério foi avaliado quantitativamente com a pontuação entre zero (a cartilha possui um potencial muito baixo) e dez (a cartilha possui um potencial muito alto) (APÊNCICE E).

Uma vez avaliada, a cartilha foi apresentada durante a culminância do projeto para a escola e a comunidade. Foram utilizados aparelho projetor de imagem e caixa de som. Além disso, a cartilha foi impressa e disponibilizada, num total de cinco exemplares, para o acervo da biblioteca da Escola Municipal Joana Almeida Pinto.

Escola é

... o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente,
Gente que trabalha, que estuda
Que alegre, se conhece, se estima.
O Diretor é gente, o coordenador é gente,
O professor é gente, o aluno é gente,
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os
lados”
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só
trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil!
Estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos,
educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o
mundo.

(Dedicatória feita a Paulo Freire –
Autora desconhecida.)

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo são apresentados os resultados e discussão analítica das informações coletadas no decorrer da aplicação da Metodologia da Problematização com o Arco de Magueréz. Os dados foram levantados em fontes documentais pertencentes às Secretarias de Educação, de Saúde, de Turismo, de Agricultura e Meio Ambiente, à Prefeitura Municipal, ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), bem como através de dados do Censo Demográfico obtidos no *site* do IBGE (2010). Além disso, foram analisadas e produzidas fotografias, produções artísticas, produções culturais, observações da realidade e entrevistas, de maneira a trazerem respostas aos questionamentos realizados na introdução, atendendo assim aos objetivos propostos na pesquisa.

3.1 Aspectos Socioambientais de Jandaíra, Bahia

Segundo o que é relatado na história, as terras do município de Jandaíra, Bahia pertenciam à sesmaria doada em 1.573 ao Governador Geral, D. Luís de Brito e Almeida. (SEMEC, 2011). A formação do Município iniciou-se no século XVIII, como Distrito, Capela de Nossa Senhora da Abadia. No entanto, em 28 de abril de 1728, o povoado ascendeu sua categoria de Distrito para Vila, e ao invés de se chamar Capela de Nossa Senhora de Abadia passou a chamar-se “Abadia.” (SEMEC, 2011).

O estudo da SEMEC (2011) relata que a ação, tanto de troca de nome como mudança de categoria, foi deliberada e executada por ordem régia. Nesse sentido, em 26 de junho de 1880, a Vila de Abadia passou a ser considerada município. Em 06 de setembro de 1898, a sede da prefeitura foi transferida da povoação Arraial de Cachoeira para povoação de Cepa Forte, permanecendo lá por cinco anos.

Após esse período, em sete de maio de 1903, a sede da prefeitura de Cepa Forte foi mudada mais uma vez para a povoação Arraial de Cachoeira, que nesse período passou a ser considerado como município de Cachoeira da Abadia (SEMEC, 2011).

Em 17 de agosto de 1927, o município passou a denominar-se Jandaíra, e em oito de julho de 1931, seu território foi anexado ao Município de Rio Real, também na Bahia. Porém, com muita luta e perseverança, em 16 de novembro de 1933, o município de Jandaíra conseguiu desmembrar-se de Rio Real, sendo novamente extinto em 1943. Somente no ano de 1994 o território voltou a ser estabelecido e o Povoado de Jandaíra foi denominado como cidade do estado da Bahia e os habitantes chamam-se jandairenses. (SEMEC, 2011)

Devido ao processo pandêmico ocorrido de 2020 a 2021, o último CENSO realizado se deu em 2010, ressaltando que este ocorre de 10 em 10 anos. Assim sendo, os dados do município remontam-se ao Censo de 2010. Segundo o IBGE (2010), o município de Jandaíra/BA (figura 11) estende-se por 641,2 km² e de acordo com o último censo, sua população é de 10.322 (dez mil, trezentos e vinte e dois habitantes). Apresenta 4% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 39 % de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 0,9% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

Figura 11 A e figura 11 B – Vista panorâmica da cidade de Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Carlos Garcez, (2022)

Segundo o estudo da SEMEC (2011), o município de Jandaíra possui relevos característicos da zona costeira do litoral norte da Bahia. A porção oeste de seu território está inserida na unidade geomorfológica da Bacia Sedimentar Recôncavo – Tucano, e a porção leste, no Planalto Costeiro e Planícies Litorâneas. Observa-se que a maior parte do território municipal apresenta relevo ondulado, com morros e tabuleiros de cumeadas planas de até 150 metros de altitude, principalmente na sua porção oeste.

No entanto, em direção ao litoral, o cenário muda, reduzindo a altitude, e o relevo apresenta-se mais suave, representado por baixios em áreas úmidas, morrotes e dunas de altitudes inferiores a 30 metros em geral (SEMEC, 2011).

A densidade demográfica é de 16,7 habitantes por km² no território do município, que faz fronteira com os municípios de Cristinápolis, Acajutiba e Rio Real, do qual está situado a 18km a sul leste, sendo Rio Real a maior cidade dessa região. A população se distribui entre

zona urbana com um percentual de 59,50% e zona rural com o percentual de 40,50%. (IBGE, 2010).

Segundo o Plano Plurianual do Município de Jandaíra (2022), a infraestrutura administrativa do município é formada pelo gabinete do prefeito e vice-prefeito, Controladoria Municipal, Chefe de Gabinete e pelas secretarias de Finanças, Administração e Planejamento; Agricultura e Abastecimento; Desporto e lazer; Educação e Cultura; Obras e Urbanismo; Assistência Social e Trabalho; Saúde; Transporte; Meio Ambiente e Turismo. Por sua vez, a Câmara Municipal de Jandaíra é composta de nove legislativos, entre eles o seu presidente.

No que se refere à educação, nota-se a necessidade de políticas de integração que permitam a continuação dos estudos pelos jovens da região. O resultado do último Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁴, expresso no quadro 4, mostra os dados de aprovação escolar, metas de desempenho do Censo Escolar e do Sistema de Avaliação de Educação Básica.

Quadro 4 – IDEB 2019 do município de Jandaíra, Bahia

IDEB 2019 – Jandaíra/Bahia	Jandaíra	IDEB BA	IDEB Brasil
Ensino Fundamental - anos iniciais	4,7	4,9	5,7
Ensino Fundamental - anos finais	3,4	3,8	4,6
Ensino Médio	-	3,2	3,9

Fonte: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – INEP, 2019

Em Jandaíra, nos anos iniciais do Ensino Fundamental obteve-se a nota de 4,7; já no Ensino Fundamental dos anos finais 3,4. O sistema de Avaliação de Educação Básica considera que essas notas seguem uma escala de 0 a 10, nesse sentido, considera-se 6 uma boa média, comparável inclusive com países desenvolvidos. Importante ressaltar que no Brasil ainda não se atingiu a tão sonhada nota de excelência na Educação Básica.

No estudo realizado pela Secretaria Municipal de Educação, ficou constatado que na área da saúde, os moradores reclamam da falta de palestras nas escolas, com a participação dos adolescentes abordando temas como: o alcoolismo, o fumo, a prostituição e abuso sexual, gravidez precoce e indesejada, desestruturação familiar, orientação sexual e drogas ilícitas. Nesse sentido, de acordo com esse documento, nota-se a necessidade de projetos interdisciplinares entre a educação e a saúde, com o desenvolvimento de ações como a saúde educativa e a educação saudável, que são complementos para o desenvolvimento psicológico,

⁴ É a sigla para Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, ele é um dos indicadores usados pelo Ministério da Educação para ajudar na condução de políticas públicas direcionadas a educação no Brasil.

biológico, social e de certa forma leva a preparação para o Desenvolvimento Sustentável (SEMEC, 2011).

De acordo com documentos do Posto de Saúde Agnaldo França, em Ponte de Itabatinga, Bahia, (2022), existe a parceria entre saúde e educação pelo Programa Saúde na Escola, através do Programa Federal Saúde na escola, que leva até a escola médicos, dentistas e enfermeiros.

Ainda de acordo, com documentos do Posto de Saúde Agnaldo França (2022), para atendimentos com psicólogos e fonoaudiólogos, os gestores escolares entram com pedido de solicitação dos serviços, quando surge necessidade extrema.

Frente aos documentos estudados do Posto de Saúde Agnaldo França (2022), nota-se o avanço na área da saúde desde o ano de 2002, principalmente pela assistência domiciliares realizadas pelos agentes comunitários de saúde. Essas visitas, elevaram o número de consultas médicas. Conseqüentemente, aumenta a coleta de material cito-patológico, ampliando ações laboratoriais pelo setor de marcação de exames, assim, amplia-se os prognósticos garantindo a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Seguindo o Art. 25 da Constituição brasileira 1988, de acordo com o Plano Plurianual - PPA (2017), a Secretaria Municipal de Saúde, além do Gabinete do Secretário, compõe-se das seguintes unidades de serviços, diretamente subordinadas aos seus respectivos titulares: I – Departamento de Atenção à Saúde; II – Departamento Administrativo; III – Departamento de Vigilância em Saúde; IV - Departamento de Vigilância Sanitária. No PPA, foram estabelecidas competência a Secretaria Municipal de Saúde de para o período de 2017 a 2024 (quadro 5).

Quadro 5- Principais competências da Secretaria Municipal de Saúde (2022).**Competências definidas para a Secretaria de Saúde nos anos de 2017 a 2022.**

- Elaborar o planejamento operacional e executar a política municipal de saúde, através da implementação do sistema municipal da saúde e do desenvolvimento de ações de prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde da população com a realização integrada de atividades assistenciais e preventivas.
- Coordenar, controlar e fiscalizar o Sistema Único de Saúde (SUS) no âmbito do Município; Formular a política de saúde ambiental e ações de prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde individual e coletiva.
- Definir a política de regulação da Secretaria em relação ao Sistema Municipal de Saúde;
- Elaborar boletins sobre informações da saúde.
- Realizar ações preventivas em geral, de vigilância e controle sanitário; A vigilância de saúde, especialmente quanto às drogas, medicamentos e alimentos;
- Estabelecer diretrizes para desenvolvimento do programa de controle de infecção nas áreas de abrangência da Secretaria Municipal de Saúde.
- Promover campanhas de esclarecimento, visando a preservação da saúde da população;
- Elaborar, discutir, pactuar e recomendar as diretrizes básicas e as guias operacionais do atendimento integral em saúde bucal no seu âmbito de responsabilidade, em consonância com as diretrizes estaduais e federais.
- Elaborar, discutir, pactuar e recomendar as diretrizes básicas e as guias operacionais do atendimento integral em saúde mental no seu âmbito de responsabilidade, em consonância com as diretrizes estaduais e nacionais.
- Estimular e apoiar o bom funcionamento do Conselho Municipal de Saúde, criando mecanismos para sua avaliação de forma permanente.
- Exercer o controle orçamentário no âmbito da Secretaria.
- Executar atividades administrativas no âmbito da Secretaria.
- Efetuar o planejamento das atividades anuais e plurianuais, no âmbito da Secretaria.
- Zelar pelo patrimônio alocado na unidade, comunicando o órgão responsável sobre eventuais alterações.

Fonte: Estrutura administrativa da secretária de Saúde da Prefeitura Municipal de Jandaíra/BA, 2022.

Dentre as políticas públicas desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Saúde de Jandaíra, está a disponibilização de uma ou mais ambulância a cada comunidade para atendimentos de urgência, visto que o município não dispõe de hospital. Os pacientes em estado grave são encaminhados para UPA de Rio Real, Alagoinhas ou, a depender da gravidade, aos hospitais de Salvador e Aracaju. Entre os recursos amparados por programas

federais. o município de Jandaíra dispõe de uma farmácia municipal que distribui remédios gratuitos.

Ao analisar documentos na Secretaria de Turismo do município de Jandaíra (2022), observou-se que a estrutura comercial da cidade é composta por três pousadas, quatro restaurantes, três supermercados, dois minimercados, três padarias, duas lanchonetes, duas praças e dois pontos de sorveteria/açaí. Considere-se também que a cidade de Jandaíra conta com duas farmácias particulares. No seguimento de desporto e lazer a cidade possui duas quadras poliesportivas, um ginásio poliesportivo, o ginásio *sport club* equipado com área de banho e eventos e uma academia particular.

Ainda de acordo com documentos analisados na Secretaria de Turismo, o comércio conta ainda com uma funerária, oito lojas de roupas, duas lojas de móveis e uma casa de fruta. Como apoio bancário, conta com uma agência do Bradesco, um ponto do Bradesco e uma casa lotérica (JANDAÍRA, 2021).

A agricultura é a atividade de maior relevância no Município. A feira livre, que ocorre às segundas feiras, é um mecanismo eficaz para escoar parte dos produtos agrícolas. Destaca-se que 97% dos munícipes trabalham na agricultura, em empresas de monocultura de eucalipto e pinho, em serrarias, no comércio, pesca e no turismo.

A necessidade de mão de obra na monocultura do eucalipto é concentrada nos períodos de plantação e corte dessas florestas. Esse trabalho sazonal na maioria das vezes é realizado por empreiteiras. A atividade provoca impactos ambientais ao meio ambiente, causando ressecamento e erosão no solo (VECHI; MAGALHÃES JÚNIOR, 2018).

Os pequenos produtores de eucalipto da região utilizam sua produção em serrarias da cidade de Jandaíra, gerando empregos diretos e indiretos para a comunidade local. O município de Jandaíra, Bahia destaca-se pela diversidade de produção agrícola, é o segundo produtor de coco no estado, possuindo produção expressiva de mandioca, banana e maracujá. No entanto, os agricultores também cultivam em menor escala o feijão, amendoim e milho. Por sua vez, as fazendas de camarões é uma atividade socioeconômica em evidencia no município de Jandaíra, Bahia, desde a instalação da empresa Lusomar Maricultura em 1993 na Lagoa Vermelha, situada no entorno do povoado Costa Azul no Município de Jandaíra/BA.

De acordo com Costa (2011, p. 48),

A empresa Lusomar foi instalada na desembocadura do rio Tabatinga, afluente da margem direita do rio Real, abrangendo uma área de 420 ha. Essa empresa chegou a gerar mais de mil empregos diretos, sendo 60% do estado de Sergipe pela proximidade, parte das 300 toneladas da produção mensal era exportada para Europa e Estados Unidos, outra parte era destinada para Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Salvador. O camarão é produzido, processado e beneficiado, tendo como produto final o congelamento individual e em bloco.

Entretanto, em meados do ano de 2013 a empresa decretou falência fechando seu laboratório e a área de beneficiamento. Por sua vez, desde 2014 a empresa passou a ser administrada por um grupo de empreendedores, que utiliza os viveiros para a criação de camarões. Os produtores fazem a "despesca" entre 90 a 120 dias de cultivo, quando o camarão atinge o peso médio de 12 a 15g.

Apesar disso, é preciso destacar os prejuízos da atividade carcinicultura. De acordo com Gesteira e Paiva (2017, p. 35),

A carcinicultura causa a destruição de manguezais, salinização de aquíferos, poluição das áreas adjacentes pelos efluentes das fazendas, perda da biodiversidade durante a coleta de pós-larvas e escape de espécies exóticas para o ambiente natural.

Segundo Marcolin e Mafalda Jr. (2007, p. 68), um estudo realizado na região

[...] observou que a salinidade foi um fator especialmente importante para a caracterização da estrutura da comunidade zooplancônica (organismos heterotróficos que vivem em suspensão no ambiente aquático e tem capacidade de locomoção reduzida) no estuário do rio Tabatinga, observando-se uma dominância ora de Copépodos (baixas salinidades), ora de Cirrípedes (salinidades mais altas). A presença de *Coscinodiscus sp.* (gênero de famílias de espécie) em grandes quantidades nas regiões próximas à liberação dos efluentes provenientes da carcinicultura evidenciam que nesta região o aporte de nutrientes, associado a condições favoráveis de salinidade e turbidez favorecem ao desenvolvimento da população destas espécies.

De acordo com documentos da Prefeitura Municipal de Jandaíra/Bahia (2022), existe um interesse em diminuir os impactos socioambientais no município. Por essa razão, foram definidas competências para serem executadas e planejadas pelas secretarias da Agricultura e

Abastecimento, do Meio Ambiente e do Turismo no município de Jandaíra, nos anos de 2017 a 2022, conforme dispostas no quadro 6, a seguir.

Quadro 6 – Principais competências da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento do Município de Jandaíra, Bahia (2022).

Principais competências da Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento para os anos de 2017 a 2022.

- Formulação e execução da política agrícola do Município, abrangendo produção, comercialização, abastecimento e armazenamento, cabendo-lhe, especificamente.
- Promover a execução de programas e projetos de desenvolvimento rural, cooperativismo e associativismo.
- Apoiar o produtor rural nas áreas de defesa sanitária vegetal e animal, assistência técnica e extensão rural, informações sobre o mercado e preços mínimos, armazenagem, abastecimento e eletrificação rural em articulação com instituições dos governos federal e estadual.
- Realizar exposições, feiras e outros eventos, com a finalidade de promover os produtos agropecuários do Município.
- Desenvolver outras atribuições correlatas que lhe forem cometidas pelo Prefeito.

Fonte: Estrutura administrativa da secretária de Agricultura da Prefeitura Municipal de Jandaíra/BA, 2022.

Os agricultores reclamam da falta de apoio para escoar seus produtos e da falta de projetos que agreguem valores a esses produtos, para que assim, possam ser geradas oportunidades, principalmente para os jovens, que deixam sua terra natal em busca de empregos em outros estados.

Segundo documentos catalogados na Agricultura e Abastecimento do Município de Jandaíra (2022), o apoio ao produtor rural se dá pela parceria no uso de maquinários. Nesse sentido, a secretaria entra com os tratores e o agricultor custeia o óleo. Outra medida de apoio acontece pelos cursos em parceria com o SENAR. Projetos de apicultura também são apoiados pela secretaria nos povoados Tauá, Terra Dura, Monte Belo e Coqueiro.

De acordo com o estudo da SEMEC (2011), o município é o segundo produtor de coco da baía e possui produção expressiva de maracujá e mandioca. Esses produtos são vendidos para a CEASA de Salvador, Feira de São Joaquim e Rio Real.

3.2 O Turismo no município de Jandaíra e as relações com Ponte de Itabatinga

Desde a década de 1990 que as modalidades do turismo relacionadas aos espaços naturais cresceram, gerando um conjunto de segmentos para os

roteiros turísticos, através de viagens, reconhecimento de novas realidades e necessidade de descanso e lazer. A atividade turística chegou a alcançar nos últimos anos altos índices de crescimento (SILVA, ALEXANDRE, 2019, p. 22).

É importante salientar que, até o presente momento, o Povoado de Ponte de Itabatinga não tem nenhuma relação com atividades turísticas por falta de projetos que venham fomentá-lo. Nesse sentido, como forma de refletir junto aos participantes da pesquisa sobre o turismo em Ponte de Itabatinga, fez-se necessário caracterizar inicialmente as formas de turismo dos povoados que fazem parte do município de Jandaíra e que priorizam o turismo como atividades tendo como exemplo: Mangue Seco, Cajueirinho, Costa Azul, Abadia e Cachoeira do Itanhy.

3.2.1 Povoado Mangue Seco

Conforme nos aponta os estudos realizados pela Secretaria Municipal de Educação de Jandaíra (2011, p. 11), “[...] Mangue Seco é um povoado ribeirinha pertencente ao município de Jandaíra, Bahia”. A sede da cidade e Mangue Seco são separados por uma distância aproximada de 90 km, por estrada de chão. No entanto, o acesso pode ser feito pelo Povoado Pontal, cidade de Indiaroba, Sergipe, de onde saem barcas coletivas ou lanchas pela foz do rio Real.

O povoado (figura 12), surgiu de uma pequena aglomeração de pescadores e índios que viviam no litoral, até pouco tempo atrás se encontrava restos de objetos feitos por eles. Pessoas antigas dizem que jesuítas naufragaram na costa de Mangue Seco, e que foram eles que construíram uma capela de palha. Como não havia imagem, eles improvisaram uma cruz e por essa razão o povoado recebeu dos jesuítas, o nome de Santa Cruz da Bela Vista (SEMEC, 2011, 96).

Figura 12 - A estrutura da vila de Mangue Seco, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Carlos Garcez, 2022.

O povoado foi crescendo e passou a ser chamado de Mangue Seco, por ser ladeado de terra seca de mangue, nos locais que os pescadores pescavam. O povoado, [...] “possui 380 residências, entre fixas e de veraneio, que atende a 170 famílias, sendo aproximadamente 420 habitantes fixos” (MAPA do ACS, 2022, p. 3).

De acordo com o mapa do agente de saúde da comunidade (2022), a estrutura turística está composta por um píer/orla, igreja católica, escola municipal, “Posto de Saúde Mãe Sinhá”, delegacia, nove pousadas, cinco restaurantes distribuídos entre a vila e praia e a associação de *buggies*.

Mangue Seco tem uma posição privilegiada, na baía de Estância, marcada pelo encontro de rios com o Oceano Atlântico. A mistura de água doce e salgada propicia a formação de extensas áreas de manguezal (figura 13) e, conseqüentemente, fartura de frutos do mar. Porém, o manguezal é um dos ecossistemas que tem sofrido impactos em função das diversas formas de uso insustentáveis (SILVA; ALEXANDRE, 2019, p. 13).

Figura 13 – Ecossistema de manguezal no rio Real em Mangue Seco, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: acervo da autora da pesquisa, 2022.

Além dos manguezais, a região de Mangue Seco possui diversos ecossistemas litorâneos, tais como dunas, restinga e praia (figura 14). Todos eles estão protegidos legalmente como Área de Proteção Ambiental (APA), regida pelo Código Florestal Brasileiro (LEI APA n. 12.651, 2012).

Figura 14 – Imagem panorâmica da praia, dunas, e restingas em Mangue Seco, Jandaíra, Bahia, (2022).



Fonte: Carlos Garcez, (2022).

Nota-se um grande número de turistas na comunidade, tanto brasileiros quanto estrangeiros. No entanto, ainda não existe uma política que registre os turistas e controle a demanda.

Se houvesse a cobrança da Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental⁵ seria possível adquirir registros da demanda turística. Segundo documentos estudados na Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Jandaíra, Bahia (2022), é fundamental mencionar que a intensidade das atividades turísticas na praia de Mangue Seco contribuiu com o aumento dos impactos nas dunas e manguezais, causando perdas ao meio ambiente. Assim que aumentou a demanda turística e novos serviços passaram a ser oferecidos, entre eles os passeios de lanchas/barcos com travessia para Pontal, Sergipe, e passeios de buggies pelas dunas da praia de Mangue Seco, os problemas ambientais aumentaram.

Para entender a maneira adequada de exploração turística dessa região, foi elaborado um plano de manejo, com a aplicação de políticas públicas em conjunto com a Associação de Mangue Seco e os proprietários de buggys. Segundo documentos elaborados pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Município de Jandaíra, a Associação Mangue foi criada pela necessidade da sustentabilidade local do Povoado Mangue Seco.

[...] a prefeitura de Jandaíra junto as Secretarias de Meio Ambiente e Turismo desenvolveram medidas de uso para continuação dos passeios nas praias do litoral de Jandaíra, Bahia. Com as medidas de uso, os proprietários passaram a ter o dever de seguir normas de credenciamentos, possuir carteira de motorista e seguir as rotas determinadas pelas secretarias de Meio Ambiente e Turismo (BAHIA, 2022, p. 14).

Ainda de acordo com os documentos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Jandaíra, Bahia (2022), a área de Mangue Seco precisa de planejamento ordenado e sustentado para evitar o uso insustentável dos recursos naturais e impactos ambientais irreversíveis.

Estudos apontam que Mangue Seco é exemplo de área de fragilidade ambiental em virtude do fenômeno da movimentação das dunas, avanço do rio Real e do oceano. A estrutura da vila de Mangue Seco, vista na figura 12, possui 30km de faixa de areia e ficou mundialmente conhecida pelas gravações da telenovela **“Tieta do Agreste”** na década de 90, reprisada pela rede Globo (1989).

A estrutura de traslado das praias de Coqueiro e Mangue Seco é composta por seis tototós, uma escuna e 25 lanchas, fazendo o serviço de travessia na foz do rio Real de Mangue

⁵ Uma espécie de tributo para controle e fiscalização das atividades potencialmente poluidoras e utilizadoras de recursos naturais.

Seco e Coqueiro para Pontal. Conta também com 71 buggies de proprietários situados em Mangue Seco e 23 buggies em Coqueiro (ASSOCIAÇÃO MANGUE, 2022).

3.2.2 Povoado São José e a Praia de Coqueiro, Jandaíra, Bahia

Estudos da Secretaria da Educação Municipal de Jandaíra relatam que o Povoado Coqueiro (figura 15), é uma vila de pescadores localizada no extremo norte do litoral baiano. E situa-se no município de Jandaíra/Bahia, aproximadamente 80 km da sede de Jandaíra, por estrada. Faz fronteira com o estado de Sergipe, pelo Distrito Pontal, Indiaroba e, também, através rio Real. Está a 242 km de Salvador através da Linha Verde (BA 099) (JANDAÍRA, 2021b, p, 22).

Figura 15 – Imagem panorâmica do Povoado São José/Coqueiro, Jandaíra, Bahia (2021).



Fonte: Carlos Garcez, 2021.

O Povoado São José fica localizado à margem direita do rio Real, a aproximadamente 7 km da foz, tendo ao seu extremo norte o povoado Mangue Seco, ao sul, o povoado Costa Azul, ao leste o Oceano Atlântico e ao oeste o rio Real. “A origem do nome Coqueiro se deu por existir um coqueiro alto no porto e os pescadores se referirem ao lugar como Coqueiro” (SEMEC, 2011, p. 83).

Ainda segundo o levantamento dos estudos da Secretaria Municipal de Educação de Jandaíra, quem vem de Salvador/BA, pela Linha Verde, segue até a cidade de Indiaroba, Sergipe, pela SE- 318, e 12 km em estrada asfaltada chega-se até Pontal. Para quem vem de Aracaju/SE, atravessa a Ponte Joel Silveira sobre o rio Vaza-barris e segue as praias do Litoral

Sul até a nova Ponte Gilberto Amado, por Terra Caída, Indiaroba (JANDAIRA, 2021b). De lá segue até o Distrito Pontal, onde se pode guardar os carros em estacionamentos seguros e realizar a travessia, com duração de mais ou menos 40 minutos em canoas de pequeno porte; 30 minutos em canoas maiores; e 20 minutos em lanchas (SEMEC, 2011).

Outra alternativa para chegar às praias de Mangue Seco e Coqueiro é pela praia de Costa Azul, o transporte terrestre através de estrada de chão, e seguindo a beira mar de acordo com a maré, ou pela estrada de Coqueiro. As condições de acessibilidade ainda é a principal problemática para o acesso às praias do litoral sul de Jandaíra/Bahia (SILVA; ALEXANDRE, 2019).

De acordo a Secretaria de Educação, “[...] a comunidade de Coqueiro surgiu graças ao porto que era adequado para o descanso e para esperar a hora para pescar. Os primeiros casebres foram construídos há 100 anos.” (SEMEC, 2011, p. 83).

De acordo com o levantamento realizado na Secretaria Municipal de Agricultura do município de Jandaíra, as atividades econômicas desenvolvidas pelos nativos são: a pesca, a caprinocultura, a apicultura, agricultura e turismo. (JANDAÍRA, 2021a).

Percebe-se que o Povoado Coqueiro é uma localidade com forte potencial para o desenvolvimento de práticas do ecoturismo. Muitas das ruas ainda são cobertas pela areia fina e macia. É normal encontrar a criação bovina nas ruas, convivendo junto com as pessoas.

O ecoturismo configura-se como uma modalidade que se enquadra no anseio da comunidade. As atividades do ecoturismo também podem servir como forma de resgate dos saberes tradicionais, utilizando como recurso “mediadores culturais”. Espera-se que a comunidade possa através das suas potencialidades e do ecoturismo, desenvolver ferramentas que resgatem as tradições locais e também possa promover a sua sustentabilidade, não apenas no aspecto econômico, mas uma sustentabilidade sob o olhar da preservação ambiental, da valorização e preservação do patrimônio cultural e a partir desses pressupostos promover também uma geração de renda (RIBEIRO; ANDRADE; BRAGHINI, 2014, p. 420).

De acordo com relatórios da Secretaria de Agricultura do município de Jandaíra, Bahia (2022) a maioria dos moradores do Povoado Coqueiro vivem da pesca artesanal, às margens do rio Real, que também tem uma peculiaridade e que abriga diversos ecossistemas litorâneos, tais como dunas, restinga, foz, manguezais, rios e praias. Segundo a SEMEC,

“[...]as pessoas que vivem em Coqueiro na sua maioria trabalham em Mangue Seco, em restaurantes, barracas de praias, pousadas e resorts”. A distância entre Mangue Seco e Coqueiro é de 6km. Já a distância entre Coqueiro e Costa Azul é de aproximadamente 19km, ambos os povoados

possuem características semelhantes (SEMEC, 2011, p. 85).

Coqueiro é a maior comunidade praiana do município, de acordo com os dados comparados a partir dos mapas dos agentes de saúde das comunidades praianas. Nesse sentido, o mapa do Povoado Coqueiro retrata um quantitativo de cerca de “[...] 889 habitantes tendo em seu entorno 232 domicílios fixos e 32 domicílios de veraneios” (SECRETARIA DE SAÚDE, 2022, p. 6).

A praia de Coqueiro, no Litoral Norte da Bahia, entre as praias de Mangue Seco e Costa Azul, tem a base de implantação do Projeto de Conservação das Tartarugas Marinhas (TAMAR), que é monitorada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), com a ajuda dos pescadores e dos “tartarugueiros” funcionários do projeto (SILVA; ALEXANDRE, 2019).

De acordo com documentos na sede do projeto no Povoado Coqueiro,

Após a implantação da base do TAMAR tem mudado a história da Praia de Coqueiro, agora as espécies são preservadas e conservadas, o fato de ser uma praia pouco utilizada por banhista e sem construções imobiliárias ajuda ainda mais, pois já acontece mais de 1000 desovas o que gera 22 mil filhotes a cada temporada reprodutiva, para isso é preciso monitoramento e fiscalização para que a prática da pesca de arrasto de camarões na área de arrebentação não provoque a captura incidental das tartarugas marinhas, principalmente de animais adulto em fase reprodutiva (BAHIA, 2021, p. 12).

Ainda de acordo com os documentos estudados na sede do projeto em Coqueiro, a base do TAMAR foi instalada em 4 de novembro de 1987, a fim de propiciar contato com a comunidade, na tentativa de envolvê-la nos programas de conservação das tartarugas marinhas.

Em relatórios, os funcionários da Sede do Projeto TAMAR em Coqueiro relatam que, a integração da comunidade no processo tem sido desafiadora em função da incompatibilidade entre os propósitos da conservação e os interesses humanos (BAHIA, 2021).

Estudos da Secretaria de Meio Ambiente do Município de Jandaíra relatam que na região, o tráfego de *buggies* e carro 4x4 representam ameaça aos filhotes de tartarugas marinhas, pela incidência de iluminação que os desorientam no trajeto praia/mar (JANDAÍRA, 2021). Por essa razão, todas as desovas desta área são transferidas para os cercados de incubação, conforme ilustrado na figura 15, a seguir.

Figura 16 - Tráfego de *buggies* na praia de Coqueiro, em Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Moisés Alves, 2022.

A praia de Coqueiro fica a seis km de Mangue Seco, não é tão conhecida, mas tem forte potencial para o ecoturismo. Para chegar até Coqueiro, por terra, o portão de entrada é na Linha Verde, através de Costa Azul, sobre estrada de terra ou seguindo a costa em maré baixa. Contudo a forma mais prática de se chegar é pelo portão de entrada do Distrito Pontal/Indiaroba (SEMEC, 2011).

3.2.3 Povoado Cajueirinho

O povoado Cajueirinho é uma comunidade da zona rural, localizado às margens do rio Pirangi em Jandaíra/Bahia e fica a aproximadamente 12 km da praia de Costa Azul. A distância para a sede do município é de aproximadamente 77 km. De acordo com documentos registrados pela Secretaria de saúde (2022), o Povoado Cajueirinho tem em média 46 pessoas residentes, com um total de 26 residências, sendo 16 fixas e 10 de veranistas.

Segundo a Secretaria Municipal de Turismo do Município de Jandaíra (JANDAÍRA, 2021), a comunidade tem potencial tanto para o desenvolvimento do Turismo Rural, quanto para o Ecoturismo pela sua potencialidade natural, tendo como principal atrativo o balneário natural no rio Pirangi, (figura 17), conhecido popularmente como rio Cajueirinho, tendo ao seu redor dunas de areia fina, um cenário privilegiado que tem chamado a atenção dos turistas.

Figura 17 – imagem do Rio Pirangi no Povoado Cajueirinho, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Geraldo Cega, (2022)

Em decorrência da proximidade do Povoado Cajueirinho com a praia de Siribinha no município do Conde, Bahia, o balneário do rio Pirangi em Cajueirinho já passou por disputas de posse entre os dois municípios (Conde e Jandaíra) (JANDAÍRA, 2021).

A Secretaria Municipal de Turismo de Jandaíra, esclarece que os turistas que frequentam a praia de Siribinha sempre visitam o balneário natural, do rio Cajueirinho, principalmente para fazer o passeio de barco. Portanto, esse destino turístico tem sido explorado tanto por Jandaíra, quanto pelo município do Conde, ambos na Bahia (JANDAÍRA, 2021a).

Os problemas socioambientais da região são ocasionados pelas queimadas, com a preparação dos terrenos para o plantio e o aumento da demanda turística. Nesse sentido, as Secretarias Municipais de Turismo e Meio Ambiente elaboraram um plano de manejo para o desenvolvimento das atividades turísticas no Povoado Cajueirinho. Além disso, sinalizou as áreas com placas, disponibilizou lixeiras pela área e cercou a entrada do rio com arame farpado para evitar a entrada de carros até a beira do rio (JANDAÍRA, 2022).

Segundo relatos organizados pela Secretaria Municipal de Turismo, algumas pessoas da comunidade se beneficiam financeiramente da atividade turística, oferecendo passeios de barco pelo rio, ou pelas barracas à beira do rio que oferecem o serviço de bebidas e comidas. No entanto, ao analisar documentos na Secretaria de Agricultura, percebe-se que a atividade econômica com mais relevância no povoado é a pesca e a agricultura (JANDAÍRA, 2021a, 2021b).

3.2.4 Povoado Costa Azul – Praia da Costa Azul

Costa Azul é uma vila na zona rural, localizada ao leste do município de Jandaíra, Bahia, na Costa dos Coqueiros, banhado pelo Oceano Atlântico. O povoamento foi fundado em 1978 pelo ex-prefeito Agnaldo Fontes Dantas, através da compra e venda de lotes. Assim, a construção de casas na comunidade foram surgindo gradativamente (SEMEC, 2011).

De acordo com os registros da Secretaria de saúde o Povoado Coqueiro (2022), tem o quantitativo de moradores fixos são 93, sendo 26 domicílios residenciais de nativos e 85 domicílios de veranistas. Costa Azul é o principal portão de entrada para as praias de Mangue Seco e Coqueiro.

A distância entre Costa Azul e Coqueiro é de aproximadamente 19km, e de Costa Azul a Mangue Seco é de aproximadamente 25km, ficando a aproximadamente 65 km da sede Jandaíra. A distância entre Costa Azul e a Comunidade de Ponte de Itabatinga são 18 km. E a distância até a sede de Jandaíra é de 65 km. (SEMEC, 2011).

A praia de Costa Azul, ainda não é tão explorada e é praticamente sem poluição, em função da limitada intervenção antrópica na área. Só após a conclusão da Estrada do Coco, em 1975, que vai até a Praia do Forte, rodovia BA-099, e com o prolongamento da Linha Verde, em 1993, até a divisa com Sergipe, foi que a ocupação do litoral norte da Bahia recebeu um forte impulso. Antes dessa nova infraestrutura, o acesso a muitas áreas do litoral era muito difícil, quase impossível (SEMEC, 2011).

Nos arredores do Povoado Costa Azul (figura 18), têm muitos atrativos naturais para o turismo, tais como a praia Costa Azul, a 500 metros; a praia Vapor, que tem uma distância aproximada de 5km por beira mar; além de lagoas de água doce. Segundo a SEMEC (2011), no local existem as ferragens de um navio de guerra alemão que encalhou na costa em 1945, durante o período da II Guerra Mundial. As lagoas de água doce ficam a sombra de cajueiros e mangabeiras, paisagens procuradas pelos turistas.

Figura 18 A e figura 18 B. Imagem do povoado Costa Azul em Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Geraldo Cega, (2022).

Considerada deserta, a praia conta com barracas de palhas, as quais prestam serviços de bar e restaurante aos finais de semana. Os nativos têm como alternativa de renda a pesca e o trabalho braçal nas fazendas da região na época das tiragens de coco. Do coqueiro aproveita-se a água, a carne do coco que produz o leite usado na culinária (SEMEC, 2011).

A pesca é artesanal, através de jangadas de pau, tarrafas, redes de arrasto e vara com anzol. No entanto, o pescado não tem um destino definido, é vendido para os comerciantes de barracas da praia e moradores da própria comunidade (SEMEC, 2011).

Nota-se em toda a região uma quantidade expressiva de mangabeiras e muitas mulheres fazem à cata da mangaba e vendem o fruto nas feiras livres de Conde, Estância e Jandaíra. Até o momento não existe nenhum projeto no município de Jandaíra, Bahia que agregue valor à mangaba, como acontece em Sergipe através da Associação de Catadoras de Mangaba de Pontal que produzem biscoitos, licores, balas, bolos, onde “[...] a Unidade de Beneficiamento da associação, os extrativistas mantêm um ponto de venda dos produtos em um estante localizado na residência de uma das associadas, que fica em frente ao local onde saem os barcos para Mangue Seco” (OLIVEIRA et al. 2017, p. 2).

O destino conta com a **“Pousada Costa Azul”** (figura 19) de pequeno porte, com 22 apartamentos, serviços de bar e restaurante, e está cadastrada regularmente no Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos do Ministério do Turismo -CADASTUR.

Figura 19 – Imagem da pousada Costa Azul na Praia de Costa Azul em Jandaíra, Bahia.



Fonte: Geraldo Cega, (2022).

Por ser uma praia sem poluição e próxima à Linha Verde, seu potencial levou espanhóis e portugueses a comprarem uma extensão de praia, tendo como intuito implantar os projetos de Resorts por nome de Bela Vista Ecoturismo Residencial, Bela Vista, e Costa Azul Bahia, Golf, Resort, além de outros condomínios. Assim, de acordo com estudos de Silva, Carvalho e Silva (2009, p. 16),

“[...] o município de Jandaíra, na localidade de Costa Azul, receberá o terceiro maior investimento da região, um de um grupo da Espanha e outro de Portugal, “totalizando US\$ 362.500.000, numa estrutura com campos de golfe, um centro hípico, um centro de entretenimento, uma escola de hotelaria e serviços e comércio numa área de 938ha”.

São previstos, ainda, três complexos turísticos com seis hotéis e dois condomínios residenciais. Esse projeto está atrelado ao grupo Invisa Internacional Hoteles Ltda., e tem previsão de R\$ 800 milhões de investimento. “Na fase de construção, o projeto em andamento é um empreendimento que vai abrigar cinco hotéis, devendo gerar no futuro, mais de seis mil empregos na região” (GOMES, 2011, p. 7).

Costa Azul também possui o desenho do projeto para implantação do complexo “Turístico-Imobiliário”, em um terreno à beira mar, o qual inclui: resorts hoteleiros, apartamentos, casas de segunda residência e uma ampla oferta de lazer ativo e de esporte. O nome comercial do Projeto é Costa Azul Bahia Golf Resort e Condomínio (figura 20).

Figura 20 – Desenho do projeto “Costa Azul Bahia Golf Resort e Condomínio” em Jandaíra, Bahia (2010).



Fonte: Grupo Investidor INVISA HOTELES, 2010.

De acordo com lideranças da Associação de Marisqueiras(os) e pescadores(as) da Comunidade de Ponte de Itabatinga (2022), não existe mão de obra qualificada na redondeza o que leva muitos dos moradores a não terem expectativas de emprego nos empreendimentos citados, mesmo existindo depoimentos do grupo investidor INVISA e demais investidores prometendo inseri-los.

Destaca-se, portanto, que um empreendimento nessa envergadura sem a participação das comunidades no entorno, acarretará problemas socioambientais, através do aumento da especulação imobiliária, levando a perda da fauna e flora, assim como impactos nas áreas protegidas, as dunas. Segundo Espínola (2012, p.12) estes, empreendimentos são “[...] verdadeiras bolhas de consumo que suscitam preocupação por promoverem, frequentemente, diversos impactos negativos nas comunidades locais nas esferas social, econômica, ambiental e espacial”.

3.2.5 Distrito Abadia, Jandaíra/BA

Segundo o estudo da Secretaria da Educação do Municipal de Jandaíra (2011), o Distrito de Abadia (figura 21), localiza-se no norte do Estado. O relevo é acidentado um fator que dificulta o crescimento da comunidade. De acordo os documentos, o povoado iniciaram-se no ano de 1608. A acessibilidade a comunidade de Abadia se dá por meio da Linha Verde por

estrada de terra.

Figura 21 – Imagem de rua do Cruzeiro Distrito de Abadia, Município de Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Projeto Memória Viva Abadia, 2022.

Conforme registros da SEMEC, no século XVIII, por volta de 1717, durante o reinado de D. João V os jesuítas construíram a igreja do povoado está representado pela imagem de nossa Senhora de Abadia, esculpida em madeira por portugueses (SEMEC, 2011).

O Distrito de Abadia é banhado pela bacia do rio Real e cerca de 50% das pessoas da comunidade trabalham e sobrevivem da pesca e outros trabalham na agricultura. O desemprego é visto como um fator preocupante na comunidade, o que tem levado os jovens a irem em busca de trabalho e renda nas grandes cidades. As donas de casa contam com o bolsa família como complemento da renda familiar. Por sua vez, na comunidade de Abadia, a fazenda Lagoa tem se dedicado no plantio do tabaco, com a promessa de geração de empregos diretos e indiretos (SEMEC, 2011).

Grande parte das ruas são calçadas com paralelepípedo, no entanto, não tem rede de esgotos e a coleta dos rejeitos não é realizada diariamente. Nesse sentido, a comunidade reclama do acúmulo do lixo, principalmente próximo aos rios que é fonte de sustento de muitas famílias, que podem ser contaminados pelos despejos de dejetos, prejudicando as matas ciliares e os manguezais (SEMEC, 211).

Nesse sentido, é preciso o entendimento maior quanto à importância dos manguezais no

ponto de vista socioeconômico para uma comunidade ribeirinha. De acordo com Santos (2016, p. 33),

Cabe, dessa forma, ampliar o leque de conhecimentos acerca da relevância socioambiental que os manguezais apresentam para a natureza e para o homem, de modo a transpor conhecimentos para a sociedade e para o poder público, que têm o papel fundamental de reduzir os malefícios causados pelo próprio homem à natureza e de investir em novas formas sustentáveis de proteção dos manguezais.

Segundo estudo da SEMEC (2011, p. 61),

“[...] a Comunidade se destaca pelo forte potencial religioso, com a festa anual de Nossa Senhora da Guia que acontece entre os dias 24 de janeiro a dois de fevereiro e pela forte cultura pelos grupos de marujada, reisado, batalhão, samba de coco entre outros.”

No tocante ao turismo, Abadia é marcado pela presença do Turismo de Base Comunitária. Desde 2016, a comunidade se organizou e vem revelando como é possível trabalhar com o TBC na região.

De acordo com o documento do projeto Memória viva Abadia (2018, p. 3),

O objetivo geral é promover o reconhecimento e a valorização do patrimônio histórico, da memória e identidade da comunidade de Abadia. Nesse contexto, o projeto é desenvolvido em conjunto com as organizações sociais e/ou moradores da comunidade que demonstram interesse pela proposta.

O projeto cultural: “Memória viva Abadia”, resgata a cultura regional por meio da organização de grupos de artesãos que promovem a exposição e comercialização de artesanatos. (MEMÓRIA VIVA ABADIA, 2018).

Se por um lado o TBC é uma experiência relevante para a comunidade da região, não se pode deixar de mencionar que a aproximadamente um quilometro do Distrito de Abadia foi construído um Resort.

De acordo com o site Reserva online, o Resort Pura Vida está localizado na Fazenda Onça s/n, Abadia, às margens do rio Real. O empreendimento turístico oferece chalés, piscina privativa, churrasqueira, passeios a cavalo, esportes aquáticos, e quadra poliesportiva. Para comodidade dos clientes possui restaurante, estacionamento privativo e WiFi.

Segundo Santos (2017, p. 32),

“[...] o desenvolvimento do turismo e da atividade imobiliária, através da ocupação das terras por parcelamentos para fins de segunda residência ou veraneio, tem promovido uma reconfiguração territorial e econômica nestes espaços litorâneos”.

Por sua vez, na Secretaria de Meio Ambiente do município de Jandaíra (2021a, p. 12), “[...] constam documentos de licenciamentos para a construção do empreendimento Pura Vida, emitidos com base nos princípios de preservação, que buscam minimizar os possíveis riscos que possam ocorrer ao Meio Ambiente, tendo como finalidade mitigar os danos.”

Assim, o Resort Pura Vida adota políticas de funcionamento com o intuito de minimizar os impactos causados pelo aumento da demanda com a atividade turística, entre as políticas de sustentabilidade adotadas pelo empreendimento estão a conservação da fauna e da flora em seu entorno e a limitação da quantidade de clientes a ser recebidos (JANDAÍRA, 2022, p. 15).

3.2.6 Distrito Cachoeira do Itanhy no município de Jandaíra, Bahia

Estudos da Secretaria da Educação (SEMEC, 2011) relatam que, inicialmente, esse povoado pertencia ao território Sesmaria. Sob Carta Régia, as terras do povoado passaram a pertencer a Dom Luiz de Brito e Almeida, em 23 de janeiro de 1573. De acordo com documentos da época, em 1727, o vice-Rei Dom Vasco Fernandes Cezar de Meneses, através da provisão régia de 28 de abril autorizou a criação do município de Vila de Abadia.

Ainda de acordo ao documento da Secretaria Municipal de Educação de Jandaíra:

As autoridades da época transferiram a sede da prefeitura de Vila de Abadia para o Arraial de Cachoeira em 1980, por esse motivo a comunidade passou a chamar-se Cachoeira de Abadia. Nesse contexto de mudanças, a sede da prefeitura transferiu-se de Cachoeira de Abadia para o povoado Cepa Forte em 1898 (SEMEC, 2011, p. 28).

Em 1903 a sede municipal retornou ao Povoado de Cachoeira, e o nome do município passou a chamar-se Cachoeira de Abadia, mas retornou a Cepa Forte, atual Jandaíra, Bahia. De acordo com estudos da SEMEC (2011, 29), “[...] o Decreto nº 11089, de 30 de novembro de 1938 o Distrito de Cachoeira de Abadia, tornou-se Cachoeira do Itanhy”.

O Distrito de Cachoeira está localizado ao norte do estado da Bahia às margens da Linha Verde, banhada pela bacia do rio Real, fazendo divisa com o município de Indiaroba, Sergipe, pela ponte “Divisa Bahia Sergipe” (figura 22).

Figura 22 – Distrito de Cachoeira do Itanhy, em Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

A comunidade se destaca pelos restaurantes às margens da Linha Verde como: Pioneiro da Linha Verde e Pitu da Eliane. Na orla, às margens do rio Real, possui quiosques, e uma quadra poliesportiva. A comunidade também dispõe de duas mercearias, três bares, uma loja de roupa, uma padaria, uma lanchonete, e uma borracharia. O Povoado é propício para o turismo fluvial pelas margens do rio Real. O principal atrativo tradicional é realizado pela igreja em função da festa da padroeira Nossa Senhora das Dores, que acontece no dia 15 de setembro e atrai turistas e visitantes (SEMEC, 2011).

Segundo análise em documentos da Escola Municipal Dr. Alcides (2022), as atividades culturais que se destacam em Cachoeira do Itanhy são: quadrilhas juninas, capoeira e lambe-sujo, viabilizadas por projetos que estão vinculadas ao Projeto Político Pedagógico da escola.

A distância entre a comunidade de Cachoeira do Itanhy e a comunidade de Ponte de Itabatinga, é de aproximadamente seis km e isso explica a relação existente entre jovens que moram em Cachoeira e estudam na Escola Municipal Joana Almeida Pinto, de Ponte de Itabatinga.

3.3 Caracterização do povoado de Ponte de Itabatinga e suas relações com a atividade turística

Segundo estudo levantados pela Secretaria da Educação do município Jandaíra, Bahia (2011), a comunidade de Ponte de Itabatinga ainda não ocupa a categoria de Distrito, mas dá suporte para as comunidades em seu entorno por meio da Escola Municipal Joana Almeida Pinto - núcleo cinco, que atende a estudantes dos municípios vizinhos; com a Unidade Básica De Saúde (UBS) Agnaldo França, pois possui ambulâncias para atendimento das pessoas das

comunidades e do entorno; e pelo suporte funerário no Cemitério Colina da Saudade Nossa Senhora d'Ajuda, o único nas redondezas (SEMEC, 2011).

Ao analisar os mapas, documentos preenchidos pelos agentes de saúde (2022), constatou-se que a comunidade Ponte de Itabatinga é composta por 203 residências fixas, que abrigam 931 pessoas como residentes em tempo integral, no entanto, tem aproximadamente 70 pessoas que saíram para trabalhar na capital e em outros estados. A estrutura comercial da localidade é composta por quatro mercearias, duas lanchonetes, três padarias artesanais e quatro casas de farinha artesanais.

Do ponto de vista de organização e modo de vida, a realidade dessa comunidade é representada pelas atividades simples que proporcionam características para a reflexão do Turismo de Base Comunitária, como: o trabalho na agricultura; a realização de atividades relacionada a pesca; a busca da lenha na roça, trazidas em feches na cabeça; a lavagem e secagem de roupas nos rios; o cozinhar em fogo de lenha; o uso de carroças e carro de boi como meios de transporte; cata dos guaiamuns com ratoeiras e a cultura do fazer farinha.

O Turismo de Base Comunitária busca mostrar a história de um local, de uma região, a partir de seu modo de vida particular e de suas práticas específicas, uma vez que o Turismo de Base Comunitária dá visibilidade aos aspectos locais, valoriza histórias e modos de vida (NUNES; MENEZES, 2017)

Essas práticas corroboram com a ideia defendida por Graciano (2019), que diz que o modo de vida é um aspecto essencial do TBC, visto que, assim, evidencia-se como uma alternativa peculiar utilizada por algumas regiões para conciliar a oferta de serviços turísticos com a melhoria da qualidade de vida de comunidades locais.

Tendo em vista que a comunidade tem um forte potencial para o Turismo de Base Comunitária, pelo viés do Turismo Rural, é preciso que sejam propostos projetos e políticas públicas que incrementem a infraestrutura de acesso e sinalização às comunidades, bem como capacitação para os moradores, de maneira que aprendam a estimular os potenciais e assim os visitantes envolverem-se com a lógica do TBC (GRACIANO, 2019).

Quanto à possibilidade da comunidade ser proprietária, gestora e empreendedora dos empreendimentos turísticos, foi observado que em Ponte Itabatinga é possível desenvolver passeios: a cavalo, carroça e carro de boi e de barco e trilhas ecológicas. Além disso existe a possibilidade de preparação da comunidade para proporcionar os serviços de hospedagem pela modalidade de cama e café, além do serviço de alimentos e bebidas.

Segundo Arruda et al. (2021, p. 32) “[...] se deve frisar que o TBC possui a particularidade de que as rendas econômicas auferidas no âmbito de tal atividade deve ser distribuídas igualmente entre os indivíduos.”

Ponte de Itabatinga também possui aspectos de valorização cultural evidentes, tais como bloquinhos no carnaval, salto de argola, quebra pote, vaquejadas, rodas de capoeiras, quadrilhas no São João, queima do Judas. Foram observados também os aspectos relativos à valorização cultural e à importância que a comunidade dá a identidade e a cultura local. Para Arruda et al. (2020), a valorização cultural de um lugar é essencial, pois assim a comunidade passa a ser protagonista no processo de organização para a implementação do TBC.

Conforme Nunes e Menezes (2017, p. 101) “[...] o TBC possibilita novas formas de interações que envolvem os atores sociais em uma relação rica permeada por trocas simbólicas, criação de vínculos e aprendizagens por meio do encontro.” Essas relações possibilitam vivenciar outros aspectos da cultura e das identidades em um território.

O Ministério do Turismo, ao considerar as possibilidades a partir das quais o TBC pode ser organizado nos territórios, pondera que as definições e práticas em torno de tal modalidade de turismo normalmente levam em conta os seguintes princípios: (a) autogestão; (b) associativismo e cooperativismo; (c) democratização de oportunidades e benefícios; (d) centralidade da colaboração, parceria e participação; (e) valorização da cultura local; e (f) protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação, por parte destas comunidades, dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística (MTUR, 2010, p. 30).

Outro ponto importante observado na comunidade diz respeito à possibilidade do TBC ser visto como fonte de renda complementar. Do ponto de vista econômico, é certo que o turismo traz impactos positivos e seu efeito multiplicador promove o aquecimento de outros setores da economia, tais como a comercialização do artesanato local (ESPÍNOLA, 2012). Assim, essa pode ser uma alternativa diante da falta de emprego e renda na comunidade.

Nesse viés, é importante ressaltar que os membros das comunidades desfavorecidas devem ser direta e integralmente beneficiados pelas atividades do TBC, por meio da priorização de suas demandas elementares, dentro de um quadro (re)distributivo, de justiça social, a nível global e local (TAUMATURGO, 2020).

Não se pode deixar de mencionar as potencialidades de Ponte de Itabatinga quanto à possibilidade de promover a relação interativa entre o turista e a comunidade, através da apresentação de apetrechos de pesca, e da observação do fazer farinha artesanal. Segundo

Irving (2009), essa relação de parceria permite compartilhamento e aprendizagem mútua entre o turista e os atores locais.

Além disso, foram observadas características que revelam como o TBC pode ser capaz de garantir a posse de territórios, a educação, o emprego e renda. Sob estes aspectos, foi observado que na comunidade há falta de trabalho e renda pela falta de oportunidade e investimentos. De acordo com Fabrino et al. (2016), o TBC surge em contextos em que as comunidades já estão mobilizadas e trazem frentes de resistência ou de agregação, como a luta pela posse da terra, pela conservação dos recursos naturais, pelo direito à educação e saúde, e pelo direito ao trabalho e a renda.

A observação dos aspectos mencionados foi primordial para compreender as potencialidades de Ponte de Itabatinga e refletir junto aos estudantes sobre caminhos para implementação, organização e fortalecimento do TBC em comunidades sejam elas ribeirinhas ou quilombolas. Consoante a Gonçalves e Almeida (2017), a implementação do TBC se dá pela participação da comunidade com o planejamento e a gestão,

O TBC é conceituado com maiores detalhes, e aborda um ponto importante que é a participação da comunidade. A comunidade deve participar dos mínimos detalhes, pois ela precisa confiar no trabalho a ser desenvolvido, seja por intermédio de ONGs, seja através de instituições públicas ou privadas, pois o fato desta atividade ser sustentável nos remete à ideia de que sustentabilidade é também manutenção contínua, no entanto, fazer a comunidade se envolver com o planejamento e a gestão é prepará-la ao futuro (GONÇALVES; ALMEIDA, 2017, p. 4).

Todavia, segundo Alexandre (2018, p. 41) “[...] as políticas públicas proporcionam o ordenamento do território, seja pela criação de leis, levantamento histórico, inventariação do lugar, criação de conselhos e fundos, firmação de parcerias documentadas.” Essa organização é essencial para o sucesso da gestão e conservação das áreas incluídas no Turismo de Base Comunitária assim, a implementação deve ser realizada após a elaboração de um Plano de Gestão adequados e adaptados à realidade.

Quanto ao fortalecimento para a implementação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, por intermédio da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, da Associação de Pescadores(as) e Marisqueiras(os) da comunidade e, da Associação de Moradores da comunidade, o mesmo deve ser baseado critérios de sustentabilidade como:

- Envolvimento e autonomia das pessoas no planejamento da gestão do TBC;
- Reconhecimento de identidade local;

- Valorização da cultura local e dos bens culturais;
- Construção de roteiros analisando os atrativos existentes na localidade;
- Discussão de políticas públicas para conservação do Meio Ambiente e da cultura e da organização do TBC.

Na visão de Ferreira e Sousa (2020, p. 18),

O TBC surge como um segmento alternativo que tem como objetivo desenvolver o turismo aliado à sustentabilidade, não se restringindo somente à preservação do meio ambiente, mas também a sobrevivência e continuidade de tradições, e do modo de vida comunitário, proporcionando a convivência de pessoas com culturas distintas, favorecendo a troca de experiência entre moradores e visitantes, e condicionando ambos à valorização local.

Embora não seja, o propósito desta dissertação implementar o TBC, a reflexão do tripé que o constitui é um passo importante que deve começar a ser pensado junto à comunidade escolar e as associações da região. Assim a comunidade organiza-se para oferecer um roteiro de Turismo de Base Comunitária firme nas suas propostas.

A comunidade deve oferecer os seus mais diversos atrativos, sendo estas atividades praticadas cotidianamente que não devem, de forma alguma, serem modificadas e ou mascaradas a fim de agradar o turista como forma de encenação teatral, visto que o que ele busca é a realidade vivenciada por esses indivíduos, o seu modo de ser, a sua cultura e história, favorecendo assim um intercâmbio e propiciando uma troca de conhecimento entre comunidade e visitante (CAMPOS FILHO et al. 2012 *apud* FERREIRA; SOUZA, 2020, p. 267).

Nesse sentido, a comunidade precisa se preparar para oferecer um serviço de qualidade, e assim, gerar aspectos positivos, fidelizando os clientes e estes se tornarem agentes multiplicadores da divulgação do destino.

Antes da apresentação do projeto à escola e à comunidade, foi feito um prognóstico pela pesquisadora e professora da comunidade. Nesse sentido, as coletas anteriores ao surgimento das propostas de TBC foram realizadas através de abordagens informais, para levantamento da história cultural local.

Desta forma, todos os aspectos observados estão associados a um fator primordial do TBC, a conservação e sustentabilidade ambiental porque, segundo Gomes (2014), o TBC conserva os modos de vida tradicional e permite a conservação da biodiversidade local.

Para a execução da próxima etapa da dissertação, com o intuito de realizar um diagnóstico junto aos participantes da pesquisa, na apresentação do projeto na Escola Municipal Joana Almeida Pinto, a pesquisadora fez uso de cinco questões norteadoras destacadas na metodologia, às quais foram respondidas e analisadas a seguir.

Quando submetidos à indagação: *(i) Você já participou de alguma atividade de campo na escola ou na comunidade? Onde ocorreu? Você gostou?* Os participantes emitiram suas respostas: E1 disse: “[...] já participei pela escola, a gente foi no mangue, gostei muito”. A participante E12 completou: “[...] Eu participei do projeto do dia do desafio com o professor de Educação Física, a gente foi para o campo, eu gostei”.

A participante C2 completou dizendo: “[...] participei de uma palestra de pescadores junto com outras da comunidade e pessoas que vieram de Salvador para palestrar, isso aconteceu quando a associação foi fundada, eu gostei a gente precisa de incentivos desse tipo, para renovar a esperança.”

Para a questão *(ii) Você já conhecia o Turismo de Base Comunitária (TBC)? O que já ouviu falar sobre o TBC?* Todos disseram que já tinham ouvido falar, ou assistiram reportagens sobre o assunto, mas por sua vez, nunca participaram de numa atividade nesse sentido.

No entanto, na questão *(iii) O que você acha de interessante na proposta da criação do TBC?* As respostas para essa pergunta foram mitigadoras, a participante E10 disse: “[...] achei sensacional porque pode mudar pra melhor a nossa comunidade.” Já a participante E11 respondeu: “[...] pelo que a senhora explicou, depende do querer das pessoas para que dê certo e a gente precisa se comprometer e ter responsabilidade desde agora.” Por sua vez, a participante E5 completou dizendo: “[...] se todo mundo se ajudar nós vence”.

Dentro dessas perspectivas seguiu-se para a questão *(iv) Quais soluções, você apontaria para a geração de trabalho e renda?* O participante E9 respondeu: “[...] valorizar o que a gente tem, agregando valores, como o exemplo que a senhora deu na apresentação desse negócio de cama e café”. Completando o discurso a participante E3 diz: “[...] isso que a senhora falou, da possibilidade de as pessoas venderem alimentos, já é uma renda e aqui tem muita gente que sabe cozinhar, porque muitas mulheres trabalham ou já trabalharam em casa de família como secretária do lar”.

Finalizou-se essa etapa com a questão *(v) O que você aprendeu sobre as potencialidades do TBC em sua comunidade?* Inicialmente os participantes ficaram receosos em responder, mas o participante E8 ariscou-se em responder: “[...] gente tem os rios, trilhas, manguezais, casas de farinha e se procurar tem mais rsrsr”. Após essa resposta o participante C4 disse: aqui

também tem a proximidade com a praia de Costa Azul, isso deve ser um potencial rsrsrs.” Nesse contexto, o participante E7 comentou: “[...] sendo assim, os costumes da comunidade também pode ser atrativo professora?”

A pesquisadora respondeu que sim, mas que todas essas atividades precisam ser analisadas, fortalecidas e organizadas. Em seguida, explicou mais uma vez as etapas do Arco de Maguerez, destacando na lousa, os pontos escolhidos pelos participantes para a realização da pesquisa. Na exposição dos resultados seguem as etapas previstas na Metodologia da Problematização: (1) observação da realidade; (2) estabelecimento de pontos- chave; (3) teorização; (4) hipóteses de solução; e (5) intervenção à realidade.

3.3.1 Etapas da observação da realidade e pontos- chave, junto aos participantes da pesquisa (escola e comunidade)

Na primeira etapa da observação, os participantes foram conduzidos pela orientadora aos pontos de observação escolhidos pelos participantes da pesquisa: (P1) rio Patioba que faz encontro com o rio Tabatinga que deságuam no rio Real, localizados aproximadamente a 1 km da Escola Municipal Joana Almeida Pinto; (P2) trilha sustentável na estrada velha; e (P3) casa de farinha na extensão da estrada velha.

Os rios são fontes de água potável fundamentais para a população humana, para Carvalho e Mendonça (2018, p. 52), “[...] como recurso natural, a água é componente fundamental para os seres vivos e pra a manutenção dos ecossistemas terrestres e aquáticos”, nesse sentido, as bacias dos rios Patioba e Tabatinga são sinônimo de fonte de renda para a comunidade de Ponte de Itabatinga e as comunidades do entorno.

Nas visitas aos rios Patioba e Tabatinga (P1), os participantes observaram três trechos, sendo o primeiro no rio Patioba, às margens da Linha Verde (figura 23). O acesso ao trecho foi difícil pelo matagal que existe ao seu entorno. Foi observado pelos participantes da pesquisa um início de processo de erosão fluvial em função das porções do solo junto à vegetação nas margens do rio, provocando o assoreamento.

Figura 23 A e figura 23 B. Trecho do rio Patioba, no povoado de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia, (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

De acordo com Azevedo e Barbosa (2018, p. 262), “[...] a quantidade de material acumulado no leito do rio, aumentam devido à falta de preparo da população com questões relacionadas à sustentabilidade ambiental.” Ainda segundo os autores

“[...] é necessário destacar o papel da comunidade escolar na sensibilização quanto a conservação e conhecimento do ambiente que está inserido e, a necessidade de consolidar práticas educativas de manutenção dos ecossistemas locais” (AZEVEDO; BARBOSA, 2018, p. 263).”

No trecho dois do rio Patioba, os participantes relataram sobre o mau cheiro. O participante E5 comenta, “[...] o mau cheiro aqui é forte professora, como pode criar esses animais tão próximos ao rio.” Essa situação constatada é decorrente da criação de porcos em uma pocilga e da criação de galinhas numa granja, ambos os estabelecimentos de pequeno porte e visualizados durante o trabalho de campo.

Em seus estudos, Nobre (2014) afirma que “[...] a criação de porcos em pocilgas e de galinhas em granjas nas proximidades do rio, na maioria das vezes, são clandestinas, sem fiscalização sanitária e que não respeitam o Meio Ambiente.”

Os participantes também mencionaram a aparência turva da água. Para o participante E8 “[...] a água está turva, deve ser por conta do gado que bebe água aqui.” Neste momento, foi realizada uma reflexão acerca dos possíveis aspectos da localidade, associados à cor da água.

Nesse sentido, os participantes relataram a presença do gado na região e que a pecuária bovina tem grande influência econômica no município.

Para Nobre (2014), a pecuária bovina e sua produção está diretamente ligada aos impactos ambientais causados aos rios, desde o seu abate em matadouro, até a sua criação em locais em torno do recurso hídrico. Nesse sentido, a prefeitura de Jandaíra, através da Secretaria de Meio Ambiente, “[...] suspendeu por decreto a prática do abate de animais em locais não apropriados” (JANDAÍRA, 2021, p. 8).

Quanto aos resíduos sólidos, mesmo tendo um dia destinado para coleta, muitas pessoas jogam resíduos em terrenos baldios. Quando chove, o destino desses resíduos são os rios. Sobre este aspecto, o participante C2 disse: “Como pode esse rio tá assim? Aqui era a melhor parte do rio Patioba para tomar banho, a gente chamava de ‘poço do céu’”. O participante C3 complementou: “[...] como pescar nesse trecho de rio? Na verdade, não deve ter nada aqui. Mesmo sendo um rio corrente e sendo localizado num lugar particular, essas atividades não deviam serem realizadas desse jeito”.

Como pode ser observado, a partir dos relatos, que os participantes realizaram uma leitura crítica sobre a atual situação dos rios que banham a comunidade, querendo entender o que fez com que se chegasse a esse ponto, e o que fazer para reverter o quadro atual. Para a participante E3, “[...] eu não tinha ideia que o rio nessa parte estava assim, porque eu moro perto da maré, lá enche e não dá pra imaginar que aqui em cima é assim”.

Para Azevedo e Barbosa (2018, p. 276),

Ao visitar o ambiente estuarino, desenvolveremos a ação, a participação, a criatividade, suscitando a discussão e críticas e, propondo o desenvolvimento do diálogo entre o educando-educando, educando-sociedade, educando-educador, contribuindo para melhorar a relação ensino aprendizagem, ampliando o desenvolvimento de propostas pedagógica interdisciplinares, articulação do conhecimento e a relação teoria e prática, além da promoção de temáticas que gerem a discussão a respeito do meio ambiente e sustentabilidade.

Nesse sentido, foi explicado aos participantes a importância da sustentabilidade dos rios que cercam a comunidade. Foi explicado também que os problemas de erosão são causados, tanto pelas atividades agropecuárias das fazendas, quanto pelo descarte doméstico proveniente dos resíduos sólidos. Esse posicionamento foi fundamental para discutir que o acúmulo de rejeitos tem prejudicado e desequilibrado o ecossistema, provocando a obstrução do curso da água (figura 24).

Figura 24 – Trecho dois do rio Patioba, na comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Em decorrência desses fatores, se não houver uma intervenção pode ocorrer a eutrofização.

O processo de eutrofização, tem como característica a sobrecarga populacional de organismos implicando na produção de toxinas que podem afetar a saúde humana, causar mortalidade de espécies e intoxicações, além de alteração na composição de sais da água (AZEVEDO; BARBOSA, 2018, p. 273-274).

Nota-se que o caminho percorrido durante a observação da realidade no P1 proporcionou a integralização dos participantes a esses espaços, levando-os a aprofundarem-se nos problemas ambientais do entorno do povoado de Ponte de Itabatinga em Jandaíra, Bahia.

Integrar a comunidade discente que frequenta o espaço escolar que se localizam nos Povoados, para que os mesmos sejam capazes de entender as principais relações sociais existentes nos Povoados levantando questões para discussões, proporcionando uma reflexão dos discentes a respeito da realidade em que vivem, assim como apresentem sugestões de medidas que possam diminuir ou mitigar os impactos socioambientais, que são gerados através das atividades que constitu (AZEVEDO; BARBOSA, 2018, p. 276-277).

O participante E12 disse, “[...] o rio tá assim, porque o povo não cuida professora, os fazendeiros podiam puxar uma perna e cercar, o gado bebia e rio continuava preservado, né não? E as pessoas devem colocar o lixo no lugar certo onde o carro pega.”

Sabe-se que as bacias dos rios Patioba e Tabatinga que banham o Povoado de Ponte de Itabatinga, já foram sinônimo de desenvolvimento e prosperidade. A figura 25 mostra a real situação do rio na atualidade.

Figura 25 – Encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga - Ponte de Itabatinga, Bahia (2022)



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Por ser uma comunidade ribeirinha, as pessoas dependem diretamente do rio para prover o alimento. Nesse sentido, as ações devem ser desenvolvidas na região com a perspectiva de atingir a sustentabilidade desses ecossistemas, de modo que se garanta inicialmente a qualidade de suas águas.

De acordo Carvalho e Mendonça (2018, p. 52),

A intrínseca relação entre recursos hídricos e saúde ambiental é nítida ao compreender os diversos significados e funções da água no ambiente e na sua relação com a sociedade. Como recurso natural a água é componente fundamental para os seres vivos e para a manutenção dos ecossistemas.

Durante a observação, foi possível discutir ainda sobre as dificuldades de quem depende diretamente da biodiversidade fornecida pelos rios visitados. Segundo o participante C5, os pescadores e as marisqueiras da comunidade sentem dificuldades de praticar a pesca e,

os poucos que se arriscam, percebem que peixes e crustáceos têm reduzido.

O participante C1 relata:

“Aqui minha fia, tem gente que vive da pesca, porque só sabe pescar ou só gosta de pescar, mais as condições do rio obrigam essas pessoas a ganhar dia de 60 reais, batendo foice, coroando coqueiro, faça chuva ou faça sol, isso minha fia quando acha, se tivesse todo dia tirava mais de um salário, mais num tem”.

Este depoimento revela a razão das pessoas buscarem trabalho braçal em fazendas da redondeza, prática exercida desde o início da formação do povoado. Embora não seja uma alternativa apreciada por todos, é a única que eles possuem. O maior problema é que não se trata de um trabalho fixo, pois não existe um vínculo ou um contrato.

Esta análise conduziu a outra reflexão pelos participantes: se os rios fossem protegidos, seria possível garantir a sobrevivência por meio da biodiversidade oferecida pelos estuários e manguezais da região. Atualmente, o rio é visto como um ambiente no qual predomina o abandono, o participante C3 desabafa:

“[...] mesmo com dificuldade, algumas pessoas ainda se arriscam a pescar de jereré, de colocar covó. Minha mãe, pescou nesse rio e dava comida aos fios, agora com tudo caro do jeito que tá e a gente não tem onde pegar um peixinho”.

No entanto, o participante traz em sua fala uma face positiva ao relatar a história do rio, embora note-se uma contradição pois, se por um lado o rio se encontra degradado, por outro lado eles ainda conseguem pescar, mesmo diante das dificuldades de acesso. Ressignificando, o motivo desse discurso conflituoso, se dá porque no encontro dos rios o trecho é fortalecido pela maré enchente pela força da bacia maior do rio Real.

Na visão de Souza e Santos (2018, p. 376).

As experiências vividas pelo homem em seu espaço de vivência representam um campo de infinitas relações e interações com o ambiente natural. Pensar a compreensão do espaço vivido, a partir dessas experiências, é considerar a importância de cada indivíduo e do seu modo de vida como materialização e ressignificação da identidade do lugar.

Assim, as interações, ou seja, as experiências de campo que foram realizadas pelos participantes da pesquisa, com o objetivo de refletir sobre as potencialidades, principalmente as ligadas com o Meo Ambiente, proporcionou diferentes leituras e interpretações. A participante C4 apresenta um discurso de esperança quando diz: “[...] em alguns lugar do rio

ainda é possível tomar banho, lavar roupa, prato, quando falta água a gente precisa ir pro rio, mesmo tando com água turva, porque o gado das fazendas bate pra beber.” (sic).

A participante C2 complementa: “A gente não limpa porque não somos autorizados a fazer isso, e precisa de recursos para retirar todo o excesso das margens do rio.” Por sua vez, o participante C5 justifica: “A gente precisa de parceria, sozinhos não podemos fazer nada, a Secretaria de Meio Ambiente pode mudar essa realidade, eles sabem o que fazer, e não custa procurar a associação dos pescadores aqui e juntos resolver tudo isso.”

As preocupações inerentes à preservação da água, está prevista em documentos oficiais como a Declaração Universal dos Direitos da Água de 1992, aborda no Art.3º, que “os recursos naturais de transformação da água, em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia” (ONU, 1992 *apud* SANTOS; BATISTA, 2018, p. 356).

Analisando as colocações sobre as problemáticas dos rios Patioba e Tabatinga, a participante C4 chama a atenção quando diz que:

“[...] alguém tem que fazer alguma coisa, denunciar, não sei, nós precisa encontrar uma saída, nosso fios já não sabem o que é um belo rio aqui no nosso lugar, e esse rio sujo como tá cria cobra grande. É o fundo dos nosso quintal, é perigo pra os moradores daqui”.

O participante E2, por sua vez, traz o elemento da coletividade ao citar a Associação de moradores em seu comentário: “Eu não entendo como a Associação que defende os pescadores não defende o rio, o Meio Ambiente. Se o pescado vem do rio e o rio não é cuidado, não existirá futuros pescadores.” E o participante E7 complementou o discurso: “É isso mesmo, a associação precisa se incomodar com a situação, porque para ter pescador e marisqueira, precisa ter um rio de qualidade.” De acordo com Arruda et al. (2021), as associações fortalecem, a implementação de ações comunitárias.

As associações que tem autonomia para implementar ações que agreguem os territórios; nesse íterim, “a ideia de por meio da associação montar os barcos, que leva [o visitante] para passear um dia e volta e fazer a comida onde eles iam, é aqui que entra o restaurante, o peixe, a verdura e gerar emprego”, ao desconsiderar o desenvolvimento de qualquer forma de turismo e trabalho, cria-se entraves não apenas para esses grupos, mas também para o crescimento e desenvolvimento da região, de um modo geral (ARRUDA et al. 2021, p. 240).

O comentário do interlocutor está baseado em outros comentários, e mostra a necessidade de se fazer uma intervenção para transformação da realidade. Percebe-se na linguagem usada pelos moradores da comunidade participantes da pesquisa, que o município de Jandaíra não tem cumprido com ações ambientais em prol do rio Patioba e rio Tabatinga.

Sendo assim, toda a comunidade sofre as consequências dos problemas relacionados à erosão e poluição nos rios, que os deixam com impossibilidade para a pesca, para o lazer e para ser navegável, para uma comunidade que tem a pesca como um mecanismo de renda esses danos são deploráveis.

A análise realizada na figura 26, a seguir, apresenta que a pesca é uma realidade na comunidade de Ponte de Itabatinga. Nesse sentido, considerado como um viés importante, pescadores e marisqueiras da comunidade vincularam-se à Associação de Pescadores, garantindo condições para o recebimento do auxílio defeso na época da desova e assegurando-se para a aposentadoria quando chegar a idade exigida pelo Instituto Nacional do Seguro Social.

Figura 26 A e figura 26 B. Imagem de pescadores e marisqueiras do povoado de Ponte de Itabatinga em Jandaíra, Bahia (2021).



Fonte: Guadalupe Catarino, 2021.

Para Oliveira e Santos (2018), ao abordar o ensino de modo interdisciplinar, é possível promover aprendizagem libertadora. A educação, dentro de uma perspectiva metodológica de participação ativa dos discentes, possibilita o protagonismo de cidadãos atuantes nas causas ambientais. Conforme diz Layrargues (2020, p. 76), “[...] é preciso aprender a contestar,

aprender a reivindicar, aprender a protestar, aprender a agir de forma coletiva e politicamente para defender o ambiente.”

Por sua vez, Zabala (2010) adverte que, a sala de aula é um espaço onde o aluno recebe formação e informação, e que é necessário discutir princípios de liberdade, solidariedade humana e valorização dos conhecimentos tácitos, aquele que a pessoa adquiriu ao longo da vida, levando em consideração a sustentabilidade dos ecossistemas

A análise crítica realizada pelos participantes da pesquisa viabiliza uma visão ampliada dos problemas ambientais dos rios da comunidade. Isso indica como o Ensino das Ciências Ambientais pode despertar o olhar da comunidade para a compreensão dos problemas ambientais em sua comunidade.

Nesse ínterim, Souza e Santos (2018), afirmam que a abordagem interdisciplinar das ciências ambientais permite o diálogo de saberes quando se prioriza o uso de metodologias voltadas para a compreensão dos fenômenos ambientais. Na mesma linha de pensamento, Azevedo e Barbosa (2019, p. 262) dizem,

Que a prática interdisciplinar é de grande interesse para o ensino das Ciências Ambientais, pois as contribuições acadêmicas buscam entender diferentes questões como por exemplo, os impactos ambientais, os potenciais econômicos da região, os resultados das pressões ambientais e uso da água e ocupações inadequadas, bem como auxiliar na tomada de medidas que minimizem ou eliminem os problemas ambientais detectados e possam contribuir para a conservação e sustentabilidade ambiental.

Ademais, durante a etapa de observação da realidade, os participantes também puderam refletir sobre a conservação do rio Patioba e rio Tabatinga, e desde o princípio da metodologia do Arco apontaram medidas que precisam ser tomadas em prol do meio ambiente.

Mesmo a gente tendo uma associação de pescador e marisqueiras na comunidade, a problemática do rio nunca foi resolvida, o que faz nós sofrê e a enfrentar desafios, pois para muitos de nós aqui, esta atividade é uma fonte de renda. Esses órgãos faz muito poco pelo pescador, devia impor medida para o uso e conservação dos rio (C4).

Cada um pode fazer a sua parti também, é preciso manter o rio limpo, o povo precisa deixar de colocar lixo no quintal (C3).

Eu sei que o povo também contribui pra tudo isso, lá no rio de cima tem uma mulher que cria porco e galinha perto do rio, isso é horrive, mas como nós conhece o povo se cala pra não prejudicar, e acaba que todo mundo fica prejudicado (E9).

Através dos discursos, constata-se que a Associação dos Pescadores é mais uma vez citada pelos participantes pelas vantagens e desvantagens para o pescador da comunidade de Ponte de Itabatinga. Apesar do olhar coletivo dos pescadores e participantes da pesquisa para as questões da sustentabilidade ambiental do rio, eles expressam a necessidade de ações por parte da Associação, reclamam da inexistência de projetos e da falta de compreensão sobre a proteção dos rios para a própria existência da comunidade. Ao mesmo tempo, eles apontam soluções para o despertar da comunidade.

Segundo a marisqueira participante da pesquisa C5,

[...] precisamos despertar para a necessidade de parcerias público privada, e construção de documentos como uma legislação que não seja feita apenas pelos próprios associados, mas pelo enquadramento legal da associação, como uma possível unidade de conservação, já que o rio se encontra com a bacia do rio Real.

Em todo o momento das discussões era repetido que as atividades da pesca diminuiram e que as atividades econômicas advindas da agricultura ganharam força na região. De acordo com Barros (2014, p. 19), “[...] a ausência de controle das diversas atividades do ser humano seja, doméstica, agrícola ou comercial são modificadoras dos mecanismos de reposição natural da água’, diante dos conflitos ambientais nas bacias do rio Patioba e Tabatinga, é preciso maior fiscalização por parte da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Na visão da participante (C2) “[...] A associação pode pedir a aquisição para a secretaria de Meio Ambiente, que pode fiscalizar a questão das fossas, organizar o povo para roçar o matagal, tudo é uma questão de querer fazer”. O participante E1 complementou o discurso, “[...] com essa limpeza e fiscalização já fica legal, e se fizerem uma barragem aonde é a ponte com certeza teremos um balneário natural e aí já teremos um atrativo para o TBC”.

A partir dessas reflexões, buscou-se então ressignificar outras práticas educativas – seguindo para dois outros pontos de observação definidos pelos participantes, com a tentativa de ampliar as percepções ambientais e culturais dos participantes na comunidade de Ponte de Itabatinga.

Dando continuidade à observação da realidade, o grupo avançou para as visitas à trilha sustentável na estrada velha (P2) e às casas de farinha (P3) que ficam localizadas na extensão da trilha ecológicas na estrada velha.

As visitas foram previamente marcadas aos pontos P2 e P3. Eles se interligam em um só percurso de tempo, por duas horas entre ida e volta. Durante a caminhada pela trilha sustentável na estrada velha, os participantes observaram animais silvestres e tipos de vegetação

destacando as potencialidades da trilha para o TBC.

A leitura de forma crítica da paisagem, levantou diferentes abordagens. Sequenciando os comentários, tem-se ainda as seguintes contribuições:

“Vejo na trilha a possibilidade de um grande evento, no qual a comunidade seja incluída e beneficiada de forma econômica, aqui é bom para fazer um evento de motocross, ia encher a comunidade de gente, as pessoas poderiam comer e beber aqui mesmo” (E9).

“Vi nos vídeos de TBC que a trilha pode ser incrementada, no dia que vai receber os visitantes a comunidade se organiza e tudo sai perfeito” (E7).

Nesse contexto, a atividade de observação da trilha caracteriza-se como interdisciplinar, levando os participantes a compreenderem a biodiversidade do ambiente visitado.

Para Buzatto e Kuhnen (2020), as trilhas são importantes ferramentas de sensibilização dos participantes, uma vez que permitem a compreensão do ambiente e das formas de vida nele encontradas. Por meio da trilha também é possível refletir sobre como ser humano e natureza se relacionam e as mais variadas formas de intervenção humana. Os autores reforçam que ao longo de uma trilha é possível discutir questões ambientais diversas, como: fauna e flora; crise ambiental; biodiversidade; e organização do ecossistema.

Durante a trilha, os participantes destacaram inúmeras ideias voltadas para a reflexão do Turismo de Base Comunitária, tais como:

“Eu moro aqui e nunca fiz a trilha é bonita cercada pela natureza com vista para os manguezais” (E7).

“A trilha proporciona uma caminhada boa, levou em média um tempo de uma hora, o bom é que o ambiente é tranquilo, eu como morador tive outra visão, até observei animais silvestres como camaleões, saguim, pássaros, em outras comunidades que tem o TBC isso é uma riqueza” (E9).

“Dá para fazer um passeio de carroça mesmo, meu tio tem duas, posso falar com ele, um passeio de carroça seria massa” (E6).

A partir da exposição de ideias, nota-se nos discursos que o interlocutor está se referindo às possibilidades que a trilha proporcionou para a reflexão do TBC na comunidade. No entanto, faz-se necessário uma análise profunda, pelo fato da comunidade na sua totalidade desconhecer o Turismo de Base Comunitária.

Outros comentários importantes foram feitos, a partir do ponto em que os participantes começaram a entender que a comunidade tem forte potencial para a organização da gestão do TBC, como se observa nas seguintes proposições:

“As cavalgadas também é muito apreciada pelas pessoas, essa trilha poderia ser usada para fazer uma, né não?” (E14).

“Se alguém chega aqui e não tem ninguém para oferecer nada, ver como um lugar pobre, onde não oferece nada pra fazer” (E16).

“Isso é, mas a gente viu que podemos fazer sim, passeio de carroça, de carro de boi e até mesmo passeio de barco se houver a reabilitação do rio para navegação” (E1).

A leitura crítica da paisagem proporciona diferentes abordagens. Segundo Araújo, Santos e Silva (2018), a leitura na forma crítica da paisagem requer um conhecimento didático sobre diferentes abordagens a partir da contribuição da Educação Ambiental, tanto em sala de aula, como para além dos muros da escola.

Destaque-se que, mesmo com comentários que evidenciam a reflexão para o TBC, a orientadora esclareceu, mais uma vez, a necessidade de organização, planejamento e ações pra dar subsídio a uma gestão de TBC, evidenciando os potenciais da comunidade, entre eles as trilhas.

As trilhas no contexto do TBC além de ser uma aventura, leva o visitante a fazer leituras interpretativas sobre a natureza. “[...] a complexidade ambiental permite ir ao diálogo entre diversos saberes científicos, novas atitudes e comportamentos de agentes envolvidos, servem para se compreender e propor respostas para a realidade do ambiente em discussão.” (AZEVEDO; BARBOSA, 2018, p. 274).

No terceiro ponto da etapa da observação, foram realizadas as visitas às casas de farinha artesanais. Estas expressam a cultura e a história das regiões do Norte e do Nordeste brasileiro. Existentes desde o período colonial, nelas acontece o processo de transformação da mandioca em farinha, um trabalho coletivo que promove a inclusão social. A figura 27, a seguir destaca a cultura da participação e o saber fazer da atividade para um Turismo Sustentável.

Figura 27 A e figura 27 B. Casa de farinha na comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia



Fonte: Carine Celestino, 2022.



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022

Para Silva e Mendes (2019), a produção da mandioca está intimamente associada aos saberes e fazeres tradicionais de um povo, os quais ao longo da história estabeleceram territorialidades. No entorno da comunidade de Ponte de Itabatinga, existe uma dezena de casas de farinha. Uma delas fica a menos de 300 metros de distância da Escola Municipal Joana Almeida Pinto.

No intuito de averiguar seus diversos gêneros, saberes e fazeres, foi observado que nos arredores da comunidade de Ponte de Itabatinga as casas de farinha são como laboratórios culturais e históricos, trazendo uma coletiva difusão e circulação de um discurso a partir do espaço do saber fazer, que se enquadra no TBC como um atrativo turístico, uma atividade tradicional e artesanal que agrega valor a mandioca produzindo um alimento saudável e necessário na mesa do nordestino.

O alimento artesanal é demandado não só por consumidores que procuram reforçar a sua identidade, como também por outros que procuram os produtos tradicionais por considerarem a importância do consumo de alimentos mais saudáveis, sem uso de condimentos e aditivos comuns aos produtos industrializados. (SILVA; MENDES, 2019).

Na interpretação de um dos participantes, a farinha é um alimento importante na mesa do agricultor nordestino, mas para agregar valor à mandioca e fazer a farinha exige-se um processo longo, até adquirir um alimento nutritivo e apreciado por muitas pessoas.

[...] a farinha é a base alimentar do nordestino, a gente come farinha com tudo, pode faltar o arroz, o macarrão e até o feijão, mas tendo a farinha a gente não passa fome, o fazer farinha é um processo que passa por etapas do saber fazer, desde o cuidar do solo, ao cultivo da mandioca, colher, raspar, ralar, espremer a massa, peneirar, secar no forno a lenha ou elétrico (C5).

Ao refletir sobre as casas de farinha e o TBC, E2 afirmou: “[Eu] fico imaginando as pessoas chegando aqui na casa de farinha e perguntando como raspa a mandioca? Como é plantada? Como rala? Para quem não conhece nada disso deve ser muito interessante”. No entusiasmo do discurso a participante, C3 completou: [...] e como a pesquisadora disse, a gente vai se organizar pra receber elas, então já vai ter uma tapioca para comer um beiju na hora, um suco da fruta e um café para completar”. Endossando o discurso entusiasta, a E12 complementou dizendo: “[...] eles já pagam por esse café, que deve ser organizado e assim já é uma renda pra senhora que é dona daqui. E pode vender outras coisas também que elas queiram comprar pra levar.”

Os discursos revelam fatores simbólicos da história da mandioca na região. Essa perspectiva é tão forte para os participantes que facilmente eles associaram as observações aos possíveis caminhos associados ao TBC. Como parte relevante do processo de compreensão da produção da farinha artesanal, o P3 permitiu a observação de artefatos associados ao trabalho da comunidade, a exemplo do ralador usado para extrair a massa da mandioca, conforme retratado na figura 28.

Figura 28 – Ralador a motor em casa de farinha em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022)



Fonte: Ricardo Menezes, 2022.

É importante ressaltar, que o processo de ralar a mandioca é uma tarefa árdua, como diz a interlocutora participante C1, “[...] esse trabalho foi bem difícil, o ralador não tinha motor e os homis precisavam rodar um tipo de rodete, usando a força para que o processo fosse realizado, agora se usa motor elétrico ou a óleo, mas essa engenhoca pode causar danos ao trabalhador, caso não teje atento ao silviço.” Opinião reforçada pelo interlocutor participante C5, quando afirma que “[...] o ralador elétrico é rápido só que tem que ter cuidado porque é veloz, além de provocar cortes pode causar choque.”

Na visão de Silva e Mendes (2019, p. 28), “[...] a construção de saberes e fazeres resultante da prática diária constitui o dia a dia na casa de farinha proporcionando aos sujeitos a busca por novos saberes e aperfeiçoamento.” Essa atividade pode ser considerada como uma experiência viável a ser explorada no âmbito do TBC, quando se imagina o desejo do turista de experimentar essa imersão na cultura local. Nesse sentido, a participante C1 comenta, em tom conciliador que “[...] não é perigoso não, só precisa de atenção para evitar machucados, porque o bicho é ligeiro, se deixar come o dedo de um kkkk (risos).”

Os participantes entenderam que a visita à casa de farinha levou-os a perceber que esse é mais que um lugar para fazer farinha, é um laboratório cultural no qual o visitante pode vivenciar cada processo. Ver na prática, por exemplo, que a farinha é um alimento sem aditivos artificiais, o que faz dela um alimento natural e saudável.

Todos os processos ocorrem de forma simultânea com a cooperação de todos os envolvidos no fazer farinha. Enquanto ainda se raspa a mandioca, outros cevam (ralam) e outros peneiram a massa que aos poucos é introduzida no forno para um pré-aquecimento. De acordo

com o participante C2, “[...] para mexer a farinha no forno é preciso experiência, tem que ter muito cuidado na fazer inicial para não bolar e continuar mexendo com agilidade por todo o forno para não queimar.”

Para entender cada etapa é preciso atenção a questões como por exemplo que, após o processo de ralar toda a mandioca, a massa é espremida em tapiti, “[...] um tipo de prensa de tecnologia indígena”, “[...] feito com palha de arumã, ou seja, é um cilindro de palha no qual é inserida a massa da mandioca para que seja preparada para ser peneirada, conforme registrado na figura 29”.

Figura 29 – Tapiti de palha de arumã utilizado na feitura da farinha em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Carine Celestino

Comprovando o discurso anterior, a imagem mostra que o processo é bem artesanal. O tapiti é espremido através de um pedaço de madeira que é preso a um regulador também de madeira, que tem níveis de secagem. Para deixar esse processo ainda mais interessante, uma vasilha é colocada embaixo do artefato para coletar a tapioca que tem a massa liberada através da água que sai ao espremer.

De acordo com Nunes e Menezes (2021, p. 62),

O Turismo de Base Comunitária em sua perspectiva humanizadora da experiência, é um fenômeno se realiza com a prática no contato e na vivência desde o deslocamento físico e perceptivo ao que é estranho e a vivência com o dia a dia que proporciona encontro entre as pessoas e suas culturas.

Esse artefato é herança indígena e pouco utilizado atualmente porque demanda tempo, força e paciência, segundo participante C4 “[...] o tapiti é trabalhoso, e a limpeza é difícil, é preciso colocar no sol e tampar a boca na hora de guardar para não entrar insetos.”

Segundo a participante C2, a experiência pode se mostrar bem mais difícil, “[...] a gente tinha um trabalho danado, porque tinha que encher os tapitim e colocar na forca, era muito peso pra nós, as vezes nós se moiava todo, porque a água escoria pelo tapitim.”

Para melhorar essa etapa o homem criou a engenhoca “prensa” que tem facilitado o trabalho artesanal nas casas de farinha, o uso da “prensa” diminui tempo, é ágil e demanda menos esforço físico para secar a massa.

A engenhoca “prensa” é feita de ferro e madeira, por tecnologia artesanal, que tem simplificado o trabalho do agricultor Rural na hora de espremer a massa, deixando-a com um aspecto seco e claro, substituindo o tapiti, conforme pode ser visto na (figura 30).

Figura 30 – Prensa de massa utilizada na feitura da farinha em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Carine Celestino, 2022.

Numa estratégia positiva, o trabalho artesanal realizado em casas de farinha proporciona uma troca de conhecimento e união entre as pessoas da comunidade, ou seja, promove a sociabilidade. Para um dos participantes da pesquisa, a casa de farinha não é só trabalho é também sinônimo de diversão, conforme se verifica no comentário a seguir:

As pessoas que não têm casa de farinha, são livres para escolher fazer farinha aqui, cada farinhada vira uma roda de conversa, fofocas e risadas. A gente sonha em melhorar, em ver nossa comunidade crescer e proporcionar oportunidade aos jovens, que quando ficam maiores de idade precisam ir para longe, e a mãe não pode fazer nada, precisamos de ajuda, para que eles encontrem o que fazer aqui, sonho que isso torne realidade. Seria um prazer receber pessoas aqui, quem sabe esse seu trabalho não seja um começo (C2).

Pode-se perceber também que o discurso dos participantes está pautado na falta de oportunidade para os jovens, o que estimula a falta de perspectiva para a vida. Sobre isso, a participante C1 deu a seguinte opinião:

A gente não ver os jovens motivados para mudar nada, nun tem oportunidade, nun tem projeto, é muito comodismo por parte di todo mundo. Também, a gente tem uma associação ali e é um adulto para que paguem a associação, o prédio não tá pronto, ninguém chega pra ajudar, então como vai melhorar, ninguém denuncia, ninguém recrama.

A participante C4 disse “[...] a gente tem uma escola desativada na nossa comunidade, mas pertence a prefeitura penso eu, se eles passassem para a gente fazer o projeto lá seria bem bom”, mais ninguém fala nada, aí fica difícil.”

O silêncio, ou seja, “o calar” das pessoas da comunidade, traz um “conformismo revoltado” com toda a situação vivida por eles ao longo dos anos. Nesse sentido, para que toda essa situação seja mudada, é preciso que essas pessoas comecem a quebrar o silêncio, dialoguem, e mostrem que se sentem afetadas pela falta de incentivo das Associações das quais fazem parte, e pela falta de políticas públicas do município.

Por outro lado, o entusiasmo demonstrado pelos estudantes com a reflexão do TBC, por perceberem as possibilidades, os levando a pensar em uma rota de turismo, foi fundamental durante a observação. Eles indagavam o porquê daquilo? Ou como poderia ser aquilo? Sempre colocando a sua opinião, como sugere o participante E7, “[...] a senhora já tá na casa de farinha, quando vier visitante pode vender seus produtos de agricultura para os visitantes, além de doces, lanches e sucos feitos com frutas sem agrotóxicos.”

Vale frisar que o TBC representa uma modalidade de turismo que normalmente é empreendida em pequena escala, em territórios com ativos naturais e socioculturais muito específicos, numa dinâmica em que a tônica fundamental das práticas de turismo comunitário é permitir com que as próprias pessoas que residem nas comunidades sejam as protagonistas dos processos de organização e implementação da atividade do turismo nos

territórios em que tradicionalmente vivem (TOLKACH; KING, 2015 *apud* ARRUDA et al. 2021, p.228).

Utilizando da autonomia para compartilhar suas visões, o E6 sugere, “[...] o café da manhã seria muito interessante se fosse aqui, enquanto as pessoas perguntam sobre a casa de farinha, poderiam saborear bolos, pães caseiros, manteiga da fazenda e tomar um bom café”.

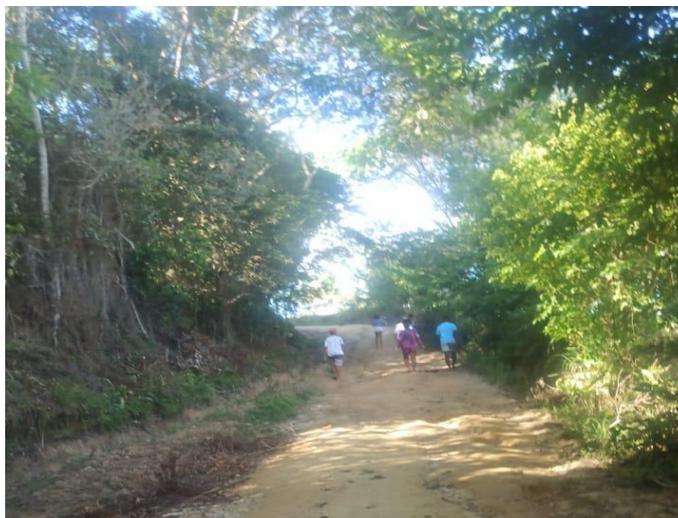
Com o mesmo entusiasmo o aluno participante E10 externou seus pensamentos e inquietudes: “[...] os apetrechos de pesca que a gente viu na casa de farinha, também pode ser um atrativo para os turistas né professora”. Essas falas confirmam o pensamento de Arruda et al, (2021, p. 72), quando dizem que “[...] o TBC possui a particularidade de que as rendas econômicas auferidas no âmbito de tal atividade deve ser distribuídas igualmente entre os indivíduos, e devem também contribuir para o desenvolvimento local.”

Mais uma vez a orientadora explicou a importância da organização da comunidade, e que, sejam os artefatos de pesca ou da casa de farinha o importante é falar sobre o funcionamento, a eficácia, a história, quem usa e como usa. Isso é fundamental quando se pensa na organização do TBC na Comunidade. Para Mendes e Menezes (2021, p. 261), “[...] o Turismo de Base Comunitária valoriza sobremaneira as especificidades em um coletivo, como sua cultura, seus saberes e identidades, considerando os elementos locais como patrimônios, como atrativos turísticos.”

No sentido de organização é preciso entender que o público que opta por esse formato de turismo não é visto como um cliente primordialmente, mas é acolhido como um membro das famílias locais, interagindo com o dia a dia da Comunidade, compartilhando e vivenciando as experiências daquela família, ou típicas daquela localidade. De acordo com Gonçalves e Oliveira (2017, p. 2), “[...] desta maneira, percebe-se a importância de ter na comunidade uma gestão de qualidade, com uma hierarquia definida, porém flexível, valorizando a participação de todos.”

É pertinente destacar que a observação permitiu aos alunos identificar dificuldades, carências, e discrepâncias de várias ordens, que serão transformadas em problemas, ou seja, serão problematizadas. Na volta do trajeto da visita dos P2 e P3, durante todo o percurso os participantes da pesquisa continuaram os diálogos e refletiam sobre as potencialidades para o TBC, que a comunidade possui (figura 29).

Figura 31 – Trilha na estrada velha na comunidade de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

A atividade de observação da realidade nos P2 e P3, proporcionaram aos participantes da pesquisa uma nova perspectiva, houve maior integração entre: escola, comunidade e meio ambiente. Pode-se dizer que o “**caminho da trilha**” integrou a escola ao espaço não formal de ensino e aprendizagem, numa discussão interdisciplinar sobre a sustentabilidade.

Para Azevedo e Barbosa (2018, p. 32), “[...]o método interdisciplinar existente no ensino das Ciências Ambientais permite permear sobre disciplinas curriculares, refletir sobre as práticas sociais, no contexto do qual está inserido”. De volta a sala de aula, com vistas a problematizar a experiência vivida, a pesquisadora escreveu em quadro branco a seguinte questão: *Para refletirmos sobre o TBC em Itabatinga, existe a possibilidade de criar trilhas sustentáveis na comunidade?* Algumas das respostas foram:

“Essa pergunta já foi até respondida kkkk. Sim! A trilha da estrada vieja é uma trilha sustentável cercada pela natureza” (C1).

“Na minha opinião só é possível se as pessoas envolvidas forem comprometidas em oferecer o melhor para os visitantes” (C2).

“A estrada velha que elas e eles estão falando, era a única que tínhamos antes da linha verde, mais realmente é uma estrada bonita, já bastante povoada e cercada pela natureza” (C5).

“Gostei muito de sair da escola e fazer essa atividade, a trilha é bem interessante, gostei da vista para os manguezais, mais fiquei com pena da cobra morta que encontramos, alguma mota deve ter matado” (E4).

“O bom da trilha é que tem muitas casas em toda a estrada, então não oferece perigo, geralmente as mulheres fazem caminhadas aqui, além disso a gente

pode observar vários tipos de vegetação como árvores frutíferas e o manguezal que é lindo aqui do alto” (E9).

“Eu observei muito mais que a vegetação e os animais silvestres, vi que tinha muitos vestígios deixado pela humanidade, como explicou a professora de história na aula” (E7).

“Dá pra fazer atividade física, caminhadas, trilha de bicicleta nas aulas de educação física, e ações de limpeza para catar esses vestígios que (?) disse, eu vi até garrafa de água mineral da grande” (E1).

“A Secretaria de Meio Ambiente tem que viabilizar uns tuneis longe do rio para o povo colocarem o lixo, aquele lixão perto da ponte lá na maré é uma tristeza” (E6).

“O povo também precisa ter consciência ambiental, mas o fato da Secretaria intervir nessa questão, as pessoas podem passarem respeitar e é menos um problema na nossa comunidade” (E3).

Considerando que na estrada da trilha já existem as casas de farinha e muitos moradores da comunidade, esses elementos são fortes potenciais para constituir um roteiro do Turismo de Base Comunitária com a participação desses atores locais. Outros discursos, que também foram considerados durante a observação da realidade, estão destacados no quadro 7, numa linguagem transdisciplinar, por revelarem questões diretamente relacionadas ao Turismo de Base Comunitária.

Borges et al. (2015, p. 19) aborda que,

A entrada da transdisciplinaridade na educação básica ocorre naturalmente pela via das ciências, na medida em que estas são responsáveis pelas modificações na compreensão de mundo que o ocidente viveu nos últimos séculos, de modo geral, e no último século, de modo especial.

Os discursos do quadro 7 expõem a primeira etapa do Arco de Maguerez. Na observação da realidade, os participantes realizaram uma análise transdisciplinar e reflexiva sobre organização e fortalecimento para a implementação do TBC.

Para o processo de autodescoberta é necessário à transdisciplinaridade porque o indivíduo excessivamente preso ao ego é incapaz de perceber as conexões sutis que se estabelecem entre os diferentes níveis da realidade, ou seja, não pode compreender a complexidade (BORGES et al 2015, p. 20).

Quadro 7 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso durante a observação da realidade

UNIDADES DE SENTIDO	EXEMPLOS DE DISCURSOS	ANÁLISE
TBC	Exemplo 1 – “[...] eu moro aqui e nunca fiz a trilha, é bonita cercada pela natureza com vista para os manguezais.”	Análise do exemplo 1 - Dentro dessa temática, observou-se que a comunidade é cercada por trilhas ecológicas, sítios produtores, e fazendas, podendo viabilizar a criação de uma rota sustentável.
	Exemplo 2 - “É uma situação crítica, causada pela falta de limpeza em suas margens, deixando alguns trechos fechados pelo excesso de matas ciliares, um rio moça, que já foi sinônimo de desenvolvimento, se encontra abandonado, deixando nós moradores da comunidade inconformados com sua degradação.”	Análise do exemplo 2 - É preciso analisar as formas do silêncio. A espera pelo outro foi agravando o problema, sendo o silêncio como fundador da ausência da palavra ou som.
	Exemplo 3 justifica a situação do rio: “[...] a gente precisa de parceria, sozinhos não podemos fazer nada, a secretaria de meio ambiente pode mudar essa realidade, eles sabem o que fazer, e não custa procurar a associação dos pescadores aqui, e juntos resolver tudo isso.”	Análise do exemplo 3 – Ao fazer uma leitura interpretativa das ações da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Jandaíra, Bahia, temos como resultado desenvolvimento de políticas e ações em prol da sustentabilidade, nesse sentido a Associação dos Marisqueiros(as) e Pescadores(as) da comunidade, devem dialogar com a solicitação via ofício de uma ação cabível em prol dos rios da comunidade de Ponte de Itabatinga à secretaria referida.
TBC	Exemplo 4 “Algumas fazendas possuíam engenhos artesanais, que na época produziam açúcar mascavo (conhecido na região como açúcar preto), melaço e mel “cabaú.”	Análise do exemplo 4 - A cultura local sob o olhar do discurso e pela concepção dos precedentes da história da comunidade modificou-se com o passar do tempo.
	Exemplo 5. “Por sentirem falta de rezar, os primeiros moradores levantaram uma capela de barro coberta de palha, com o passar dos anos e sob autorização do vaticano coordenado pelo Papa, com a coordenação do Padre Frei Osvaldo Rossi que comandava a região de Jandaíra/Jandaíra/BA uma igreja foi construída na comunidade no ano de 1973.”	Análise do exemplo 5 – Apresenta aspectos que ainda estão presentes, a religião é entendida como uma ciência que é passada de geração a geração com variações linguísticas, culturais e ideológicas de cada região ou lugar.
TBC	Exemplo 6 - Este porto interligou as comunidades ribeirinhas do município de Jandaíra e a cidade de Indiaroba e os fazendeiros começaram a receber embarcações de outras localidades: Abadia, Cachoeira de Abadia hoje denominada Cachoeira do Itanhy, Coqueiro, Mangue Seco e Indiaroba.	Análise exemplo 6- O conhecimento/cultura, refletem na comunicação entre as pessoas da comunidade, construindo uma realidade social através da educação constituída pela memória social das pessoas.
	Exemplo 7 - a farinha é: “[...] um alimento importante na mesa do nordestino, é um processo longo, até adquirir um alimento nutritivo e apreciado por todo o Nordeste, a farinha é a base alimentar do nordestino, a gente come farinha com tudo, pode faltar o arroz, o macarrão e até o feijão, mas tendo a farinha a gente não passa fome”.	Análise exemplo 7- O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Reconhecendo a sua identidade pelo discurso.
	Exemplo 8- participante C2: “[...] dá um trabalho danado, é um processo de espera também, porque é um ano de espera para colher, e durante esse tempo o cultivo é cuidado, além de limpar é preciso adubar, para se ter um bom resultado.”	Análise exemplo 8 - Em seus diversos gêneros de saberes e fazeres, percebe-se que nos arredores da comunidade de Ponte de Itabatinga as casas de farinha são como laboratórios culturais e históricos, uma coletiva difusão e circulação de um discurso num espaço do saber fazer, que se enquadra no TBC como um atrativo turístico.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nessa perspectiva, a realidade observada pelos participantes da pesquisa, e a discussão de fatores e de determinantes associados aos diversos problemas socioambientais visualizados nos pontos visitados, foram essenciais para dar sentido ao estudo acerca das reflexões sobre implementação, organização e fortalecimento do TBC, fortalecendo assim a comunidade para o surgimento de novos negócios. Para Souza et al. (2020, p. 132)

No tocante à percepção do Turismo de Base Comunitária (TBC) pelo gestor/proprietário, a atividade é considerada importante, por implementar projetos de uso sustentável dos recursos naturais, valorização cultural, incentivar o empreendedorismo ribeirinho, o protagonismo e o empoderamento das comunidades rurais. Em termos econômicos, o TBC é promissor por gerar receita, prover o sustento da família e empregos informais.

Na etapa de pontos-chave, os participantes são orientados pelo professor/pesquisador a realizar uma nova síntese buscando os pontos mais essenciais a serem investigados e solucionados em etapas posteriores (BERBEL, 1998).

Por essa razão, na escola, os três grupos de participantes formados sistematizaram as vivências, expressando os pontos de maior atenção na etapa de observação. Foram lembrados os registros feitos nos diários de bordo, bem como os fotográficos e os diálogos com a comunidade na casa de farinha.

No P1 foram destacados os problemas socioambientais dos rios Patioba e Tabatinga. Apesar dos participantes acreditarem que os rios poderiam apresentar potencial para o turismo, se fossem ambientalmente recuperados, chegaram à conclusão de que seria necessário realizar uma investigação científica, inviável para momento por questões de tempo, recurso e até mesmo pela dependência de resolução da questão ambiental pelo poder público.

Para os pontos de visita dois e três, os participantes chegaram ao consenso de que seria possível estudar os aspectos relacionados à trilha e às casas de farinha, e, conseqüentemente, discutir sobre como os aspectos relacionados aos dois pontos de visita poderiam gerar reflexões sobre o TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga (figura 32).

Figura 32 – Definição dos pontos-chave junto aos participantes da pesquisa (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

No P2 foram destacadas as potencialidades na reflexão de uma rota para o Turismo de Base Comunitária, expectativas foram levantadas, e uma discussão sobre a importância da organização e fortalecimento se fez necessária. De acordo a participante E2, “[...] a escola deve se juntar à associação dos moradores de Ponte e firmar uma parceria, porque assim pode facilitar o processo de organização.” Da mesma forma deve-se proceder para o P3, visto que os participantes evidenciaram a cultura do saber fazer e apetrechos de pesca e de casa de farinha.

A tomada de decisão dos participantes reforça a importância do protagonismo de estudantes e comunidade na tomada de decisão rumo à transformação da realidade. Segundo Souza e Santos (2018, p. 399), “[...] para alcançarmos uma abordagem totalizante na sociedade relativa à natureza, é necessário dá voz e visibilidade aos sujeitos sociais que vivem dentro dessa visão”.

Para Holanda (2017), “[...] a linguagem vai além do texto, traduzindo ecos da memória, do observar, do “dizer” humano, mas não é obrigatoriamente necessário que a análise seja feita literalmente, por se tratar de uma análise vertical e não horizontal [...]” Por essa razão, cada discurso foi construído baseando-se na fala dos participantes da pesquisa, como exposto no quadro 8, a seguir.

Quadro 8 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa dos pontos-chave

Unidades de sentido	Exemplos de discursos	Análise
Meio ambiente, região, significados e sentidos	Exemplo 1 - O participante E9 disse: “[...] nosso grupo amadureceu a ideia da criação de uma rota na trilha, envolvendo as casas de farinha, porque além de possuir um bom acesso, a trilha deixa o visitante em contato com a natureza e com a cultura.”	Análise do exemplo 1 –É pertinente dizer, que os discursos analisados pelos registros fotográfico e escrito dos pontos observados foram de fundamental importância para compreensão das ideologias no interior da interdiscursividade nos pontos-chaves.
	Exemplo 2 - “[...] hoje em dia minha fia, é impossível pescar no rio Patioba, por falta de limpeza dos matos, em tempos atrás, o rio era limpo todos os anos, agora não existe compromisso por parte dos hõmi da prefeitura, de limpar o rio, tem lugar que tá fechado pelo mato.”	Análise do exemplo 2 - As problemáticas do rio Patioba foram definidas como um ponto-chave. Notou-se o descaso por parte da secretaria de meio Ambiente do município. Percebe-se na linguagem crítica usada pelos moradores da comunidade, participantes da pesquisa, que o município de Jandaíra/Jandaíra/BA não tem cumprido com ações ambientais em prol do rio Patioba.
	Exemplo 3 comenta: “[...] eu não entendo como a associação que defende os pecadores, não defende o rio, o meio ambiente, se o pescado vem do rio e o rio que não é cuidado, não existirá futuros pescadores”.	Análise do exemplo 3 – Nota-se por parte dos moradores da comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia, a falta de iniciativa da diretoria da associação dos pescadores em resolver as problemáticas do rio Patioba. Por essa razão o discurso sobre o meio ambiente, foi construído na perspectiva crítica da realidade.
TBC	Exemplo 4 diz: “[...] a gente tem possibilidade de desenvolver trilhas, porque se tem uma coisa que a gente tem aqui é natureza viva, pode garantir pro visitante ele vai ter contato com a natureza.”	Análise do exemplo 4 - A leitura discursiva sobre a proposta do TBC no âmbito da análise do discurso, pelas etapas da problematização, foi considerada viável pelos estudantes, pela riqueza natural que cerca a comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia.
	Exemplo 5 - “[...] eu assisti no globo rural que as casas de farinha são potenciais pra essas coisas.”	Análise do exemplo 5 - Nesse sentido, a complexidade da análise do discurso compreende e observa as possibilidades que existem na comunidade, possibilitando a implementação da gestão do TBC.
	Exemplo 6 - “[...] podemos organizar um café da manhã típico na comunidade, vendas de doces e produtos da agricultura nos sítios onde estão localizadas as casas de farinhas.”	Análise do exemplo 6 - O discurso, surge como uma perspectiva de planejamento por políticas de inclusão e participação social, incentivando a autonomia, e o reconhecimento da identidade local pelo viés do empreendedorismo.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Como se observa nos discursos exemplificado no quadro 8, participantes expressaram conhecimento da temática TBC, por ter assistido documentários em programas televisivos ou acessado vídeos no YouTube. Na prática de definição dos pontos-chave, os participantes já refletiam o desenvolvimento de ações para uma implementação futura do Turismo de Base

Comunitária na comunidade de Ponte de Itabatinga. Assim, exemplificaram potencialidades em atrativos a exemplo da trilha, além de capacidade de produção no oferecimento de serviços como hospedagens na modalidade cama e café e alimentação e bebidas. Para Mendes e Menezes (2017, p. 99),

O TBC se apresenta como um modo de estruturação de uma destinação turística com foco no desenvolvimento social, cultural e econômico, fortalecendo a autogestão e mobilizando comunidades em torno de um bem comum, da possibilidade de geração de renda e de visibilidade das diferentes produções locais.

Como se observa, os participantes têm noções de atividades que podem ser organizadas na implementação do Turismo de Base Comunitária, assim sendo, seguiram para a etapa da teorização do Arco de Maguerez, onde realizaram leituras e pesquisas sobre o TBC.

3.3.2 Etapa teorização juntos aos participantes da pesquisa

Os estudos realizados pelos participantes da pesquisa revelaram que eles visitaram os sites indicando nos links sobre o TBC e isso possibilitou novas formas de conhecimento para a interação e organização do Turismo de Base Comunitária.

O participante E12 relatou, “[...] pelo que vi na leitura do material, eles valorizam tudo o que a comunidade produz, artesanato, culinária e costumes, quem busca o TBC quer viver a nossa realidade.” O participante E12 completou o discurso dizendo: “Vendo os *links* dos vídeos entendi o que era identidade local, eu tinha essa dúvida e tinha vergonha de perguntar”.

No Turismo de Base Comunitária há “[...] um forte apelo às questões locais em que identidade se torna conceito fundamental tanto para os elementos culturais na formação de identidades local, que são prerrogativas importantes para pensar essa concepção de turismo.” (MENDES; MENEZES, 2017, p102). No quadro 9, a seguir, estão dispostas as informações tidas como relevantes à etapa de teorização.

Quadro 9 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de teorização

UNIDADES DE SENTIDO	EXEMPLOS DE DISCURSOS	ANÁLISE
TBC	Exemplo 1 - “[...] a gente precisa colocar princípios de sustentabilidade, nos vídeos que assistir essa é a maior preocupação, eles falam de quantidade de pessoas que podem vim (sic) em cada visita.”	Análise do exemplo 1 – Compreende-se pelo campo da linguística que o sujeito discursivo se apropriou no sentido da leitura, dos princípios do tema do estudo.
	Exemplo 2- A gente conversou sobre os vídeos que a gente viu que para implementar o TBC precisa de união e organização entre as pessoas.	Análise do exemplo 2 – A troca de experiência pelo diálogo/discurso dá sentido à apropriação do estudo na etapa de teorização. Nesse sentido, os participantes trás materialidade a importância da prática pelos sentidos da linguagem.
	Exemplo 3 - “[...] nosso grupo vai apresentar um cordel mostrando as potencialidades para o TBC, não dá pra colocar no cordel a admiração que passamos a ter pela nossa comunidade após esse projeto, ver exemplos de outros lugares até mais simples, nos mostrou como a gente é rico e não sabia.”	Análise do exemplo 3 – Compreendendo a articulação linguística, os estudantes articularam a competência específica da escrita pelo discurso oral, mostrando a apropriação da aprendizagem na etapa da teorização.
TBC	Exemplo 4 – “[...] vi nos vídeos de Youtube falando de TBC, que a trilha pode ser incrementada no dia que vai receber os visitantes, a comunidade se organiza e tudo sai perfeito.”	Análise do exemplo 4 – A apropriação tecnológica do conhecimento pelas redes sociais digitais, proporciona a interdiscursividade aos sujeitos, num discurso aberto, crítico e lúdico.
	Exemplo 5- “[...] nosso grupo vai apresentar uma paródia falando do rio Patioba, explicando como ele está degradado, como precisamos dele e sua importância, sua história relata que ele já foi sinônimo de prosperidade, no qual várias famílias tiravam, seu sustento através da pesca, hoje já não oferece condições nenhuma, seja de pesca ou lazer.”	Análise do exemplo 5 – Pelo discurso direto, indireto e livre os participantes da pesquisa apresentaram os problemas ambientais do rio Patioba num discurso intertextual, enunciado pelos narradores.
	Exemplo 6 – encerrou a apresentação dizendo, “[...] participar dessas atividades nos fez refletir quanto tempo a gente ficou sem fazer nada e, agora temos consciência que podemos e devemos fazer alguma coisa.”	Análise do exemplo 6 - Traz um discurso que pela expressão da linguagem leva à reflexão que o discurso silencioso precisa ser quebrado pela objetividade.
Região e significados	Exemplo 7 - “[...] nosso grupo escolheu escrever uma HQ, sobre a casa de farinha, é uma conversa de comadre falando como é trabalhoso e ao mesmo tempo satisfatório o saber fazer farinha”, em algumas comunidades que a gente pesquisou já existe um turismo de base comunitária consolidada e a casa de farinha é um atrativo.”	Análise do exemplo 7 - O discurso da cultura local, pelo saber fazer da casa de farinha artesanal, aborda a contextualidade pela ludicidade da história em quadrinho, considerando a relação do sujeito (autor/locutor) com os personagens enunciadorees da história.
	Exemplo 8 – “[...] pelo que vi na leitura do material, eles valorizam tudo o que a comunidade produz, artesanato, culinária e costumes, que TBC é viver a nossa realidade.”	Análise do exemplo 8 - Nesse contexto do saber fazer, a influência dos sentidos do discurso pela influência dos pensamentos e dos sentimentos é representada pela realidade tal como ela é.
	Exemplo 9 - Sugeriu: “Vender artesanatos, cocadas, hospedagem na modalidade de cama e café, eu já assistir isso num vídeo”.	Análise do exemplo 9 – A venda dos arranjos produtivos locais é analisada nesse contexto, como um meio de trabalho e renda.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Os discursos do quadro 9 resultam das diferentes interpretações dos participantes da pesquisa, numa efetiva reflexão sobre o campo do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga.

Essas identidades revelam conhecimento, pela crítica na discussão de alguns problemas e na descoberta de potenciais.

No entanto, os discursos revelam que se houver organização através de parcerias com a Escola Municipal Joana Almeida Pinto, as Associações locais e as Secretárias de Meio Ambiente e Turismo, além do envolvimento dos atores locais, a comunidade de Ponte de Itabatinga terá condições de desenvolver um turismo sustentável pela gestão do TBC, modalidade que tem sido cada vez mais procurada pelos turistas. Como confirmam Arruda et al. (2021 p. 233) ao lembrarem que,

[...] em tempos nos quais os turistas tentam evitar os destinos convencionais e de massa, que oferecem experiências marcadamente homogeneizadas, percebe-se que as práticas de TBC possuem um potencial significativo para se difundirem e se consolidarem, inclusive, nos mercados mais dinâmicos de turismo.

Na sequência, foi desenvolvida em sala de aula, sob a observação e orientação da pesquisadora, a análise da matriz FOFA, essa atividade possibilitou aos participantes levantar os pontos fortes, as oportunidades, as fraquezas e as ameaças para a destinação em estudo, aprimorando o entendimento dos participantes da pesquisa sobre o TBC.

A partir dos discursos dos participantes, expostos a seguir, percebe-se que essa atividade proporcionou o reconhecimento de suas identidades.

“A gente precisa fazer uma caminhada pelas ruas pedindo colaboração das pessoas para minimizar essas questões do meio Ambiente, se a gente que mora aqui não cuidar, quem vai cuidar” (E1).

“Eu tenho orgulho do meu lugar, aqui a gente respira ar puro e apesar de não ter uma delegacia dificilmente tem conflitos entre as pessoas que moram aqui” (E4).

“Vai ser um trabalho muito difícil, mais né impossível, o povo só pensa em seu próprio umbigo” (E5).

Dentro dessas perspectivas os participantes realizaram a análise da FOFA em grupo, se revertendo na escrita em painel (figura 33), discutindo inicialmente as forças e oportunidades em seguida as fraquezas e ameaças.

Figura 33 – Análise da FOFA realizada pelos participantes da pesquisa na escola municipal Joana Almeida Pinto, (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

- Os resultados da matriz apontaram que as forças estão relacionadas ao diagnóstico das características para criação de uma instituição que venha representar vantagens competitivas sobre seus concorrentes ou facilidade para atingir os objetivos propostos.
- Como oportunidades, os resultados apontaram que é preciso analisar situações positivas do ambiente externo que permitem à gestão do TBC alcançar seus objetivos ou melhorar sua posição no mercado.
- Na definição das fraquezas, os participantes chegaram à conclusão de que fatores internos que podem colocar a gestão do TBC em situação de desvantagem frente à concorrência ou que prejudicam sua atuação no ramo escolhido no sentido de eliminar e fortalecer.
- Por fim, chegaram aos resultados das ameaças, que são definidas como situações externas nas quais não se tem controle e que colocam a gestão do TBC diante de dificuldades, ocasionando a perda de mercado ou a redução de sua lucratividade, nesse sentido deve-se evitar, neutralizar

No quadro 10, a seguir, estão dispostas todas as informações tidas como relevantes à elaboração da FOFA.

Quadro 10 – Análise SWOT na perspectiva da implementação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia.

FORÇAS (Aprimorar, usar)	OPORTUNIDADES - (Explorar, aproveitar)
<p>Diagnosticar características para criação de uma instituição que venha representar vantagens competitivas sobre seus concorrentes ou facilidade para atingir os objetivos propostos ou fazer parceria com a escola e as associações já existentes para aprimorar, exemplos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Atendimento personalizado ao cliente; ● Preço de venda competitivo; ● Equipe treinada e motivada; ● Localização estratégica dos locais visitados. 	<p>Analisar situações positivas do ambiente externo que permitem à gestão do TBC alcançar seus objetivos ou melhorar sua posição no mercado explorando exemplos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Existência de parcerias; ● Exemplos de outras regiões que apresentem o TBC; ● Aumento crescente da demanda, mas com sustentabilidade; ● Disponibilidade de serviço para receber o visitante.
FRAQUEZAS – (Eliminar, fortalecer)	AMEAÇAS – (Evitar, neutralizar)
<p>São os fatores internos que podem colocar a Gestão do TBC em situação de desvantagem frente à concorrência ou que prejudicam sua atuação no ramo escolhido no sentido de eliminar e fortalecer.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Deficiência na qualificação dos sujeitos; ● Indisponibilidade de recursos financeiros, culturais e naturais; ● Falta de experiência anterior no ramo; ● Custos de manutenção elevado. 	<p>São situações externas nas quais se tem algum controle e que colocam a gestão do TBC diante de dificuldades, ocasionando a perda de mercado ou a redução de sua lucratividade, nesse sentido deve-se evitar, neutralizar, a exemplos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Exigências legais rigorosas dos órgãos ambientais; ● A falta de fornecedores nas localidades (alimentação, bebidas, artesanatos, hospedagem etc.); ● Escassez de mão de obra qualificada; ● Insegurança e violência na região.

Fonte: Elaborado pela autora a partir do trabalho de campo (2021); e adaptado de Souza (2019)

Com base nos estudos de Campos (2018), os pontos fortes e as fraquezas foram analisados como fatores que podem ajudar na reflexão de composição da implementação do TBC. Por outro lado, as oportunidades e ameaças foram vistas como componentes do ambiente externo fora do controle imediato, mas como ponto de atenção, uma vez que as tendências de mercado, estratégias utilizadas pelos concorrentes, e/ou quaisquer outros fatores extrínsecos, podem afetar a implementação do TBC de maneira positiva ou negativa.

A partir da análise *Swot*, coube aos alunos da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e às pessoas da comunidade apresentarem hipóteses de solução para criação, organização e fortalecimento do TBC de modo coletivo, conforme destacado na análise *SWOT* que foi realizada.

3.3.3 Etapa hipóteses de solução juntos aos participantes da pesquisa (escola e comunidade)

Na quarta etapa do Arco de Magueréz, a discussão foi voltada para as hipóteses de solução, na qual os participantes discutiram e amplificaram suas respostas com a atividade da árvore de problemas, no painel. Os problemas identificados foram a criação de uma rota e os

problemas ambientais dos rios Patioba e Tabatinga. Antes que fosse formulada a árvore em painel, a pesquisadora fez os seguintes questionamentos aos participantes da pesquisa: (i) *O que é preciso para solucionar o problema?* A participante C1 respondeu: “[...] meu sonho é que a Associação tome uma providência sobre essas questões ambientais.” Na sequência, o E2 disse: “[...] meu sonho é ver a comunidade evoluir com a implantação do projeto de TBC”.

Em seguida foi realizado o questionamento seguinte: (ii) *Como podemos transformar a realidade?* A resposta da participante C2 foi: “[...] se nós se unir, lutar pelo nosso sonho, muita coisa pode mudar, meu sonho é ver os jovem tendo o que fazer.” A partir dessa discussão outras contribuições surgiram:

“Depois de tudo que a gente fez durante esse projeto, a gente pode se unir e atrair mais pessoas e fazer tudo o que relatamos nas etapas, meu maior sonho é ver minha comunidade sem poluição” (E6).

“Eu acredito que realmente a união faz a força, meu sonho para transformar a realidade é participar desse projeto, mas sei para isso dá certo, tem muito chão” (E4).

“Se a gente acreditar e a escola continuar contribuindo com o a apoio, vai dar certo sim” (E2).

Dando continuidade, a próxima pergunta foi: (iii) *Quais os desafios que serão encontrados?* Resposta da participante E5 foi: “[...] muita crítica, principalmente quando as pessoas forem abordadas e notificadas para fazer as fossas de suas casas.” O participante E7, por sua vez, complementou: “[...] se a secretaria resolver as questões relacionada ao lixo e a limpeza dos rios, parte do meu sonho está realizado, então as críticas serão palmas para mim.”

A questão (iv) *Como envolver a comunidade no projeto?* teve como respostas o discurso da participante E12: “[...] é preciso reunir essas pessoas em horário noturno e explicar todo o processo que realizamos e os objetivos que temos a implementação do TBC.” Complementando a resposta, o participante E8 disse: “[...] tudo fica mais fácil quando a escola está envolvida, os nossos pais confiam e também acredita no andamento das coisas.”

Dando continuidade ao questionamento a pergunta seguinte foi: (v) *o que é preciso para a criação do turismo de base comunitária na comunidade do entorno da escola Joana Almeida Pinto?* O participante E9 responder que é preciso “[...] desenvolver projetos na escola voltados para a cultura, e envolver pessoas de outras comunidades que estudam aqui”. Complementando, o participante E1 falou que “[...]as nossas comunidades são muito próximas, e dando certo aqui, podemos envolvê-los, isso vai nos fortalecer ainda mais.”

Para a questão (vi) *Quem pode ser parceiro do projeto?* teve como resposta os discursos dos participantes E10, C4 e C2:

“Acredito que a escola e a Associação já sejam parceiras, agora precisamos buscar parcerias com as secretarias municipais de Meio Ambiente, Agricultura, Turismo e Obras” (E10).

“Eu vi nos vídeos que as comunidades buscaram apoio do SEBRAE, da EMBRAPA e da PETROBRÁS” (C4).

“Se nós se organizar nosso sonhos vão pra frente, porque se acontece nos otros lugar porque num pode acontecer aqui” (C2).

Para finalizar a etapa de questionamentos, foi lançado a última pergunta: (vii) *Como fortalecer o TBC na comunidade?* Diante desse questionamento o participante E12 disse que “[...] desenvolvendo ações que sensibilizem ou contagiem as pessoas a nos ajudar e mostrar a elas que serão beneficiadas futuramente.”

Após os questionamentos respondidos, os participantes se dividiram em grupos para a elaboração da árvore em painel. Nesse sentido, o problema central destacado pelos participantes na árvore dos sonhos foi desenhar uma rota e escrever uma carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Cumprе ressaltar que a atividade da árvore dos sonhos apontou os principais sonhos dos participantes em relação ao que poderia ser feito no futuro, tanto para estabelecer a rota turística do TBC quanto ao desejo pela limpeza dos rios e destino certo para os rejeitos. A árvore foi desenvolvida numa linguagem segura dos fatos, com o intuito de ser aplicada, para finalizar a quarta etapa (figura 34), e seguir para a próxima etapa da Metodologia da Problematização

Os participantes da pesquisa tiveram um maior envolvimento com a atividade da árvore dos sonhos, além de discutirem os problemas socioambientais relacionados à comunidade, houve um diálogo sobre as potencialidades da rota, que foi definida pelos participantes na próxima etapa do Arco de Maguerez em uma oficina de desenho.

Figura 34 – Construção da árvore dos sonhos pelos participantes da pesquisa na escola municipal Joana Almeida Pinto em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Como resultante da atividade, as unidades de sentido revelaram as hipóteses de solução dadas coletivamente pelos participantes da pesquisa, de acordo com o quadro 11.

Quadro 11 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de hipóteses de solução

UNIDADES DE SENTIDO	EXEMPLOS DE DISCURSOS	ANÁLISE
TBC	Exemplo 1- O participante C3: “[...]foi, “podemos fazer uma carta aberta ao senhor secretário de Meio Ambiente e a Câmara Municipal, pedindo a limpeza do rio Patioba professora.”	Análise do exemplo 1 - Análise do exemplo 2 – Nesse sentido a objetividade do discurso através da linguagem escrita pelo uso da carta, classificada como linguagem textual.
	Exemplo 2 - Participante E4 disse: “[...] a gente pode colocar a carta no correio, e as duas turmas podem ser sinalizadas como responsáveis pela carta.”	Análise do exemplo 2 - O uso do discurso pela atividade que apresenta detalhes e características é uma atividade do discurso histórico, que facilita a comunicação.
	Exemplo 3 a participantes da pesquisa E5: “[...] a gente analisou a possibilidade de definir a trilha como aberta, com início na entrada da comunidade pela linha verde, a primeira parada nas casas de farinha.”	Análise do exemplo 3 – Num discurso voltado para a Educação Ambiental Crítica, chegou-se à hipótese da estruturação da trilha, tendo como reflexão a largura e o contato direto com a natureza, além do contexto cultural das casas de farinha.
TBC	Exemplo 4 - Dando continuidade a hipótese, a criação da trilha no sentido da implementação do TBC a participante E6 disse: “[...] a gente pensou em criar um espaço de redário para que esses visitantes tivessem duas horas de descanso após o almoço.”	Análise do exemplo 4 – No sentido de pausa, o discurso aqui empregado apresenta a subjetividade de como cada pessoa pode interpretar os sentimentos no sentido relativo de cada consciência, tendo como contexto a garantia do bem-estar.
	Exemplo 5 – Participante E9: “[...] como hipótese, o nosso grupo pensou colocar um passeio de carro de carro de boi como uma opção de passeio.”	Análise do exemplo 5 – Mostra a tentativa de agregar valor ao produto, expressando um discurso de utilidade, que precisa ser alinhado à prática.
	Exemplo 6 - A participante da pesquisa E10 continuou a apresentação dizendo: “No retorno a gente pensou em dividir os visitantes para almoçar em cinco (5) casas diferentes, podendo ser até oito (8) pessoas em cada casa”.	Análise do exemplo 6 – Percebe-se no discurso a preocupação em inserir no planejamento políticas de inclusão, assim evita-se o discurso de exclusão.
Cultura local	Exemplo 7 - pesquisa C2: “[...] a casa de farinha não é só trabalho é também sinônimo de diversão, as pessoas que não têm casa de farinha, são livres para escolher fazer farinha aqui, cada farinhada vira uma roda de conversa, fofocas e risada.”	Análise do exemplo 7 - A fala, por meio dessas relações determinadas historicamente com a exterioridade, aporta a sociabilidade pelo interdiscurso e os gestos de interpretação acontecem de forma natural nesses ambientes.
	Exemplo 8 - participante C3: “[...] esse trabalho foi bem difícil, o ralador não tinha motor e os homis precisava rodar um tipo de rodete, usando a força para que o processo fosse realizado, agora se usa motor elétrico ou a óleo, mas essa engenhoca pode causar danos ao trabaiaador caso não teje atento ao selviço.”	Análise do exemplo 8 - Esse relato, representa, concomitantemente, a relação entre uma individualidade posta em um tempo e espaço definidos historicamente numa realidade que está sendo representada.
	Exemplo 9 - A participante E12 diz: “[...] a gente não tinha ideia como a casa de farinha pode ser rica em cultura, o quanto é importante todo esse processo, para desenvolvimento do nosso povoado, se o turismo de base comunitária for realizado aqui, no final todo mundo sairá ganhando.”	Análise do exemplo 9 - Na sua fala, outras falas se dizem. E esse assujeitamento que vem “de fora” concebe-se como ideologia. Assim, a questão permite que o aluno faça relações interdiscursivas, considerando as suas condições de produção, bem como seu contexto sócio-histórico-ideológico.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os discursos expostos no quadro 11 estão relacionadas às hipóteses de soluções que foram baseadas nos pontos-chave, ressignificando a definição do (P1) rio Patioba e rio Tabatinga, do (P2) Trilha na estrada Velha e do (P3) Casas de farinha.

Considerando os problemas socioambientais do P1, os participantes se mobilizaram para escrever a carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, reivindicando ações para a limpeza dos rios, local de destino para os rejeitos e fiscalização nas casas que não têm fossas. No entanto, contemplaram os P1 e P2 na definição da rota, na etapa da intervenção à realidade.

“[...] Os processos de sustentabilidade caminham de acordo com seus pilares, estruturando a busca por manter a harmonia do ecossistema turístico, colocando como prioridade ações verdadeiramente sustentáveis, alinhando e fazendo interagir o ambiental, econômico e social.” (CARDOSO, 2020, p. 24).

3.3.4 Etapa intervenção à realidade juntos aos participantes da pesquisa

A intervenção da realidade trouxe duas propostas. A primeira delas consistiu em atender ao que foi definido pela maioria dos participantes, ao longo de todas as etapas do Arco: o planejamento para implementação da rota, que teve como principal objetivo a inclusão da comunidade local, valorizando modos de criar, fazer, viver, respeitando as diversidades/diferenças. Conforme E4, “[...] para intervenção da realidade, será viabilizada a criação de uma rota de turismo sustentável na Comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia”. E em convergência, E5 afirmou: “[...] a gente definiu a trilha como aberta, com início na entrada da comunidade pela Linha Verde, a primeira parada nas casas de farinha.”

Após discussão em roda de conversa, chegaram à conclusão que se a trilha começa na linha verde, o nome da trilha seria Linha Verde.

A participante E11 disse: “[...] a gente conversou e chegou à conclusão de que na parte da manhã o café pode ser nas casas de farinha, porém o almoço pode ser dividido por casas de representantes da comunidade, fazendo rotatividade em cada grupo que os visite.” A participante C1, por sua vez sugeriu: “[...] à tarde, após visita à igreja, poderá ter um passeio de carroça até a comunidade de Monte Belo.”

O segundo momento de intervenção na realidade teve como estratégia desenhar a “trilha linha estrada velha”. Para tanto, foi realizada uma oficina de cartazes que trabalhou a ideia de uma análise a partir do lúdico, conforme figura 35, a seguir.

Figura 35 – Oficina de desenho para a definição da trilha verde na escola municipal Joana Almeida Pinto em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Na representação do lúdico através do desenho, as emoções foram demonstradas através das cores e placas com legendas. De acordo com a participante E11, “[...] a gente não sabe desenhar certinho a trilha, mas a gente tem uma ideia de como deve ser.” O participante E9 sugeriu, “[...] como hipótese, o nosso grupo pensou em colocar um passeio de carro de boi como uma opção de passeio.”

Na apresentação verbal o participante E8 disse:

“A rota na trilha foi classificada como aberta, com início no ponto de ônibus da linha verde, a primeira parada é na casa de farinha¹, onde podem tomar um café da manhã, conhecer os apetrechos da casa de farinha, raspar a mandioca, ralar, ver colocar no tapiti ou na prensa, peneirar e levar ao forno”.

Na continuação da apresentação verbal, a participante E12 disse:

“Após o café da manhã, e toda a atividade realizada na [primeira] casa de farinha, segue-se na trilha até a [segunda] casa de farinha, lá os visitantes podem fazer beiju, conhecer os apetrechos de pesca e tomar um lanche, antes de fazer toda a caminhada de volta, a gente calculou que essa atividade terá uma duração de até cinco horas”.

A participante da pesquisa E10 continuou a apresentação dizendo: “No retorno a gente pensou em dividir os visitantes para almoçar em cinco (5) casas diferentes, podendo ser até oito

(8) pessoas em cada casa”. Na sequência, a participante E6 disse: “A gente pensou em criar um espaço de redário para que esses visitantes tivessem duas horas de descanso após o almoço”.

A participante C2, por sua vez, interagiu dizendo: “Como o rio ainda não pode propiciar um passeio de barco, na parte da tarde, pode se fazer um passeio de carroças ou carros de boi até o povoado Monte Belo, acreditamos que os visitantes irão gostar”.

Para finalizar a apresentação, a participante E5 explicou:

“Após voltar do passeio de carroça ou carro de boi, os visitantes conhecerão a igreja católica da comunidade, seguido de assistir uma apresentação cultural, que deve ser planejada com antecedência, nessa ocasião, durante as apresentações, pessoas da comunidade podem aproveitar para vender cocadas, geladinhos e outros tipos de comidas rápida, após as apresentações se encerra o nosso roteiro”.

Dando continuidade aos discursos, após a apresentação da rota a participante C4 disse que “[...] pra começar, o desenho ficou bom, mais isso só é a ideia inicial, porque pelas etapas que já fez, antes da rota vem o fortalecimento do povo, que precisa se envolver no projeto.”

A participante E1 complementou, “[...] verdade, mas a rota pode ser digitada, eu vi no vídeo que chega um momento que os participantes do projeto que são monitores já têm o jeito de falar da rota sem desenho, sem nada.”

Para fechar essa etapa a participante E10 disse: “a gente tem que entender da questão organização e fortalecimento primeiro, depois pensa nas outras coisas”.

Dessa forma, traça-se o percurso dos sentidos, para que os participantes reflitam os meios certos para implementar projetos de TBC na Comunidade numa concepção sustentável, baseando-se em políticas públicas para o fortalecimento local. Assim, como pensam Arruda e Gonçalves (2020, p. 268),

Ao considerarem os dilemas em torno da implementação de iniciativas de TBC em comunidades quilombolas, ponderam que, a despeito de os indivíduos que residem nessas localidades desejarem a operacionalização do turismo comunitário nos territórios onde vivem, existem desafios, sobretudo de ordem material e infraestrutura, para que essas práticas sejam uma realidade mais promissora nos territórios quilombolas. Ademais, os mesmos autores ainda ressaltam a carência de políticas públicas efetivas e coordenadas que amparem, a bom termo, as demandas das comunidades quilombolas, inclusive no âmbito da geração de ocupação, renda, preservação sociocultural e ambiental por meio do TBC.

De acordo com Brandão e Santos (2021), é no momento da etapa de intervenção que se observa o comprometimento dos(as) alunos(as) com o social e o político, no sentido de transformar sua realidade.

A primeira proposta contempla os pontos-chave (P1 e P2), visto que as casas de farinhas ficam localizadas ao longo da trilha. Assim, ficarão incluídas na rota que será desenhada na

próxima etapa. A segunda proposta de intervenção está relacionada ao ponto-chave (P1), e partiu da necessidade dos participantes se manifestarem, de algum modo, na luta pelos rios Patioba e Itabatinga, através da escrita de uma carta de reivindicação junto a Secretaria de Meio Ambiente do Município (Anexo I).

De acordo com Berbel (2011), a execução das etapas do Arco de Magueres não é rígida, sua aplicação pode ser flexibilizada e adaptar-se às circunstâncias que cada grupo. O quadro 12 revela os resultados dos discursos relacionados à intervenção à realidade, no tocante às reflexões sobre a implementação, organização e fortalecimento do TBC e mostra também o interesse dos participantes pelos rios Patioba e Itabatinga.

Quadro 12 – Unidades de sentido, exemplos e análise do discurso na etapa de intervenção à realidade

UNIDADES DE SENTIDO	EXEMPLOS DE DISCURSOS	ANÁLISE
TBC	<p>Exemplo 1 – Participante E3: “[...] para a intervenção da problemática do rio Tabioba, a carta aberta para a secretaria de meio ambiente, se configura como medida na busca da solução do problema.”</p> <p>Exemplo 2 - “[...] a gente não sabe desenhar certinho a trilha, mais a gente tem uma ideia de como deve ser.”</p>	<p>Análise do exemplo 1 – Na proposta, há a prevalência de uma certa ambiguidade, pois ao mesmo tempo se direciona e se rege um discurso no olhar dos alunos na questão apresentada.</p> <p>Análise do exemplo 2 - O aluno expressa num diálogo verbal, que tem como intuito retratar as “questões de interpretação” com a possibilidade de expressar pontos essenciais da comunidade.</p>
TBC	<p>Exemplo 3- Participante E4: “[...] para intervenção da realidade, será viabilizado a criação de uma rota de turismo sustentável para a comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia.”</p>	<p>Análise do exemplo 3 - Nessa perspectiva, o discurso expressa que o comportamento humano pode ser explorado sob diferentes pontos para produção de sentidos, sejam eles culturais ou ambientais.</p>
TBC	<p>Exemplo 4 - Na continuação da apresentação verbal o participante E12 disse: “[...] após o café da manhã, e toda a atividade realizada na casa de farinha¹, segue-se na trilha até a casa de farinha², lá os visitantes podem fazer beiju, conhecer os apetrechos de pesca e tomar um lanche, antes de fazer toda a caminhada de volta, a gente calculou que essa atividade terá uma duração de até cinco horas.”</p> <p>Exemplo 5 - A participante E 11 disse: “[...] a gente conversou e chegou à conclusão de que na parte da manhã o café pode ser nas casas de farinha, porém o almoço pode ser dividido por casas de representantes da comunidade, fazendo rotatividade em cada grupo que os visite.”</p>	<p>Análise do exemplo 4- Com essa perspectiva, o nível das questões propostas pelos alunos para a implementação do turismo de base comunitária, leva a compreensão da viabilidade de privilégios para desenvolvimento e a interação de atividades no contexto do TBC.</p> <p>Análise do exemplo 5 – Percebe-se, nesse sentido, que as atividades de compreensão são postas em um nível que privilegia, em maior grau, a interação na reflexão do contexto do TBC na comunidade.</p>

	Exemplo 6 - continuou a apresentação dizendo: “[...] no retorno a gente pensou em dividir os visitantes para almoçar em cinco (5) casas diferentes, podendo ser até oito (8) pessoas em cada casa.”	Análise do exemplo 6 - A interpretação do discurso nessa fala é um processo que ocorre quando o sujeito se manifesta, expondo seu pensamento e seu posicionamento em relação a seu ponto de vista e vivências.
--	---	--

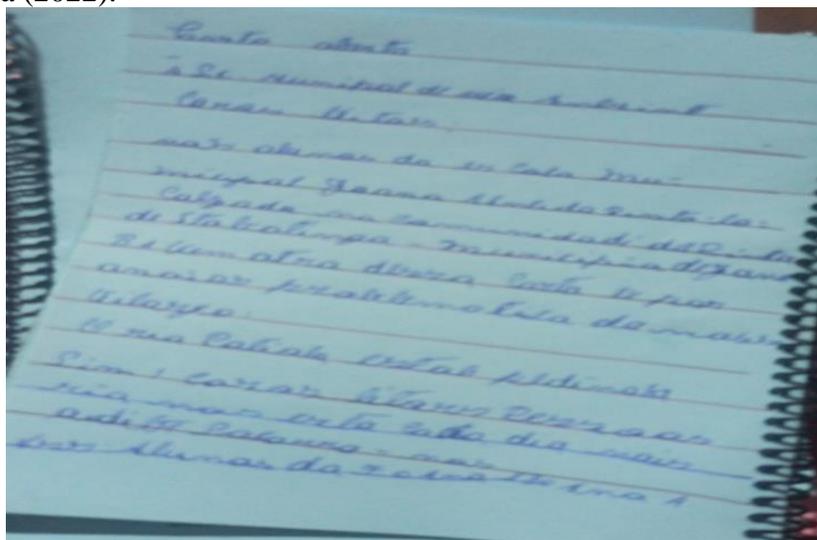
Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Nos discursos do quadro 12, os participantes da pesquisa desenharam em seus discursos como seria as atividades depois da organização da gestão do TBC, no entanto, desde a conclusão da etapa das hipóteses de solução, já tinham um novo olhar, amadurecendo as ideias para a importância da organização e fortalecimento e, principalmente, da participação e parcerias.

Assim, para Batista e Rocha (2018, p. 41), as novas formas de ver a realidade podem apresentar o obstáculo da compreensão no conhecimento profundo do mundo social e natural. Nesse sentido, é preciso desenvolver reflexões, críticas e ações. Ao observar a realidade por um ângulo diferente, os pesquisadores desenvolveram a escrita da carta aberta.

Quanto à escrita da carta, o conteúdo foi discutido em sala de aula. A produção da escrita foi realizada com a participação de todos, tal como os registros feitos à mão exposto na figura 36, a seguir.

Figura 36 - Carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e a comunidade de Ponte de Itabatinga escrita na escola municipal Joana Almeida Pinto em Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Para facilitar a correção, a carta foi escrita conjuntamente e corrigida na lousa, posteriormente reescrita no diário de bordo. Para o participante C2: “[...] a gente já escreveu o que quer, agora a carta deve ser digitada pela autora da pesquisa, endereçada à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e à Câmara Municipal de Jandaíra/BA, e postada nos Correios”.

(Ver quadro 13). Assim, os interlocutores reconhecem suas ações como uma forma de reivindicar direitos para o Meio Ambiente e para a sua comunidade.

Como resultado, de acordo com a visão do participante E3, “[...] para a intervenção da problemática do rio Patioba, a carta aberta para a Secretaria de Meio Ambiente e para as pessoas da comunidade se configura como medida na busca da solução do problema.”

Quadro 13 - Carta aberta à Secretária de Meio Ambiente e as pessoas do Povoado de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia (2022).

Carta aberta em defesa do rio Patioba e rio Tabatinga

À Secretária de Meio Ambiente e as pessoas do Povoado de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia

Caros leitores;

Nós alunos da escola municipal Joana Almeida Pinto, localizada na comunidade de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia, vem através desta trazer à vista da população e do poder público o contexto atual das bacias que banham a comunidade pelos rios Patioba e Tabatinga. Esses rios são sinônimos de sustentabilidade tanto para comunidade de Ponte de Itabatinga, quanto para as comunidades no entorno, e estão pedindo socorro!” Sim! caros leitores, fica cada dia mais difícil a situação do nosso rio, que precisa de uma limpeza em caráter de urgência. Assim como de fiscalização por parte de órgão competentes.

Cabe ainda salientar que em alguns trechos do rio Patioba existem criação ilegal de galinhas e porcos além de fossas abertas. A fim de contribuirmos propositadamente com a preservação do patrimônio natural e cultural de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, apresentamos abaixo as nossas pautas e requisições, as quais encaminhamos para ao poder público e autoridades construídas.

Limpeza dos rios; coletores/tonéis em lugares estratégicos para evitar acúmulo de lixo próximo ao leito do rio; fiscalização nas criações clandestinas que afetam diretamente o rio Patioba; uma barreira no local da Ponte da maré com o intuito de evidenciar um balneário natural.

Atenciosamente: Alunos do 7º Ano A e 8º ano A e moradores da comunidade.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As problemáticas percorrem diversos caminhos, esses problemas afetam diretamente os rios da comunidade de Ponte de Itabatinga, é sabido que a água um recurso essencial ao homem. Para Carvalho e Mendonça (2018, p.53), "[...] as águas têm sido utilizadas pelo homem para a geração de energia, irrigação, diversos usos industrial, agrícola e comerciais, além dos usos pessoais e domésticos diários." Nesse sentido, é importante considerar que a água é um recurso hídrico que pode ser vinculado ao TBC.

Ao Investigar as contribuições da Metodologia da Problematização junto aos participantes da pesquisa, foi possível fazer uma análise e reflexão para a proposta de organização e fortalecimento do TBC junto às pessoas da comunidade de Ponte de Itabatinga, no município de Jandaíra-BA, conforme momento ilustrado pela figura 37, a seguir.

Figura 37 – Roda de conversa dos participantes da pesquisa para reflexão do TBC na escola municipal Joana Almeida Pinto (2022).



Fonte: Acervo da autora da pesquisa, 2022.

Nesse sentido, a temática do TBC junto à Educação Ambiental mostrou que medidas educacionais contribuíram positivamente para a ampliação do conhecimento.

“[...] é preciso buscar compreender de forma multidisciplinar a complexidade dos problemas ambientais, propondo reflexões e ações que visem romper com a história relação de insustentabilidade entre sociedade e natureza”. (Carvalho e Mendonça, 2018, p. 51)

Desta forma, as reflexões realizadas durante a pesquisa proporcionaram aos participantes, novos pensamentos e saberes, assim, quando foi perguntado aos participantes da pesquisa: *1. Vocês já conheciam o Turismo de Base Comunitária (TBC)?* as respostas obtidas foram:

Já assisti matéria falando sobre isso, eu gosto de ver documentários. (E10)

Eu também assistir uma reportagem falando desse assunto, daqui pra fora o pessuá se une e dão certo, mais aqui o povo se acomoda (C3).

Não! Não conhecia! (E1).

Já ouvi falar, mas só entendi com a explicação da apresentação, achei interessante (C2).

Deste modo, os discursos dos pesquisadores estão vinculados a mídia, seja por noticiários, imagens, novelas, documentários. É sabido que essas informações influenciam a

sociedade de forma direta, visto que já faz parte da rotina e da cultura dessas pessoas assistir televisão ou ouvir rádio.

“[...] cada produto, seja ele um vídeo, um capítulo de novela, um filme, um desenho animado, um comercial, uma reportagem etc., este é visto como “materialidade discursiva”, como gerador e veiculador de discursos, como tecnologia de informação”. (ROCHA E BATISTA (2018, P.70-71 Apud AMARAL & COCEIÇÃO, 2012, p.04).

Dando continuidade à apresentação, foi perguntado: 2. *Quais as potencialidades para o TBC detectadas por vocês nos locais visitados durante a coleta de dados.* Em roda de conversa, os participantes analisaram a pergunta e alguns se ariscaram a responder:

“A gente tem possibilidade de desenvolver trilhas, porque se tem uma coisa que a gente tem aqui é natureza viva, pode garantir pro visitante ele vai ter contato com a natureza” (C3).

“Eu assisti no globo rural que as casas de farinha são potenciais pra essas coisas” (E10).

“Eu assisti um documentário sobre trilha, a antiga estrada tem extremidades que podem ser classificadas como uma trilha larga, com fácil acesso, cercada por belezas naturais a exemplo de cerca viva, vista para os manguezais e observação de animais silvestres” (C2).

Somos envolvidos culturalmente pelos discursos da mídia, como afirma Rocha e Batista (2018, p.71).

“[...] que a publicidade opera, então através de seus discursos em narrativas como referência na produção de significados sobre a relação sociedade-natureza-meio ambiente e de todas as questões que lhes envolvem, nesse mundo de consumismo”.

É importante considerar que o TBC é uma gestão de turismo e que o consumo deve ser realizado dentro dos princípios da sustentabilidade. Diante desse discurso e narrativas em sequência, foi indagado: 3. *É possível desenvolver um roteiro de Turismo de Base Comunitária com sustentabilidade nesses locais?* A pergunta foi lançada com o intuito de que eles identificassem como incluir a comunidade nesses roteiros. A esse questionamento, surgiram as seguintes respostas:

“Claro que sim, podemos organizar um café da manhã típico na comunidade, vendas de doces e produtos da agricultura nos sítios aonde está localizadas as casas de farinhas” (C2).

“Sim! podemos fazer um passeio de carroça, e até mesmo um passeio de barco se houver a reabilitação do rio para navegação, como alguém já disse aqui”(E1).

“Pelo que vi na leitura do material, eles valorizam tudo o que a comunidade produz, artesanato, culinária e costumes, que busca o TBC que viver a nossa realidade” (E12).

Para Souza e Santos (2018, p. 403) “[...] a compreensão do conhecimento se dá primeiro com a percepção. A integração da interdisciplinaridade e da percepção, possibilita um conhecimento holístico e compreensivo no ambiente escolar”. as opiniões iam surgindo na roda de conversa, para aprofundamento do tema e mais uma pergunta foi lançada como questionando: *4. O que, de acordo com a opinião do grupo, a Comunidade pode desenvolver como meio de trabalho e renda se houver a implementação do TBC?* As contribuições foram as que seguem:

“Aqui tem muitas mulheres que podem fazer um almoço típico, os grupos que venham nos visitar podem se dividir em por casa, gerando renda para mais de uma família” (C2).

“Vender artesanatos, cocadas, hospedagem na modalidade de cama e café, eu já assistir isso num vídeo” (E1).

“A gente tem potencial sim, temos trilhas, temos casas de farinha, temos outras comunidades vizinhas com muitas atividades, aqui tem o que fazer, só não tem organização como todo mundo pode ver” (E6).

“A gente pode começar pelo rio, depois faz a trilha da estrada velha, lá na trilha já tem duas casas de farinha, já fica tudo junto, pra não perder tempo”(E1).

De acordo com Oliveira e Santos (2018, p. 404), “[...] o trabalho interdisciplinar faz diretamente apelo a reflexão. Assim, buscou-se subsídios a partir de ideias e/ou sugestões de como chamar a atenção dos turistas para visitar os locais escolhidos por eles como ponto de visitação, ao que responderam:

“Não sei como podemos fazer isso!” (E1).

“Divulgação nas redes sociais, parcerias com escolas e universidades, quem sabe assim não enxergam a gente” (C2).

Ao analisarmos as respostas dos(as) alunos(as) podemos identificar uma concepção de conhecimento sobre o TBC com o desenvolvimento das etapas do Arco de Maguerez. A partir desse momento, as sugestões foram ganhando forma e criando possibilidades acerca das potencialidades apresentadas pela comunidade, a saber: trilhas ecológicas e interpretativas ao

turismo sustentável; a cultura da participação e o saber fazer para um turismo sustentável; meio ambiente, região e significados.

Atrelado ao viés existencial, o elemento de sustentabilidade aborda a capacidade de propor experiências naturais autênticas, partindo de uma estrutura que rege a diminuição de impactos do turismo atrelado a observação e conservação da natureza (CARDOSO, 2020).

Salienta-se também a necessidade de inserção da comunidade em um Plano de Marketing e Desenvolvimento de Ações Publicitárias, garantindo a divulgação do produto turístico TBC através da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, para que possa gerar benefícios, tanto econômicos, quanto ambientais e sociais.

Os planos de uma ação empreendedora impulsionam a inserção no setor turístico e motivam uma gestão mais participativa, com desenvolvimento e preservação sociocultural da região e da comunidade. Os territórios desejam autonomia em gerenciar e controlar suas atividades produtivas, isto é, querem atuar em seu próprio empreendimento (ARRUDA et al. 2021, p. 242).

Nesse sentido, espera-se que, depois da organização dos serviços e a efetivação da rota com resultados positivos, seja construído um plano de gestão participativo do TBC, para ser utilizado como planejamento estratégico determinando, preparando e solidificando ações de sustentabilidade na comunidade, baseando-se em três fatos importantes: qualidade, continuidade e equilíbrio dos ecossistemas.

Ansarah (2001, p. 66), sinaliza que o planejamento consiste em um conjunto de atividades que envolvem a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar os objetivos propostos.

Há ainda, quem diga que “o turismo é uma atividade econômica de prestação de serviços que tem nos recursos humanos o seu principal elemento”. Não é só de paisagem bonita e boa divulgação que o turismo precisa para ser desenvolvido, ao contrário disso, são diversos aspectos que o compõe, como por exemplo, os recursos humanos. Ter uma equipe preparada aos serviços especializados também definem uma forma de turismo responsável. (IGNARRA, 2003, p. 72, *apud* GONÇALVES; ALMEIDA, 2017, 48).

3.3.5. Produto didático Educacional (PE)

Trata-se de uma Cartilha da Gestão do TBC, que tem como título “Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez”, material de apoio para ajudar na reflexão, organização e fortalecimento do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga em

Jandaíra, Bahia. O objetivo da cartilha consiste em auxiliar professores e representações das comunidades no desenvolvimento de ações educativas voltadas para a gestão do Turismo de Base Comunitária, por meio do uso da Metodologia ativa da Problematização.

Assim, as informações coletadas nas etapas do Arco de Maguerez, foram frutos da participação dos estudantes da Escola municipal Joana Almeida Pinto e das pessoas da comunidade participante da pesquisa. Foram incluídos na cartilha registros fotográficos, textos, desenhos e elementos, como caça palavras, cruzadinha e curiosidades. Entre os princípios da cartilha está o resgate da história da comunidade de Ponte de Itabatinga. Todavia, a finalidade do produto didático é servir de apoio para auxiliar toda a comunidade discente e docente, além da comunidade local, a entender tanto o resgate cultural histórico, quanto os princípios do Turismo de Base Comunitária. (Apêndice F). Essa Dissertação e o seu respectivo Produto Educacional estão licenciados sob uma Licença Creative Commons atribuição de uso não-comercial.

Por sua vez, foi imprescindível adquirir a propriedade intelectual, criar marca e obter licença pela Creative Commons, segundo a Coordenação de Inovação e Transferência de Tecnologia (CINTTEC), criada a partir da Portaria n.º 938, de 01 de novembro de 2005, tendo como principal instância a execução da política institucional para a proteção e transferência de tecnologia da Propriedade Intelectual na UFS. A Coordenação tem como uma de suas finalidades dar suporte aos pesquisadores da UFS no processo de patenteamento de inventos, produtos e processos gerados nas atividades de pesquisa e que possam ser transformados em benefício para a sociedade.

Uma vez avaliada, a cartilha foi apresentada durante a culminância do projeto, para a escola e a comunidade. Foram utilizados projetor de slides e caixa de som. Além disso, a cartilha foi impressa, para disponibilização de cinco exemplares para o acervo da biblioteca da escola municipal Joana Almeida Pinto, e quatro exemplares divididos entre as Associações.

Essa trajetória faz compreender o sentido da identidade dentro de contextos que são diversos em si mesmo, instrumentalizando participantes da pesquisa ao um modo novo de pensar a própria comunidade, assim, chegamos aos resultados finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da Metodologia da Problematização, no ambiente educacional formal, representado pela Escola Municipal Joana Almeida Pinto, e informal, representado pelos participantes da comunidade associados da Associação de Pescadores e Moradores, pode favorecer o processo de aprendizado propício para uma reflexão sobre o Turismo de Base Comunitária e que, assim, ele possa ser desenvolvido na comunidade de Ponte de Itabatinga de forma eficiente.

Em resposta à primeira questão da dissertação *(i) Quais as características socioambientais da comunidade onde está localizada a Escola Municipal Joana Almeida Pinto (Ponte de Itabatinga)?*, descreve-se que a comunidade é banhada pelas bacias do rio Patioba e Tabatinga, cercada por sítios e fazendas e fica a 18 Km da praia de Costa Azul. A fonte de renda é a pesca e agricultura, com destaque para essa última como prática econômica que garante trabalho e renda para as pessoas, seja pelo cultivo para uso próprio ou pelo desempenho do trabalho braçal nas fazendas da região.

A atividade socioeconômica da pesca é realizada por muitas pessoas da comunidade local e do entorno de Ponte de Itabatinga, como Marcanai, Limeira e Gameleira, no entanto, os problemas de erosão no rio Patioba e rio Tabatinga, causados tanto pelas atividades agropecuárias das fazendas, quanto pelo descarte doméstico proveniente do lixo, têm mudado esse contexto e, em alguns trechos desses rios, já não é mais possível pescar.

Nesse sentido, o acúmulo de sedimentos, prejudica e desequilibra o ecossistema, provocando a obstrução do curso da água, se continuar sem intervenção de ações sustentáveis pode ocorrer em breve a eutrofização. Os pescadores(as) e marisqueiras(os) da comunidade de Ponte de Itabatinga avaliam que os pescados têm reduzido, deixando-os vulneráveis diante da situação e preocupados com as futuras gerações.

Quanto às atividades relacionadas à agricultura, os problemas socioambientais estão associados à prática da queima de hectares ao preparar a Terra para o plantio que, além de empobrecer o solo, polui o ar e mata seres vivos daquele *habitat*.

Por isso, ao adentrar nas vias da aprendizagem pela Educação Ambiental junto aos participantes, pautando-a na interdisciplinaridade, e trazendo-a para o âmbito da Escola Joana Almeida Pinto, essa temática trouxe contribuições científicas, filosóficas e político-pedagógicas, provocando movimento dos atores sociais, de maneira que produziram novas

reflexões, concepções e métodos que propõem futuras parcerias entre comunidade e escola em prol do meio ambiente.

Percebeu-se, ainda, a falta de ações por parte das Secretarias de Meio Ambiente, Turismo e Agricultura do município de Jandaíra, tanto na limpeza dos rios, facilitando o acesso ao público, quanto na fiscalização relacionada às fossas abertas em algumas residências, que certamente poluem, principalmente as que ficam próximas aos leitos dos rios, bem como a falta de fiscalização em relação ao desmatamento florestal ilegal.

Percebeu-se também a falta de oportunidades para os agricultores através de convênios com empresas e fábricas que agreguem valores aos produtos gerados no processo de fabricação de doces, biscoitos, beijus, licores e outros produtos locais. Esse procedimento poderia ser viabilizado através de cursos desenvolvidos pelo SENAR, visto que já existe uma parceria com o município, dessa forma se poderia gerar renda através de empregos indiretos para a juventude.

Na busca das respostas para a segunda questão da dissertação: *(ii) Como o uso da Metodologia da Problematização poderá promover reflexões sobre a reflexão, organização e fortalecimento do Turismo de Base Comunitária, junto à Escola Municipal Joana Almeida Pinto e à comunidade de Ponte de Itabatinga?*, ao aplicar as etapas do Arco de Maguerez, pode-se certificar que o uso da Metodologia da Problematização, mostrou-se como um forte mecanismo, para o desenvolvimento de estratégias metodológicas, capazes de promover a autonomia no estudante no tocante a construção do conhecimento.

É sabido que a Metodologia Ativa tem sido cada vez mais usada nos projetos Educacionais. No presente estudo, após os pesquisados entenderem a proposta, eles tiveram autonomia para dar seguimento à pesquisa. Baseando-se nos conhecimentos adquiridos no processo da Metodologia Ativa, os participantes promoveram ações que estimularam a reflexão sobre o TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga. Nessa dinâmica, os alunos compreenderam a complexidade da sustentabilidade, que preza pela socio biodiversidade, e a valorização cultural do saber fazer e da identidade local.

Em cada etapa do Arco foram agrupadas informações e argumentações que apontaram caminhos para a criação de um projeto de Turismo de Base Comunitária, considerando a preservação ambiental, a melhoria da qualidade de vida e a valorização da cultura local

É relevante refletir que, ao se pensar na da gestão do TBC para a Comunidade de Ponte de Itabatinga, a organização de políticas não pode ser deixada de lado. Portanto, deve-se adotar um modelo de sustentabilidade, que seja aplicado baseando-se em princípios ambientais e culturais locais, batizados por políticas públicas e eficazes.

Diante dos desafios, foi possível chegar às hipóteses de solução, obtendo como recurso a execução de uma carta aberta à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, e ao desenho de uma rota sustentável na comunidade de Ponte de Itabatinga. Como sugestão na intervenção à realidade, os atores sociais realizaram a escrita da carta aberta e fizeram o desenho da trilha em painel, já que eles além de conhecer o local já tinham testado durante a etapa da observação.

No tocante à terceira questão, *(iii) De que modo a criação de um produto didático poderá auxiliar na propagação de saberes através da Metodologia da Problematização, evidenciando a organização e o fortalecimento do Turismo de Base Comunitária?*. Afirma-se aqui que a construção da cartilha como um produto educacional, tendo como título “Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez” contribuiu para a sistematização do conhecimento. Além de ser um recurso apropriado para trabalhar a temática do TBC e a Metodologia Ativa do Arco de Maguerez, a sua sequência pode fortalecer a criação de projetos, seja no espaço formal ou não-formal.

Diante dos pressupostos, o documento propõe a interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber e auxilia nos diálogos entre os educadores e educandos, pois o produto didático tem como objetivo ajudar no desenvolvimento de ações educativas para a gestão TBC, fazendo uma interligação das ações desenvolvidas através do uso do Arco.

Partindo dos achados do trabalho, considera-se que foram encontrados elementos que podem ser usados como subsídios para a criação de um projeto de TBC na comunidade pesquisada. Como apoio pedagógico, foi produzida uma cartilha educacional que caracteriza a comunidade, explica o que é TBC e a realização das etapas do Arco de Maguerez junto aos participantes da pesquisa na comunidade de Ponte de Itabatinga.

Propostas como essa incluem as comunidades de maneira sustentável, levando-as a ter controle quanto à exploração dos recursos naturais, proporcionando a organização e o fortalecimento da comunidade, levando os atores sociais a serem protagonistas de sua própria história. Nesse sentido, é de grande importância manter o elo entre a escola e a comunidade, para que juntos construam projetos que promovam a diminuição das desigualdades e elevem o bem-estar socioambiental.

Nesse contexto, a cartilha proporciona conhecimento para o desenvolvimento coletivo dos cidadãos locais a partir da futura criação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga. Sendo assim, a pesquisa abre caminhos para futuros trabalhos que possam ser desenvolvidos nos espaços formais e não formais de ensino, especificamente os que formarem parcerias com a escola, associações, universidades, órgãos ambientais e outras comunidades.

Um plano de gestão do TBC deve ser aplicado voltando-se para os princípios da sustentabilidade, e deve ser desenvolvido a partir de um processo de parcerias e diálogos. É preciso entender que a falta de conhecimento desses dois conceitos pode levar um empreendimento a entrar num processo de definhamento e de caos, trazendo consequências irreparáveis para a comunidade e principalmente para o Meio Ambiente. Portanto, é preciso que se faça uma gestão transversal para o empreendimento focando nos temas do desenvolvimento social e institucional, capital humano, ordenamento territorial, capital social e fomento produtivo.

Na complexidade do espaço em questão, que envolvem os ecossistemas de grande porte, é primordial fortalecer o tecido institucional e capital social; fortalecer as atividades produtivas locais; e qualificar a mão de obra local com ênfase na valorização da identidade local e do sentimento de pertencimento.

Diante das mudanças após a fase de conscientização, surge um novo olhar para a Educação Ambiental através da sustentabilidade, e para isso, é necessário ter conhecimento sobre os novos paradigmas do Meio ambiente, os quais exigem aportes metodológicos específicos, bem como um novo olhar para conteúdos holísticos e a ressignificação de conceitos de forma interdisciplinar.

Como fruto dessa pesquisa, os participantes estudantes junto com a pesquisadora estão em processo de implementação de uma horta sustentável na Escola Municipal Joana Almeida Pinto. A pesquisadora pretende, ainda, desenvolver futuros trabalhos com temas transversais, tais como o Inventário do Potencial Turístico da Comunidade de Ponte de Itabatinga, junto à comunidade escolar; um Conselho de Turismo para o TBT local, além de um Plano de Gestão e um Fundo de Turismo Local. Essas políticas serão medidas de fortalecimento para a implantação do TBC na comunidade de Ponte de Itabatinga, que tem como espaço integrador a Escola Municipal Joana Almeida Pinto.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, L. M. de M. **(Re) invenção do Turismo de Base Comunitária no Litoral Sul Sergipano**: turismo e economia criativa como elos de gestão participativa. 2018. Tese (doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, 2018.

ALVES, F. **Diretor de Comunicação da Fundação Casa Grande**. 2018. (entrevista) Disponível em: <https://memorialdohomemkaririfcg.wordpress.com/institucional/>. Acesso em: 08 mar. 2021.

ALVES, L. A. C. **Planejamento em Turismo no Polo Costa dos Coqueirais**. Especialização em Gestão do Turismo. São Cristóvão: UFS, 2017. (Apostila de curso).

ANSARAH, M. G. R. (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ANTUNES, C. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ARAUJO, C. C.; SANTOS, N. D.; SILVA, M. S. As práticas pedagógicas e a construção de conhecimentos: a educação ambiental no contexto escolar. *In*: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

ARAUJO, M. O início do pensamento em torno do turismo de base comunitária: estudo de caso na comunidade de Galiléia, município de Caparaó, Minas Gerais, Brasil. **Revista Turismo em análise**, v. 22, n. 2, agosto de 2011.

ARAUJO, S. L. E. **Gestão e desenvolvimento de RH**. Especialização em Gestão do Turismo. São Cristóvão: UFS, 2017. (Apostila de curso).

ARRUDA, D. O; XAVIER, L. F; MARIANI, M. A. P. As potencialidades em torno do turismo de base comunitária em territórios quilombolas de Corumbá/MS. UFMS, Corumbá/MS, **Revista GeoPantanal**, n. 30, p. 227-244, jan./jun. 202.

AZEVEDO, D. S. **Novas formas de organização do turismo**. Especialização em Gestão do Turismo. São Cristóvão: UFS, 2017. (Apostila de curso).

AZEVEDO, M. M.; BARBOSA, A. M. F. As áreas estuárias e o papel das Ciências Ambientais como mediadora na condição de sustentabilidade local. *In*: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

BAHIA. Matrículas na educação básica em Jandaíra. Disponível em: https://www.estadosecidades.com.br/ba/jandaira-ba_escolas.html. Acesso em: 22 jun. 22.

BARROS, I. P. **Doenças de veiculação hídrica na sub-bacia do rio Ganhamoroba, Maruim-Sergipe**. Dissertação. [Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente] – Prodema, UFS, 2014

BARROS, T. H. D. **Uma trajetória da arquivística a partir da análise do discurso: inflexões histórico-conceituais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

BARTHOLO, R. Sobre o sentido da proximidade: implicações para um turismo situado de base comunitária. *In*: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro (RJ), Letra e Imagem, 2009, p. 45-54.

BATISTA, R. O. S.; Rocha, F. S. Natureza e pensamento complexo nas ciências ambientais: dimensões e desafios. *In*: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

BECKER, B. H. **Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente-MMA, 1997.

BEETON, Sue. **Community Development Through Tourism**. Collingwood (Australia): Landlinks Press, 2006.

BELLO, A. A. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface** (Botucatu) [online], v. 2, n. 2, 1998, p.139-154. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-32831998000100008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 mar. 2021.

BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização: uma alternativa metodológica apropriada para o ensino superior. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 16, n. 2, Ed. Especial, p. 9-19, out. 1995.

BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BICUDO, M. A. V. **A metodologia da problematização com o Arco de Magueres: uma reflexão teórico-epistemológica**. Londrina: EDUEL, 2012.

BLACKSTOCK, K. A critical look at community based tourism. **Community Development Journal**. v. 40 n. 1, p. 39-49, Jan. 2005,

BOGDAN, R; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino aprendizagem**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru (SP): EDUSC, 2002.

BRAGHINI, C. R. *et. al.* Da ilha que temos à ilha que queremos: caminhos para o ecoturismo de base comunitária na ilha Mem de Sá. _____. (Orgs.) **Turismo de base comunitária: reflexões e práticas na Ilha Mem de Sá–Sergipe**. Aracaju: Editora IFS, 2020, p. 208-228.

BRANDÃO, E. C. T. A.; SANTOS, S. S. C. Educação ambiental na escola e no parque: experiências com o Arco de Magueres na educação básica. **Revbea**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.

410-429, 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

BUCK, N. K. **Turismo de base comunitária no território da Bocaina – Brasil: tecendo parcerias e redes em busca da sustentabilidade**. Tese [Doutorado] – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BUZATTO L.; KUHNEN, C. F. C. Trilhas interpretativas uma prática para a educação ambiental. Erechim, **Revista Vivências**, v. 16, n. 30, p. 219-231, jan./jun. 2020.

CAMPOS, C. A. **Gestão estratégica do turismo**. São Cristóvão: UFS, 2017. Especialização em Gestão do Turismo. (Apostila de curso).

CÂNDIDO, R. K.; GENTILINI, J. A. Base Curricular Nacional: reflexões sobre autonomia escolar e o Projeto Político-Pedagógico. **RBP AE**, v. 33, n. 2, p. 323 - 336, mai./ago. 2017.

CARDOSO, C. O. **Elementos de autenticidade no turismo de experiência: uma análise do guia Garupa Brasil Autêntico**. Monografia (graduação turismo). Brasília, 2020.

CARVALHO, I. C. M. Movimentos sociais e políticas de meio ambiente. A educação ambiental onde fica? *In: FÓRUM DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL*, 3, 1995, São Paulo. **Cadernos... Cadernos São Paulo: Gaia**, 1995. p. 58-62.

CARVALHO, I. C. M. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental**. Brasília: IPE, 1998.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

CARVALHO, I. C. M. O “ambiental” como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. *In: SAUVÉ, L.; ORELANA, I.; SATO, M. (Orgs.). Textos escolhidos em Educação Ambiental de uma América à outra*. Montréal: ERE UQAM, 2002a. p. 85-90. (versão em português).

CARVALHO, I. C. M. Qual educação ambiental? elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural. *In: SIMPÓSIO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL*, 1, 2002, Erechim. **Anais...** Erechim: EdiFAPES, 2002b.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental e a formação do sujeito ecológico**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, J. M. **Desarrollo de la ciudadanía en Brasil**. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

CARVALHO, M. E.; MENDONÇA, A. M. Desafios às ciências ambientais: diálogos com saúde ambiental. *In: SILVA, M. S. F. Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais*. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

CASSIOLATO, J.; LASTRES, H. Sistema de Inovação e Desenvolvimento: as implicações de

política. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 19, n. 1, jan./mar, 2005.

CEGA, G. **Agente de Saúde dos Povoados Cajueirinho e Costa Azul**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).

CHARLOT, Bernard. **Globalização e educação**. Texto de Conferência no Fórum Mundial de Educação. 2000.

COLOMBO, A. A.; BERBEL, N. A. N. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, jul./dez. 2007.

CONCEIÇÃO, C. A. S. **Agente de Saúde do Povoado Ponte de Itabatinga**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).

CORIOLOANO, L. N. et al. **Arranjos produtivos locais do turismo comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza, Ed.UECE, 2009.

CORIOLOANO, L. N. O turismo comunitário no contexto da globalização. *In*: CORIOLOANO, L. N.; VASCONCELOS, F. P. **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: Ed. UECE, 2012, p. 11-25.

CORIOLOANO, L. N.; SAMPAIO, C. A. C. Territórios solidários latino-americanos e turismo comunitário no rebatimento aos megaempreendimentos transnacionais. *In*: CORIOLOANO, L. N. VASCONCELOS, F. P. **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: Ed. UECE, 2012, p. 27-41.

CORIOLOANO, L. N.; BARBOSA, L. M. Rede de territórios solidários e turismo de base local no Ceará – Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, Ano 2011. Costa Rica, II sem. 2011. p. 1-26.

COSTA, F. F.; BORGES, A. L. M.; SILVA, R. C. Redes de cooperação na gestão do turismo municipal: um estudo em Araguaína-TO. **Cenário**, Brasília, v. 8, |out. 2020.

COSTA, G. B. **A bacia inferior do rio Real: Uma análise socioambiental**. 2011. Dissertação [Mestrado em Geografia] – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

COSTA, N. O. **Cartografia Social: Instrumento de luta e resistência no enfrentamento dos problemas socioambientais na Reserva Extrativista Marinha da Prainha do Canto Verde, Beberibe- Ceará**. Dissertação [Mestrado]. Universidade Federal Do Ceará, Fortaleza, 2016.

CRUZ, G. **Agente de Saúde do Povoado Ponte de Itabatinga**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista)

CRUZ, L. M. M. S. **Responsabilidade social, visão e intermediação da mídia na redefinição do público e do privado**. 2006. Dissertação [Mestrado em Comunicação e Cultura] - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.L.S.; MARTINS, S.N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v.14, n.1, p. 268-288, 2017.

- DOURADO, J.; BELIZÁRIO, F.; PAULINO, A. **Escolas sustentáveis**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.
- ESPÍNOLA, R.S. **A inserção de Resorts no litoral Sul da Paraíba: impactos socioambientais e sustentabilidade nas comunidades locais**. Dissertação [Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente] – PRODEMA, UFPB, João Pessoa, 2012.
- EVANGELISTA, C. **Agente de Saúde do Distrito Abadia**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).
- FARIA, E. S. **Agente de Saúde de Mangue Seco**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).
- FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1991a.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 1991b.
- FAZENDA, I. C. A. (Org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papyrus, 1998.
- FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.
- FERREIRA, M. T.; BISPO, A.; PINHEIRO, R. C. S.; NASCIMENTO, I. R. Reconhecimento das potencialidades da comunidade quilombola Santa Cruz - Brejo Grande/SE, para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC). **Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n. 1, jul. 2018. – ISSN 2236-7934.
- FRANÇA, E. **Agente de Saúde do Distrito Abadia**. Jandaíra, Bahia, 2002. (Entrevista).
- FRANCO, A. Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável. **Proposta**. n. 78, set./nov., 1998.
- FREIRE, P. **La educación como práctica de la libertad**. Buenos Aires: Ed. Tierra Nueva, 1974.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia del oprimido**. 12. ed. Buenos Aires: Ed. Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GESTEIRA, T. C. V.; PAIVA, M. P. **Impactos ambientais dos cultivos de camarões marinhos no nordeste do Brasil**. Arquivos de Ciências do Mar, 2017.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GOMES, L. Turismo em áreas litorâneas protegidas: o exemplo da Área de Proteção Ambiental do Litoral Norte da Bahia. SEMINÁRIO ESPAÇOS COSTEIROS, 1. Eixo Temático 4 – Turismo em áreas litorâneas: contextos e implicações. **Anais...**, Salvador, Bahia, 2011.
- GOMES, R. C. S. **Território, paisagem, sujeitos sociais e políticas públicas: (des)caminhos**

e perspectivas do TBC em comunidades brasileiras e mexicanas. 2014. 377 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

GONÇALVES, B. S. et al. **Base Nacional Comum Curricular**: tudo sobre habilidades, competências e metodologias ativas na BNCC. São Paulo: Editora Dialética, 2020.

GONÇALVES, H. S; ALMEIDA, J. R. Gestão de Base Comunitária, visando o Turismo Sustentável: uma análise do potencial turístico para a implantação do TBC na comunidade do Macurany em Paratins, no Amazonas. **Revista Caribela de Ciências Sociais**, jun. 2017. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2017/06/tbc-macurany.html>. Acesso em: 22 mar. 2022.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

HAWKINS E., Donald. **Ecoturismo**: um guia de planejamento e gestão. São Paulo: Hucitec, 1995, p. 292.

HOLANDA, F. M. **Revista mundo estranho**: capa e ressonância dialógica. 2017. Dissertação [Mestrado em Letras] – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa. Edições 70, 2000. 133 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Comitê de Estatísticas Sociais. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.sifra.ibge.gov.br/hbda/default.asp>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ILHA, G. C. **O diálogo entre a formação tecnocientífica e a humanística na educação tecnológica**: uma problematização a partir do estudo de caso do curso superior de tecnologia em gestão Ambiental da UFSM. Santa Maria -RS, Brasil, 2014.

IRVING, M. A. **Reinventando a reflexão sobre o turismo de base comunitária**: inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G. e BURSZTYN, I. (Org). **Turismo de Base Comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. BRASIL, 2008.

JANDAÍRA. Lei orgânica do município. 1990. (documento).

JANDAÍRA. **Regimento escolar unificado**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Jandaíra, BA, 2016. (Documento).

JANDAÍRA. Estrutura administrativa do município de Jandaíra, Bahia. 2021a. Disponível em: <https://jandaira.ba.gov.br/estrutura-administrativa/>. Acesso em: 20 de mai. 2022.

JANDAÍRA. Estrutura da Câmara Municipal de Jandaíra, Bahia. 2021b. Disponível em: <https://www.camarajandaira.ba.gov.br/Site/OuvidoriaRelatorio>. Acesso em: 20 jul. 2022.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

JOÃO, C. M. **Empreendimento socioambientais em turismo**: Uma análise da criação dos valores social e ambiental. Tese [Doutorado em Administração] – Programa de Pós-graduação

em Administração. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo São Paulo, 2020.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1998.

KÜLL, C. R. ZANON, D. A. V. A Investigação no Ensino de Ciências e o Desenvolvimento de Habilidades Cognitivas. **Enseñanza de Las Ciencias**, n. extraordinário. 2017, p. 5241-5245.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003

LASTRES, H. M. M.; CASSIOLATO, J. E. Mobilizando conhecimentos para desenvolver arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas no Brasil. **RedeSist**, 2005. Disponível em: www.ie.ufrj/redesist. Acesso em: 21 nov. 2021.

LAYRARGUES, P. P. As desafiantes novidades da educação ambiental: há uma generalizada incompreensão do significado das correntes pedagógicas? *In*: GUIMARÃES, M. (Org.). **A formação de educadores ambientais**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LAYRARGUES, P. P. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. **Ensino, Saúde e Ambiente**. Número especial, p. 44-88, jun. 2020

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001

LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: La reapropiación social de la naturaleza. Siglo XXI editores, s.a. de c.v, 2004.

LIMA, G. F. C. **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, G. F. C. Educação ambiental crítica: do socioambientalismo às sociedades sustentáveis. Universidade Federal da Paraíba. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 145-163, jan./abr. 2009.

LIMA, S. N. G. **A escola, a comunidade e o manguezal**: caminhos para a conservação a partir da Educação Ambiental Crítica no Bairro Jabotiana em Aracaju-SE. Dissertação (Mestrado em Ciências ambientais) –Universidade Federal de Sergipe, 2020.

LIMA, M. P. **Abordagem interpretativa da trilha Morro do Cruzeiro** – (Jacobina, Bahia): O ecoturismo e o geoturismo como alternativas para a conservação da geodiversidade. Monografia [Graduação em Geografia]- Departamento de Geografia, UNEB, 2016.

LOPES, J. **Experimentações em cultura, educação e cidadania**: o caso da Associação Grãos de Luz e riô. Rio de Janeiro: FGV, CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, 2009, 136 folhas.

LOUREIRO, C. F. B. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**: uma abordagem política. Rio de Janeiro: Quarteto, 2003a.

LOUREIRO C. F. B. (Org.). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais da Bahia, 2003b.

LOUREIRO C. F. B. Educação ambiental e teorias críticas. *In*: GUIMARÃES, M. (Org.) **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2006

LOUREIRO C. F. B. Educação ambiental crítica: contribuições e desafios. *In*: MELLO, S.; TRAJBER, R. (Orgs.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental**. Brasília: MEC/UNESCO, 2007.

LOUREIRO, C. F. B.; COSSÍO, M. **Um olhar sobre a educação ambiental nas escolas: considerações iniciais sobre os resultados do projeto “O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?”**. *In*: MELLO, S.; TRAJBER, R. (Orgs.). **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental**. Brasília: MEC/UNESCO, 2007.

LUZ, M. M. M., MENDONÇA, D. C. M., SANTOS FILHO, C. V. Metodologias Ativas no Processo Ensino-Aprendizagem. **Revista de Trabalhos Acadêmicos**, Universo Belo Horizonte, v. 1, n. 3, 2018.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina. *In*: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro (RJ), Letra e Imagem, 2009, p. 45-54.

MARCOLIN, C. R.; MAFALDA JR., P. O. Caracterização da comunidade zooplânctônica no estuário do rio Tabatinga, Jandaíra/BA. *In*: CONGRESSO DE ECOLOGIA DO BRASIL, 8. **Anais...**, Caxambu – MG, 2017.

MATOS, F. C. Turismo pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. 7. **Anais eletrônicos...**, UCS, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/eventos-e-anais/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MELLO, R. D. V. **Árvore dos sonhos: uma metodologia de planejamento participativo**. – Botucatu: [s.n.], 2012.

MELO e SOUZA, R. (Org). Território, planejamento e sustentabilidade: conceitos e práticas. São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

MELO, I. F. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. *In*: **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, a. 05, n. 11, 2. sem. 2009. ISSN 1807-5193. Disponível em: <http://www.letramagna.com/adeacd.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MEMORIAL DO HOMEM KARIRI. Disponível em: <https://1library.org/article/a-funda%C3%A7%C3%A3o-casa-grande-memorial-do-homem-kariri.y96w0kly>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MERLEAU PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO. **Vista da Metodologia da Problematização com o Arco de Maguerez: saberes de professores pertencentes à Tríplice Fronteira entre**

Argentina, Brasil e Uruguai. Disponível em: www.unespar.edu.br. Acesso em: 26 jul. 2022.

MOLINA E. S. **Turismo y Ecología**. México: Trillas, 1998.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

MORIN, Edgar. **Science avec Conscience**. Paris: Le Seuil, 1990.

MOULEART, F. et al. Towards alternative model(s) of local innovation. **Urban Studies**, n. 42, v. 11, 2009, p. 1.969-90.

MTUR. **Plano Nacional de Turismo 2013-2016**. Disponível em: http://arquivo.rosana.unesp.br/docentes/savanna/TGT%20I/PNT_2013-2016.pdf. Acesso em: 06 dez. 2020.

NASCIMENTO, P. F. **Agente de Saúde de Coqueiro**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).

NETO, G. S.; SANTOS, G. J. Educação Ambiental: uma contribuição para (re)significação do saber ambiental. In: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.p. 438-460.

NEVES, M. C. D. **Uma perspectiva fenomenológica para o professor em sua expressão do: “O que é isto, a Ciência”**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991.

NEVES, M. C. D. **O que é isto, a ciência?** Maringá: Eduem, 2005.

NOBRE, Geneziano Freires. **Os impactos ambientais no rio Piancó, no perímetro urbano, da cidade de Pombal/PB: um estudo de caso**. Monografia [Licenciatura em Geografia] - Campus de Cajazeiras/UFPB, 2014

NUNES, M. B.; MENEZES, Magali.M. Turismo de Base Comunitária: a reconstrução de identidades desde a experiência do encontro. **Cenário**, Brasília, v.5, dez. 2017.

NUNES, M. S. C. **O cotidiano da sala de aula: análise das concepções dos professores acerca da relevância dos saberes da formação continuada do município de Paulista**. Dissertações de Mestrado. Repositório Científico Lusófona. 2018.

OBRIEN, J. A.; MARAKAS, G. M. **Administração de sistemas de informação**. Porto Alegre: AMGH/McGraw-Hill/Bookman, 2013.

OKAZAKI, E. A Community-Based Tourism Model: its conception and use. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 16, n. 5, 2008, p. 511-529.

OLIVEIRA, L.; NEIMAN, Z. Educação ambiental no âmbito escolar: análise do processo de elaboração e aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Revista brasileira de educação ambiental. Revbea**, São Paulo, v. 15, 2020.

OLIVEIRA, N. M. P. EDISCA – Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes: uma prática pedagógica inovadora? Dissertação [Mestrado em Ciências da Educação e Inovação Pedagógica]. – Faculdade de Ciências sociais da Universidade de Madeira, Funchal, Portugal, 2016.

OLIVEIRA, V. C.; SANTOS, N. D. Nas águas do rio Pitanga: o estudo integrado do ambiente e da relação sociedade natureza no ensino fundamental. *In*: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2018.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ONU. **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento** - Nosso futuro comum. 2. ed. Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1991.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**. Unicamp, Campinas, 1993

ORLANDI, E. Tralhas e troços: flagrantos urbanos. *In*: _____(Org.). **Cidade atravessada**, Pontes, Campinas, 2001a.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**. Pontes eds, Campinas, 2001b.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003a.

ORLANDI, E. Tradução e política científica. *In*: _____(Org.). **Produção e circulação do conhecimento**, v. 2, 2003b.

PÊCHEUX, M. **Les vérités de la palice**. Paris: Maspero, 1975.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PETROCCHI, M. **Gestão de Polos Turísticos**. 2 ed. São Paulo: Futura, 2002.

PINHEIRO, T. R. Indicadores para o desenvolvimento sustentável do turismo de base comunitária: um estudo de caso da comunidade do Quilombo do Campinho da Independência, Paraty, Rio de Janeiro. **ABET**, Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 61-71, 2014.

PNTRAF. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/10197-chapada-diamantina-ganha-roteiros-de-tbc>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PORTER, M. E. Towards a dynamic theory of strategy. **Strategic Management Journal**, v.12, p. 95-117, 1991.

REALE, G. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. v.3. São Paulo: Paulus, 1990.

REDE BATUC. Disponível em: <http://turismoporummundomelhor.blogspot.com/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

REDE TUCUM. Disponível em: <http://www.redetucum.org.br/comunidades/prainha-do-canto-verde-beberibe/> Acesso em: 23 abr. 2020.

REICHERT, C. L.; COSTA, J. S. Metodologia dos desafios: problematização e sentido em ambientes virtuais de aprendizagem. **Renote**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, 2005. DOI:

10.22456/1679-1916.13804. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13804>. Acesso em: 18 mai. 2022.

RIBEIRO, J. N.; ANDRADE T.S; BRAGHINI, C.R. Sabores, saberes e o desenvolvimento do ecoturismo na comunidade Mem de Sá, Itaporanga D’Ajuda, Estado de Sergipe. Instituto Federal de Sergipe, PASOS. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. v. 12, n. 2, p. 409-424, 2014. Disponível em: <http://www.pasosonline.org/Publicados/12214/PASOS37.pdf#page=159>. Acesso em: 4 abr. 2021.

RIBEIRO, J. P. N.; MATSUMOTO, R. S.; TAKAO, L. K. ; LIMA, M. I.S. Zonação vegetal em um estuário tropical irregular: amplas zonas de ocorrência podem ser explicadas por um modelo trade off?. **Brazilian Journal of Biology**, v. 75, n. 3, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjb/a/KLp59tsXcsrFGDynt88dZVr/?format=html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

RODRIGUES, M. C. **Agente de Saúde do Distrito Abadia**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista)

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 2000.

SAITO, C. H. Quais seriam as questões globais que desafiam a educação ambiental? Para além do modismo, uma análise sistemática e uma visão sistêmica. Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, Edição especial. In: ENCONTRO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 17. p. 4-24, set. 2017. **Anais eletrônicos...** Rio Grande, 2017.

SAMPAIO; C. A. C.; ZAMIGNAN, G. Estudo da demanda turística: experiência de turismo comunitário da Microbacia do Rio Sagrado, Morretes (PR). **Revista de Cultura e Turismo/CULTUR**, ano 6, n.1, p. 25-39, 2011.

SANSOLO, D. G. e BURSZTYN, I. (Org). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Brasil, 2009.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, J. A. TOSCHI, M. S. Vertentes da Educação Ambiental: do conservacionista à crítica. Fronteiras: **Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 4, n. 2 (Ed. Especial), jul./dez. 2015, p. 241-250. Acesso em: 13 nov. 2020. Disponível em: <http://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/>.

SANTOS, L. H; BATISTA, R. O. S. Práticas educativas de cidadania ambiental para gestão das águas. In: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2018. p. 328.

SANTOS, L. R. O.; COSTA, J. J.; SOUZA, R.. Práticas pedagógicas de educação ambiental e o exame nacional do ensino médio: Implicações curriculares. In: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2018, p. 308.

SANTOS, L. R. O.; MELO e SOUZA, R.; COSTA, J. J. A metodologia da problematização no contexto da educação básica: possíveis caminhos para a formação de reeditores ambientais. **Revista Cadernos de Estudos e pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 3, n. 1, p. 257-274, 2017.

- SANTOS, M. A. **Agente de Saúde do Distrito Abadia**. Jandaíra, Bahia, 2022. (Entrevista).
- SANTOS, S. M. **Educação, turismo e meio ambiente: a cidade turística como território educativo – um olhar da ecopedagogia**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2019.
- SANTOS, S. S. C. **Modelagem de distribuição potencial e morfometria geométrica das populações florísticas de mangues no litoral sul de Sergipe, Brasil**. 2016. 200 f. Tese [Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente] - Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- SÃO PAULO. Tribunal de Contas do Estado de São Paulo. **Lei nº 11.445/07 - Lei do Saneamento Básico**. Disponível em: <https://www.tce.sp.gov.br/legislacao/legislacao-federal/lei-1144507-lei-saneamento-basico>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- SEMEC. Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Jandaíra. **Comunidades nas quais as Escolas Municipais de Jandaíra estão inseridas**. (Documento impresso), fev. 2011.
- SILVA, A. C. M.; ALEXANDRE, L. M. M. Redes de Colaboração e Desenvolvimento Local Sustentável -. Impactos da atividade turística nas praias de Mangue Seco, Coqueiro e Costa Azul em Jandaíra/BA. In: ENCONTRO DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA, 9. **Anais...**, Cabula, Salvador, BA, ago. 2019.
- SILVA, A. S. F.; TOSCHI, M. S. **A educação ambiental sob o contexto da ética e da formação do sujeito ecológico**. Universidade Estadual de Goiás – Anápolis (GO) – Brasil.
- SILVA, D. P. S. **Gestão sustentável do turismo**. São Cristóvão: UFS, 2017. (Especialização em Gestão do Turismo - Apostila de curso).
- SILVA, F. P. S. Projeto TBC Cabula. ENCONTRO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA (ETBCES), 10. **Anais eletrônicos...** UNEB, 2019. Disponível em: http://etbces.net.br/images/etbces/anais/2020/2020_ETBCES_template._Francisca_Alfredo.pdf. Acesso em: 5 jan. 2022.
- SILVA, F. P. S.; MATTA, A. E. R.; SÀ, N. S. C. Turismo de base comunitária no antigo Quilombo Cabula. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.79- 92, abr. 2016. Disponível em: / <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/viewFile/1149/479>. Acesso em 3 fev. 2022.
- SILVA, F. P. S; MARTINS, L. C. A. Mergulhando em memórias, tecendo culturas e construindo histórias: o diálogo entre a história e o turismo de base comunitária. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 61-70, jul./dez. 2012.
- SILVA, J. A. **Novos modelos de negócios no turismo**. São Cristóvão: UFS, 2017. (Especialização em Gestão do Turismo - Apostila de curso).
- SILVA, R. O.; FERREIRA, J. A. O. A.; DUARTE, T. B. S. A aplicabilidade da teoria da problematização com o Arco de Maguerez na educação de jovens e adultos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONA SOBRE TRABALHO, RELAÇÃO DE TRABALHO, EDUCAÇÃO E IDENTIDADE. 8. **Anais...**, João Pessoa, PB, 2020.
- SKINNER, P. P. D. **Além do mar pesca e pessoa no povoado de Moreré – Cairu/BA**.

Monografia [Graduação em Antropologia] – Departamento de Antropologia, Universidade Federal da Bahia, 2017.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: 2004.

SOUSA, R. M. M.; FIGUEIREDO, S. L.; TAVARES, M. G. Turismo na Amazônia: a experiência das comunidades ribeirinhas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Rio Negro a partir das políticas de desenvolvimento local. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 13, n. 2, p. 126-144, mai-ago. 2020 (ISSN: 1983-5442).

SOUZA, A. L. A. de; FARIAS, M. F. de; FERREIRA, L. V. F.; ALEXANDRE, M. L. de O. Turismo e patrimônio cultural: um estudo de caso na Rota Verde do Café (Ceará). **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 79–102, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/19657>. Acesso em: 16 jan. 2021.

SOUZA, F. F.; SANTOS, N. D. Ciências Ambientais no Ensino Fundamental: diálogo sobre a água. In: SILVA, M. S. F. **Reflexões teórico-metodológicas e práticas pedagógicas nas Ciências Ambientais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2018. p. 350.

STAIR, R.; REYNOLDS, G. **Princípios de Sistemas de Informação**: uma abordagem gerencial. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

STRECK, D. R. A educação popular entre a tradição, a modernidade e a pós-modernidade. **Educação & Sociedade**, Campinas, CEDES, ano 17, n. 57, especial, dez. 1996.

TAKAHASHI, S. **Estratégia da gestão turística de base comunitária em unidade de conservação**: ÁRIE da Vila do Estevão, Aracati-Ceará / Saori Takahashi. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/16915/1/2016_dis_stakahashi.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **Le travail enseignant au quotidien**: contribution à l'étude du travail dans les métiers et les professions d'interaction humaines. Québec: Presses de l'Université Laval, 1999.

TAUMATURGO, Í. A.; PEREIRA, R. C. “Próxima parada, Nova Olinda/CE”: justiça distributiva no Turismo de Base Comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 20, n. 2, p. 1-15, 2020.

TORRES, C. A. O.; CADIZ, M. D. P.; WONG, P. L. **Educação e democracia**: a práxis de Paulo Freire em São Paulo. São Paulo, IPF/Cortez, 2002.

TÔRRES, J. J. M. **Teoria da complexidade**: uma nova visão de mundo para a estratégia. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2010/09/TORRES-Teoria-Da-Complexidade-e-Estrategia.pdf>. Acesso: 23 fev. 2021.

TREIN, E. S. Educação ambiental crítica: crítica de que? **Revista Contemporânea de Educação**, n. 14. ago./dez. 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1992.

UNESCO. **Culture/heritage**, 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/heritage>. Acesso em: 25 nov. 2020.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3 ed. Estúdio Nobel, 1996.

VECHI, A.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. Aspectos positivos e negativos da cultura do eucalipto e os efeitos ambientais do seu cultivo. Universidade Estadual de Maringá, Goioerê, PR – Brasil. **Revista Valore**, Volta Redonda, v. 3, n. 1, p. 495-507, jan./jun. 2018.

VERONA, M. F. **Aproximações entre o arco de Maguerez e as atividades de educação ambiental na escola: limites e possibilidades**. Dissertação [Mestrado] – Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade de Londrina, Londrina, PR, 2009.

VILAR, J. W. C.; ARAÚJO, H. M. A. (Orgs.) **Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

VILAR, J. W. C.; ARAÚJO, H. M. A. (Orgs.) **Território, meio ambiente e turismo no litoral sergipano**. São Cristóvão: Editora UFS, 2019. p. 350-375.

VILLARDI, M. L., CYRINO, E. G., BERBEL, N. A. N. A metodologia da problematização no ensino em saúde: suas etapas e possibilidades. *In: _____ (Orgs.). A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 45-52. ISBN 978-85-7983-662-6. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 22 abr. 2022.

WEILER, J. M. A.; GUERRA, A. F. S. O saber fazer de uma comunidade tradicional e a escola: possibilidades de diálogos. REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37. 2015. **Cadernos...** Florianópolis, UFSC, 2015. Acesso em: 23, out. 2020. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT22-3840.pdf>.

ZABALA, A. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: Editora Penso, 2015.

APÊNDICE A: Roteiro de entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

ATIVIDADE DE CAMPO

Perfil do entrevistado

Nome: _____

E-mail: _____

Qual a idade? _____

Gênero: F () M ()

Escolaridade: _____

Ocupação: _____

Comunidade onde reside: _____

Você já participou de alguma atividade de campo na escola ou na comunidade?

a) Na escola - Sim () Não ()

b) Na comunidade Sim () Não ()

Onde ocorreu? Você gostou?

Especificar: _____

● Você já conhecia o Turismo de Base Comunitária (TBC)? O que já ouviu falar sobre o TBC? Especificar. _____

● O que você acha de interessante na proposta da criação do TBC? Especificar _____

● Quais soluções, você apontaria para a geração de trabalho e renda O que você aprendeu sobre as potencialidades do TBC em sua comunidade? Especificar _____

● Quais soluções, você apontaria para a geração de trabalho e renda na comunidade, através do TBC? Especificar: _____

APÊNDICE B: Diário de Bordo**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)****ATIVIDADE DE CAMPO**

No diário constarão observações a respeito do grupo e do desenrolar das atividades; e as críticas e sugestões de como cada atividade proposta pode ser melhorada. Os registros podem auxiliar na condução da atividade, e também na condução pesquisa.

APÊNDICE C: Custo com a pesquisa

Descrição	Quantidade	Valor final
Passagens	26 - Ida e volta	R\$250,00
Blocos de anotações	32	R\$ 64,00
caderno capa dura	32	R\$ 96,00
Cartolinas	15	R\$ 15,00
Canetas	32	R\$ 32,00
classificador de papel	32	R\$ 30,00
Papel A4	01- Resma	R\$ 20,00
Tesoura sem ponta	06	R\$ 12,00
cola branca	04	R\$ 10,00
Impressão de HQ (História em quadrinho - Cartilha Educacional)	100	R\$800,00
-----	-----	Total= R\$1.329,00

APÊNDICE D: Cronograma

Quadro: Cronograma das atividades que serão executadas durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa:		
Identificação da etapa	Início	Término
Disciplinas do mestrado	12/03/2020	15/01/2021
Elaboração do projeto de pesquisa	12/03/2020	12/06/2021
Revisão bibliográfica	12/03/2020	30/07/2022
Construção teórica sobre o Turismo de Base Comunitária através da Metodologia da Problemática e Educação Ambiental Crítica.	16/03/2020	28/02/2022
Qualificação	27/08/2021	27/05/2021
Apresentação da proposta de projeto à equipe de gestores e professores da escola para realização da pesquisa.	10/01/2022	10/01/2022
Construção da Carta convite - Entregue da carta convite	11/01/2022	11/01/2022
Apresentação do projeto para alunos e comunidade	01/03/2022	01/03/2022
Encontro 2: Execução do plano de ação da Aprendizagem com o uso do Arco de Maguerez, junto aos estudantes. P1	08/03/2022	08/03/2022
Encontro 3: Visita de campo, A observação terá duração de 1:00h das 9:00h às 10:00h. P2 e P3	09/03/2022	09/03/2022
Encontro 4: Estabelecimento de pontos-chave	10/03/2022	10/03/2022
Encontro 5: Teorização - Permite aos alunos um aprofundamento e progressão do conhecimento sobre o TBC.	11/03/2022	11/03/2022

Encontro 6: Após intervalo de 15 dias, será organizado um encontro virtual pelo Google Meet ou WhatsApp, para dialogar com cada grupo sobre os estudos e pesquisas referentes ao tema. OBS: (o tempo será prolongado pelo recesso do carnaval). Se houver possibilidade o encontro será presencial.	28/03/2022	28/03/2022
Grupos: Apresentação de cordéis	04/04/2022	04/04/2022
Grupos: Apresentação de paródias	04/04/2022	04/04/2022
Grupos: Apresentação de histórias em quadrinhos	04/04/2022	04/04/2022
Reunião com os 17 participantes. Neste dia a pesquisadora desenvolveu coletivamente a análise SWOT FOFA ²	04/04/2022	04/04/2022
Hipóteses de solução - Nessa etapa, a pesquisadora organizou a atividade prática da árvore de problemas (presencial ou remota).	20/04/2022	20/04/2022
Intervenção da realidade - Nessa etapa as pessoas envolvidas foram levadas à construção de novos conhecimentos para transformar a realidade observada.	27/04/2022	27/04/2022
Organização, análise e interpretação das informações para a escrita da dissertação.	09/05/2022	30/07/2022
Defesa da dissertação	26/08/2022	26/08/2022
Publicações de trabalhos científicos	26/09/2022	26/19/2022
Devolução dos resultados da pesquisa à escola	26/09/2022	26/09/2022

Fonte: Elaborado pela autora, Trabalho de campo, 2022.[2] Enquanto durar os procedimentos de segurança por conta da pandemia da COVID-19 e os trabalhos da escola permanecerem de modo remoto, a pesquisa ocorrerá remotamente, com uso de Interfaces Digitais. Caso as aulas retornem ao modelo presencial, as atividades ocorrerão sem interferir no cronograma planejado e aqui descrito.

APÊNDICE E: Avaliação da Cartilha Educacional



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB/UFS)**

AVALIAÇÃO DA CARTILHA EDUCACIONAL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ

A cartilha educacional, intitulada **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ**, trata-se do produto educacional elaborado durante a realização da pesquisa de mestrado, intitulada: **TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA A PARTIR DA METODOLOGIA ATIVA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM JANDAÍRA/JANDAÍRA/BA**. A pesquisa foi desenvolvida no povoado Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra/Jandaíra/BA, pela mestranda do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB/UFS), Alda Cristina Menezes da Silva, sob orientação da Professora Dra. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e coorientação do Professor Dr. Lício Valério Lima Vieira.

O objetivo da cartilha consiste em auxiliar professores e representações das comunidades no desenvolvimento de ações educativas voltadas para a gestão do turismo de base comunitária, por meio do uso da metodologia ativa da Problematização.

Como parte do processo de validação do recurso didático, é necessário que a cartilha seja avaliada quanto à potencialidade de uso do recurso junto ao público que poderá utilizá-la como material pedagógico (professor/a e representação da comunidade).

Para tanto, convidamos Vossa Senhoria para participar deste processo avaliativo, mediante leitura deste documento de avaliação do produto educacional, análise da cartilha que segue anexada, preenchimento do quadro que segue com os critérios de avaliação e assinatura deste documento.

Agradecemos a sua participação.

Atenciosamente,

(Alda Cristina Menezes da Silva)
Mestranda do PROFCIAMB/UFS

AValiação DA CARTILHA EDUCACIONAL: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ

MESTRADO: CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Mestranda: Alda Cristina Menezes da Silva
Orientadora e Prof.^a Dr.^a Sindiany Suelen Caduda dos Santos
Coorientador: Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira

E-mail da responsável pela avaliação da cartilha: aldacristinamestranda.ufs@gmail.com

***Nome completo do/a avaliador/a:**

***Perfil do/a avaliador/a:**

- Professor/a
 Representante da comunidade

***Assunto: instruções para avaliação da Cartilha Educacional**

- Toda cartilha precisa apresentar elementos essenciais para que a aprendizagem se torne significativa, na aprendizagem do tema proposto;
- você encontrará dois quadros abaixo: o quadro um apresenta os aspectos do plano de elaboração da cartilha. O quadro dois revela os critérios a serem considerados para avaliação do produto educacional pelo/a avaliador/a.

Quadro 1: Avaliação da cartilha: Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez.

Título da cartilha: Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez
Objetivo: auxiliar professores e representações das comunidades no desenvolvimento de ações educativas voltadas para a gestão do turismo de base comunitária, por meio do uso da metodologia ativa da Problematização
Conteúdos que serão trabalhados: (Parte 1) - A comunidade, o Turismo de Base comunitária (TBC) e a Metodologia da Problematização.
Conteúdos que serão trabalhados: (Parte 2) - Metodologia da Problematização.
Tipo de Cartilha: Cartilha impressa entregue cinco exemplares ao acervo da biblioteca da escola.

Quadro 2: Critérios para avaliação da cartilha Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez

Critérios avaliados	Pontuação 0 a 10 pontos (considere a legenda abaixo para pontuar)	Sugestões de mudanças na cartilha (se houver)
1. O título da cartilha é adequado ao conteúdo proposto.		
2. O objetivo da cartilha pode ser alcançado (auxiliar professores e representações das comunidades no desenvolvimento de ações educativas voltadas para a gestão do turismo de base comunitária, por meio do uso da metodologia ativa da Problemáticação).		
3. É possível que as pessoas aprendam, o conteúdo proposto (Turismo de Base Comunitária e Metodologia da Problemáticação) através da cartilha.		
4. Ao longo da cartilha o conteúdo exposto resgata a cultura local e valoriza os recursos naturais da comunidade, estimulando o uso da metodologia para outras realidades onde o TBC pode ser aplicado.		
4. A cartilha possui uma boa narrativa: (a cartilha possui um enredo atrativo que desperte e engaje o estudante nas discussões sobre Turismo de Base Comunitária).		
5. A linguagem da cartilha está adequada ao público-alvo da aprendizagem (professores, comunidade e estudantes).		
6. O layout da cartilha é adequado e atrativo: (a cartilha possui texto que poderá estimular os estudantes na discussão da temática do TBC).		
7. Os textos da cartilha são claros e seguem as normas de língua portuguesa.		
8. A cartilha proporciona feedback imediato e construtivo: (a cada situação de aprendizagem é oferecida a oportunidade de se refletir sobre os conceitos abordados).		
9. A leitura da cartilha é flexível e envolvente.		
10. A cartilha apresenta um contexto que desperta a prática da leitura: (A cartilha pode criar um ambiente de troca de informações e aprendizagens entre os leitores).		
O potencial para a aprendizagem do assunto abordado é: (resultado final – considerar a soma de todos os itens e dividir pela quantidade de itens, ou seja, dividir por 10)		

Fonte: Sindiany Suelen Caduda dos Santos (2021) e Alda Cristina Menezes da Silva (2022).

Resultado final da avaliação da cartilha educacional considerando os valores atribuídos

- Para valores entre **8 e 10**, a cartilha possui um Potencial **Muito Alto**
- Para valores entre **6 e 8**, a cartilha possui um Potencial **Alto**
- Para valores entre **4 e 6**, a cartilha possui um Potencial **Moderado**
- Para valores entre **2 e 4**, a cartilha possui um Potencial **Baixo**
- Para valores entre **0 e 2**, a cartilha possui um Potencial **Muito Baixo**

Outras sugestões para melhoria do produto educacional poderão ser relatadas abaixo.

Ciente do meu papel de avaliador/a do produto educacional Educação Ambiental e o Turismo de Base Comunitária através do Arco de Maguerez, assino este documento abaixo.

APÊNDICE F: Produto Educacional – Cartilha

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**

ALDA CRISTINA MENEZES DA SILVA

**PRODUTO TÉCNICO
CARTILHA: “EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ”**

**SÃO CRISTÓVÃO-SE
AGO/2022**

ALDA CRISTINA MENEZES DA SILVA

PRODUTO TÉCNICO

**CARTILHA: “EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE
COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ”**

Orientadora: Profª Draª Sindiany Suelen Caduda dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira

SÃO CRISTÓVÃO-SE

AGO/2022



TERMO DE LICENCIAMENTO

Este Produto Educacional está licenciado sob uma Licença Creative Commons Attribution Non-Commercial Share Alike sob a mesma licença 4.0 Brasil. Para ver uma cópia desta licença visite o endereço <https://www.oercommons.org/courses/produto-técnico-da-dissertação-de-mestrado-profissional-oer-pdf>



CARTILHA

**"EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE
BASE COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE
MAGUEREZ"**



Mestranda: Alda Cristina Menezes da Silva
Pedagoga e professora da rede de educação básica do município de Jandaíra, Bahia, na escola municipal Joana Almeida Pinto.
Função: Professora
Mestranda do PROFCIAMB
- Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5516227144575732>

Orientadora: Prof. Dr.^a Sindiany Suelen Caduda dos Santos
Vínculo: Professora Adjunta do Departamento de Educação em Ciências Agrárias e da Terra do Sertão/UFS e do PROFCIAMB/UFS
- Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1099852783348463>

Co-orientador: Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira
Vínculo: - Professor do Mestrado Profissional em Turismo Instituto Federal de Sergipe.
- Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2083645926095500>

Você é nosso(a) convidado(a) para desbravar conosco os conhecimentos sobre a história da comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia, conhecimentos básicos do Turismo de Base Comunitária, e ainda etapas da Metodologia Ativa da Problematização.

Mergulhe nessa leitura!
Seja bem-vindo!



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
OBJETIVO DA CARTILHA.....	03
A COMUNIDADE DE PONTE DE ITABATINGA.....	04
TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	13
METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO.....	24
AS CINCO ETAPAS DO ARCO DE MAGUEREZ.....	30
CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS	
DIREITOS DE IMAGENS	
TERMO DE LICENCIAMENTO	

APRESENTAÇÃO

A cartilha educacional, intitulada **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA ATRAVÉS DO ARCO DE MAGUEREZ**, trata-se do produto educacional elaborado durante a realização da pesquisa de mestrado.

A pesquisa foi desenvolvida no povoado Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia, pela mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB/UFS), Alda Cristina Menezes da Silva, sob orientação da Professora Dra. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e co-orientação do Professor Dr. Lício Valério Lima Vieira.



Na primeira parte, será apresentado breve histórico, localização da comunidade e informações básicas sobre o Turismo de Base Comunitária.



O objetivo da cartilha consiste em auxiliar professores e representações das comunidades no desenvolvimento de ações educativas voltadas para a gestão do Turismo de Base Comunitária, por meio do uso da Metodologia ativa da Problematização.

A Comunidade de Ponte de Itabatinga!

Em meados do século XIX, foi o começo de tudo!

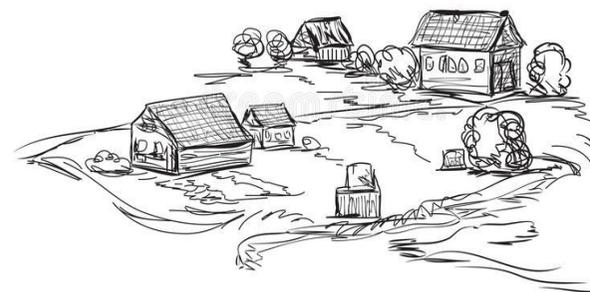
Era um lugar sem povoamento e sem estradas, por essa razão os fazendeiros se uniram e começaram a abrir “arasto”, uma espécie de vereda dentro das matas para que desse acesso a passagem de carros de bois. Era, portanto, um lugar distante da civilização, cercado por fazendas, sem nome, sem estrada, sem energia elétrica, mas com forte potencial para a agricultura.

História e progresso no século XX!

Com o aumento das plantações e da fabricação do açúcar, os fazendeiros da região começaram a expandir seus negócios e fazer o traslado utilizando carro de boi, o que era muito sacrificante para os animais. Por essas e outras questões os fazendeiros tomaram a decisão de abrir um porto no rio Patioba, o qual tem água doce e faz encontro com o rio Real, que é de água salgada – “era assim que eles diziam”.

O crescimento do povoado!

Por volta de 1935, o lugar foi sendo povoado. Como a região era considerada “terra do santo”, (isso significa, que a Terra pertencia a igreja católica, deixando livre para as pessoas construírem as suas casas e fazerem seus roçados). Com essa abertura as pessoas foram chegando e se apossando da terra, fazendo suas plantações. Eram pessoas que fugiam da seca do sertão em busca de trabalho braçal, e foi formando-se uma vila.



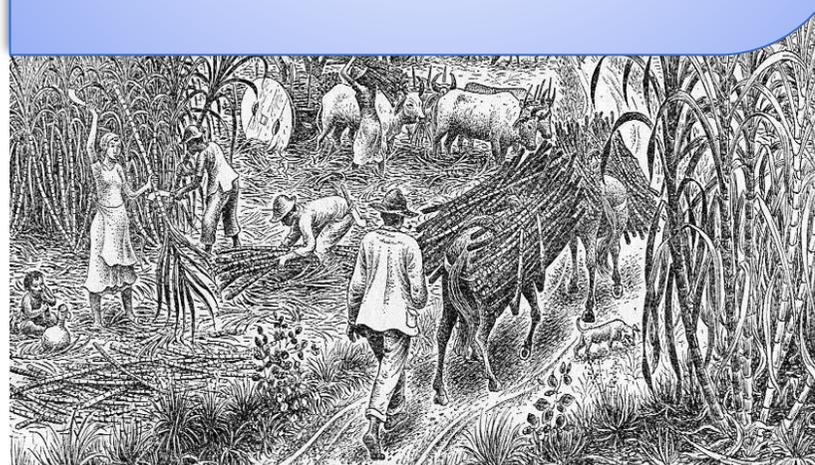


De onde vem o nome Ponte de Itabatinga?

Na década de 1940, uma das fazendas que dava acesso ao lugar, tinha por nome “TABATINGA”. Para chegar ao povoamento passava-se sobre a ponte do rio Patioba, por esta razão as pessoas que residiam e trabalhavam no povoado começaram a chamar o lugar de “Ponte de Itabatinga”.

Fazendas de cana-de-açúcar!

Até 1962 a região era composta por fazendas produtoras de cana-de-açúcar: Fazenda Patioba, Engenho, Tabatinga entre outras. A partir do século XX essas fazendas se dividiram entre a pecuária e agricultura.



Porto no encontro do rio Patioba com rio Tabatinga!

Mais ou menos no ano de 1964, o porto que existiu no encontro do rio Patioba com o rio Tabatinga interligou as comunidades ribeirinhas do município de Jandaíra, Bahia, essas mudanças, permitiram aos fazendeiros, receber embarcações de outras localidades: Abadia, Cachoeira de Abadia hoje denominada Cachoeira do Itanhi, além de Coqueiro, Mangue Seco e do município de Indiaroba, Sergipe.



História e fé!

Por sentirem falta de suas crenças religiosas, os primeiros moradores levantaram uma capela de barro coberta de palha. Com o passar dos anos, sob autorização do vaticano, coordenado pelo Papa, o padre Frei Osvaldo que administrava as igrejas católicas da região de Jandaíra-Bahia, começou a construir uma igreja na comunidade de Ponte de Itabatinga no ano de 1973, inaugurada em 03/05/1974. Depois desta data, todos os anos nessa data, três de maio, acontece a festa católica de “Nossa Senhora de Santa Cruz”.



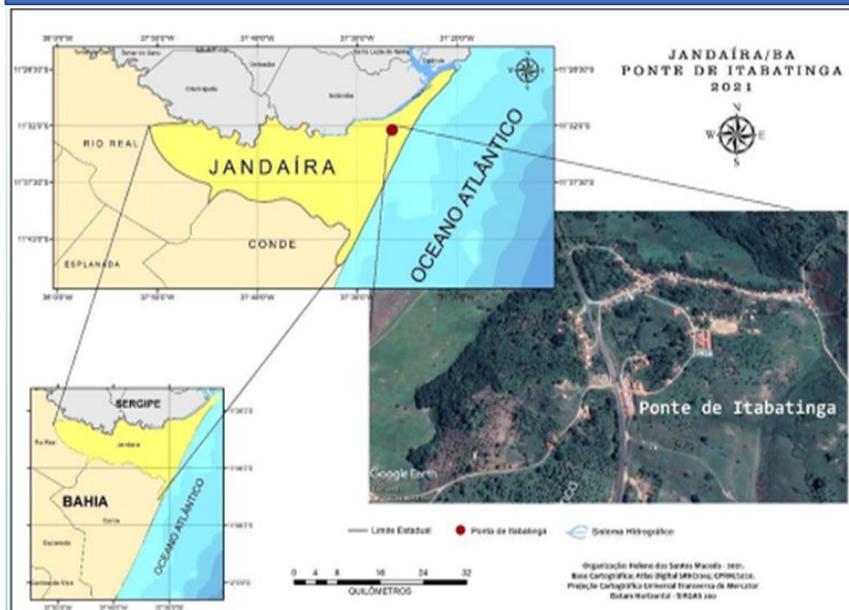
Você sabia?

A comunidade de Ponte de Itabatinga, localiza-se às margens da linha verde no Município de Jandaíra, agreste baiano.

Vamos conhecer mais sobre Ponte de Itabatinga.



Localização da comunidade



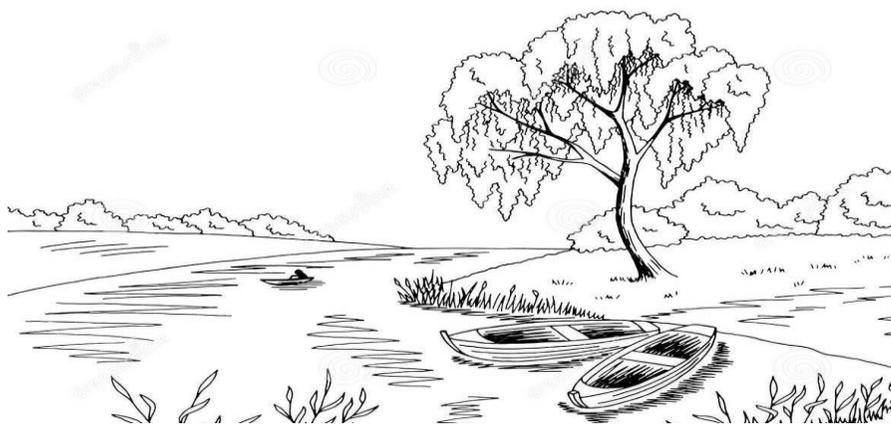
No século XXI, o lugar se encontra bem diferente. Não se cultiva mais a cana-de-açúcar, nem existe nada que retrata os engenhos. Porém a agricultura tem forte relevância pelos os sítios de coco e mandioca. A mandioca é o cultivo predominante da região, por esse motivo justifica-se a existência das casas de farinha artesanal.

Turismo de Base comunitária



Você já ouviu falar em Turismo de Base Comunitária, o chamado TBC?

TBC é uma gestão de turismo, que tem como êxito a sustentabilidade de um lugar. Através do TBC é possível fazer uso dos recursos naturais sem destruí-los



Quem pode participar do TBC?

As pessoas da comunidade devem ser os protagonistas, no fazer da atividade turística na gestão do TBC.

Se ligue!

Quando a comunidade entende a importância da sustentabilidade, ela procura conservar os seus recursos, sejam eles naturais, culturais ou materiais.



Como se faz o TBC?

Por meio de um planejamento e da gestão do TBC compartilhada, a comunidade se organiza para receber os visitantes ou turistas. Com o TBC, a comunidade pode apresentar o dia a dia e as potencialidades do lugar. Uma forma de receber o visitante é através da modalidade cama e café.

Cama e café o que é?

Modalidade de hospedagem, na qual o nativo, ou seja, o dono da casa, oferece ao hóspede um quarto para estadia, acompanhado de café da manhã. Em contra partida, recebe uma tarifa a preço justo, pelo serviço oferecido.

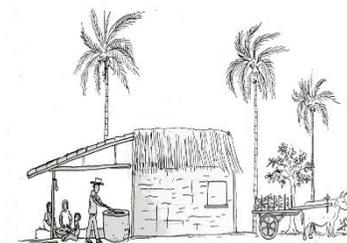


Não tem restaurante e agora?

As refeições podem ser oferecidas pelas pessoas da comunidade em suas próprias casas, o visitante vai degustar da comida saudável de seu anfitrião, se adaptando a realidade dos nativos, que em contra partida devem receber um preço justo por cada refeição. A comunidade pode ir além, vendendo doces, bolos e produtos da agricultura.



Coisas que o turista gosta de viver no TBC!

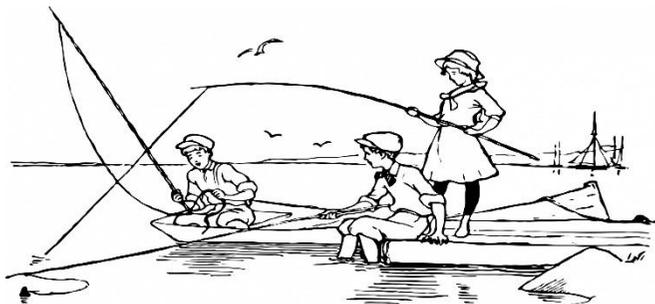


- O ordenhar de uma vaca.
- O abrir e fechar de uma cancela.
- Fazer um passeio de barco.
- Passear de charrete.
- Passear de carroça ou carro de boi.
- Colher frutas do pé.
- Andar a cavalo.
- Pescar.
- Observação de árvores e animais silvestres
- Ouvir o canto dos pássaros;
- Conhecer apetrechos de pesca.
- Visitar casas de farinhas;
- Viver a cultura local.



Você sabia?

O público que opta por esse formato de turismo não é visto como um cliente primordialmente, mas é acolhido como um membro das famílias locais, interagindo com o dia a dia da comunidade, compartilhando e vivenciando as experiências daquela família, ou típicas daquela localidade.



Vamos conhecer os princípios do TBC?

As atividades de turismo são desenvolvidas por grupos organizados e os projetos são coletivos;

O TBC se integra à dinâmica produtiva local, sem substituir as atividades econômicas já existentes na comunidade;

Promove a geração e a distribuição equitativa da renda na comunidade;

Fundamenta-se na construção de uma relação entre sociedade, cultura e natureza que busque a sustentabilidade socioambiental;

Metodologia da Problematização

O francês Charles Maguerez criou a metodologia da problematização na década de 70 século XX. Porém, a obra só foi publicada por Bordenave e Pereira em 1977. Por esse motivo foi pouco utilizada pela área da educação. A professora Neusi Berbel, é defensora da Metodologia da Problematização e tem proposto como um caminho de ensino e pesquisa, rico, porém complexo, por demandar esforço por parte de quem a percorrem.



Fique sabendo! As informações contidas no material foram elaboradas pela pesquisadora, sendo inserido produções e informações coletadas pelos estudantes.



As próximas páginas são compostas pela Metodologia da Problematização com as cinco etapas do Arco de Maguerez para o memorial-desenvolvimento da gestão do TBC na região de Ponte de Itabatinga, em Jandaíra. Bahia.



A Metodologia da Problematização é um caminho para refletir sobre o TBC com a escola e comunidade?

VOCÊ SABIA?

A Metodologia da
Problematização leva o
estudante a entender, que a
educação é uma prática social
emancipadora, na qual ele é a
principal chave do processo
para seu próprio
desenvolvimento.

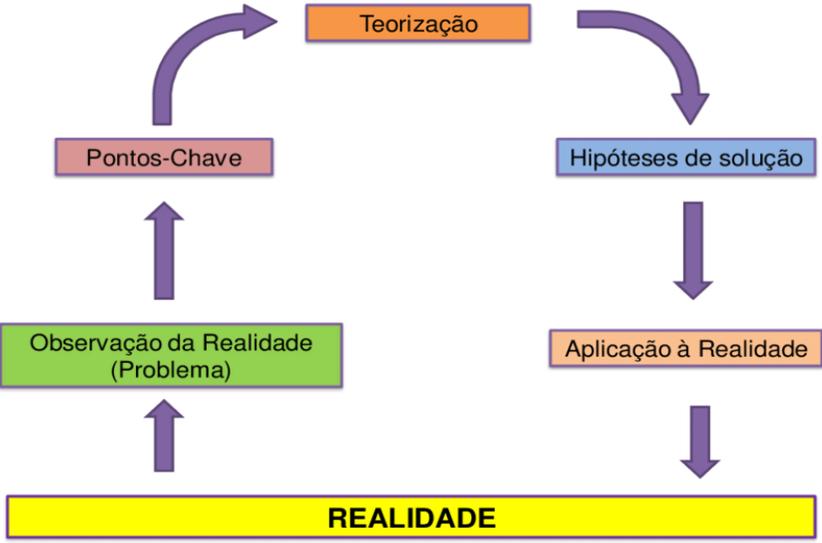
**FIQUE SABENDO!**

A Metodologia da
Problematização promove o
ensino por meio da pesquisa,
auxiliando nas mudanças da
realidade educacional.



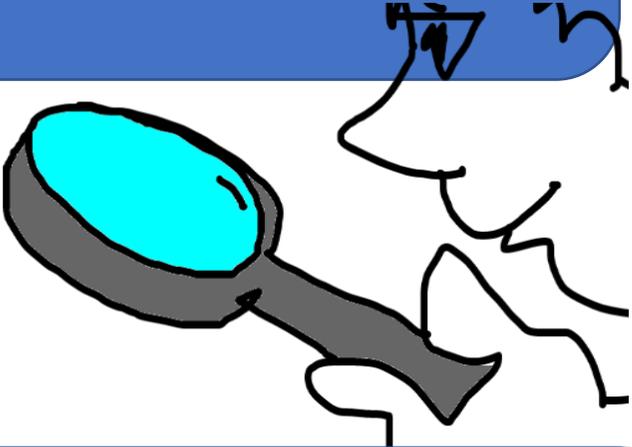
As cinco etapas do Arco de Maguerez

O método do Arco de Maguerez, possui cinco etapas, que auxiliam na aprendizagem de forma contextualizada. Dessa forma, amplia e cria a possibilidade para que o próprio aluno construa seu conhecimento.



Etapa da observação da realidade

Quer saber como o que resultou da observação da realidade na comunidade de Ponte de Itabatinga, Bahia?



Inicialmente foi realizado uma roda de conversa em sala de aula na Escola Municipal Joana Almeida Pinto, junto aos participantes da pesquisa que indicaram e definiram junto com a pesquisadora os três pontos (P) de visitação: (P1) rio Patioba e Tabatinga, localizado aproximadamente a um km da escola Joana Municipal Almeida Pinto; (P2), trilha ecológica na estrada velha e (P3) casas de farinha. As visitas foram realizadas, dentro do período de uma semana.

Nos rios Patioba e Tabatinga (P1), os problemas encontrados pelos participantes da pesquisa foram:

- Poluição pelo descarte de rejeitos próximo aos rios, falta de fossas em algumas residências e falta de limpeza em seus entornos, provocando a degradação;
- E a falta de aplicação de ações e medidas de conservação por parte da secretaria municipal de Meio Ambiente.



Fique sabendo!

A revitalização do rio é muito importante, e as autoridades precisam tomar conhecimento, “que os rios na comunidade de Ponte de Itabatinga pedem socorro”!



Você conhece a trilha ecológica na estrada velha na comunidade de Ponte de Itabatinga? Esse foi o (P2) na etapa da observação. Para alegria dos participantes, nessa etapa da trilha, foi observado como o lugar é bonito, uma trilha aberta com cerca viva, vista para o manguezal, sendo possível presenciar animais silvestres e domésticos, além disso é possível ouvir o canto dos pássaros.



No (P3), os participantes da pesquisa visitaram as casas de farinha artesanal da região. Os participantes ficaram encantados pelas histórias contadas pelos farinhaeiros. Conheceram engenhocas, utensílios e o passo a passo do fazer farinha. Essa história local vai além do que você possa imaginar e, você caro leitor deve conhecer de perto o saber fazer dessa cultura.

Na segunda etapa do Arco, você vai conhecer os pontos-chaves que foram definidos pelos participantes da pesquisa!



Quer saber os postos-chave que os participantes destacaram?

Problemas Socioambientais. No P1 foram destacados os problemas socioambientais dos rios Patioba e Tabatinga. Apesar dos participantes acreditarem que os rios poderiam apresentar potencial para o turismo, se fossem ambientalmente recuperados, chegaram à conclusão de que seria necessário realizar uma investigação científica, inviável para momento por questões de tempo, recurso e até mesmo pela dependência de resolução da questão ambiental pelo poder público.

Falta de exploração da trilha ecológica da estrada velha. No P2 foram destacadas as potencialidades na reflexão de uma Rota para o Turismo de Base Comunitária, expectativas foram levantadas, e uma discussão sobre a importância da organização e fortalecimento se fez necessária.

Desconhecimento à cultura local. Da mesma forma deve-se proceder para o P3, visto que os participantes evidenciaram a cultura do saber fazer e apetrechos de pesca e de casa de farinha.

A tomada de decisão dos participantes reforça a importância do protagonismo dos estudantes e da comunidade na tomada de decisão rumo à transformação da realidade.

Os desafios da terceira etapa com a teorização!

Nesta etapa os participantes da pesquisa, organizam-se tecnicamente e teoricamente para a etapa de estudo e investigação. Tecnicamente é a busca das informações necessárias para solucionar os problemas.

Quer saber como os estudantes se organizaram?

Pesquisaram em Sites, indicados pela pesquisadora.

Analisaram documentários, cartilhas e apostilas.

Buscaram vídeos, no Youtube relevante ao TBC.

O que resultou da teorização?

Após estudos e pesquisas os participantes da pesquisa, desenvolveram coletivamente a análise SWOT/FOFA em painel.



Os pontos fortes e as fraquezas, foram analisados pelos participantes da pesquisa, como fatores, que podem ajudar na composição da implementação do TBC. Veja os quadros a seguir.

FORÇAS (Aprimorar, usar)

Diagnosticar características para criação de uma instituição que venha representar vantagens competitivas sobre seus concorrentes ou facilidade para atingir os objetivos propostos ou fazer parceria com a escola e as associações já existentes para aprimorar, exemplos como:

- Atendimento personalizado ao cliente;
- Preço de venda competitivo;
- Equipe treinada e motivada;
- Localização estratégica dos locais visitados.

OPORTUNIDADES - (Explorar, aproveitar)

Analisar situações positivas do ambiente externo que permitem à gestão do TBC alcançar seus objetivos ou melhorar sua posição no mercado explorando exemplos como:

- Existência de parcerias;
- Exemplos de outras regiões que apresentem o TBC;
- Aumento crescente da demanda, mas com sustentabilidade;
- Disponibilidade de serviço para receber o visitante.

FRAQUEZAS – (Eliminar, fortalecer)

São os fatores internos que podem colocar a Gestão do TBC em situação de desvantagem frente à concorrência ou que prejudicam sua atuação no ramo escolhido no sentido de eliminar e fortalecer.

- Deficiência na qualificação dos sujeitos;
- Indisponibilidade de recursos financeiros, culturais e naturais;
- Falta de experiência anterior no ramo;
- Custos de manutenção elevado.

AMEAÇAS – (Evitar, neutralizar)

São situações externas nas quais se tem algum controle e que colocam a gestão do TBC diante de dificuldades, ocasionando a perda de mercado ou a redução de sua lucratividade, nesse sentido deve-se evitar, neutralizar, a exemplos como:

- Exigências legais rigorosas dos órgãos ambientais;
- A falta de fornecedores nas localidades (alimentação, bebidas, artesanatos, hospedagem etc.);
- Escassez de mão de obra qualificada;
- Insegurança e violência na região.

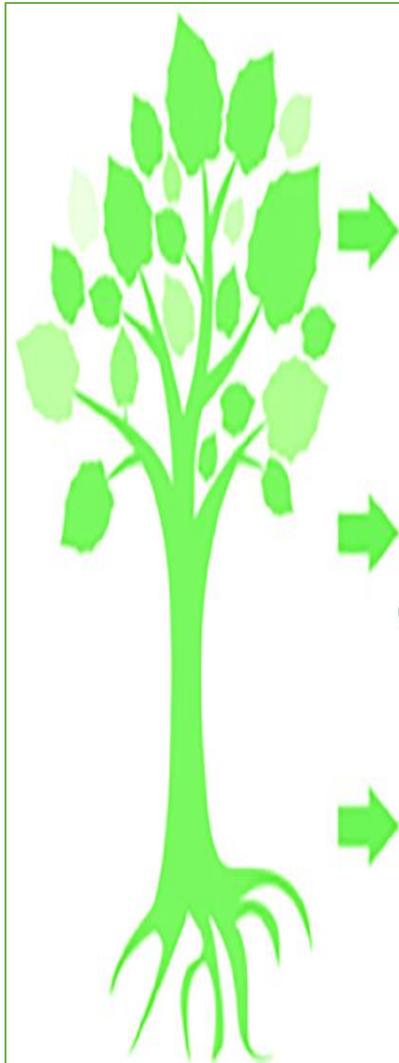
Que saber
como chegaram
as hipóteses de
solução?



Para chegar a essa etapa a pesquisadora organizou junto aos participantes, a atividade prática da árvore de problemas .



O procedimento para essa atividade foi através de painel, uma árvore foi desenhada e questionamentos foram distribuídos nas folhas, tronco e raiz. Um moderador ajudou colocando as repostas na lousa.



Folhas: O que precisa acontecer para que o problema seja solucionado?

Tronco: O que precisa ser feito?

Raiz: O que pode realmente ser feito?

Outros questionamentos foram utilizados durante a execução da árvore de problemas para estimular os estudantes na definição das hipóteses de solução.

1. O que preciso para solucionar o problema?
2. Como podemos transformar a realidade?
3. Quais os desafios que serão encontrados?
4. Como envolver a comunidade no projeto?
5. O que é preciso para a criação do turismo de base comunitária na comunidade do entorno da escola Joana Almeida Pinto?
6. Quem pode ser parceiro do projeto?
7. Como fortalecer o TBC na comunidade?

Os participantes da pesquisa chegaram a duas hipóteses para solução dos problemas!



Escrever uma carta aberta a secretaria de meio ambiente.

Desenhar uma rota sustentável.



Para concluir as etapas do Arco de Maguerez, vamos para a intervenção à realidade.

Fique sabendo como quais foram os resultados na etapa da intervenção à realidade.

Na etapa final os pesquisadores já tinham conhecimento da real situação da comunidade



Os participantes vivenciaram, fizeram parte de toda a pesquisa e, durante um tempo dedicaram-se aos estudos.

Primeira etapa: Em oficina de desenho os participantes desenharam a rota.



Segunda etapa: Desenvolveu-se a escrita de uma carta aberta em prol do rio Patioba, para ser encaminhada pelos correios a secretaria de Meio Ambiente do município de Jandaíra, Bahia e distribuída no povoado de Ponte de Itabatinga em Jandaíra, Bahia.

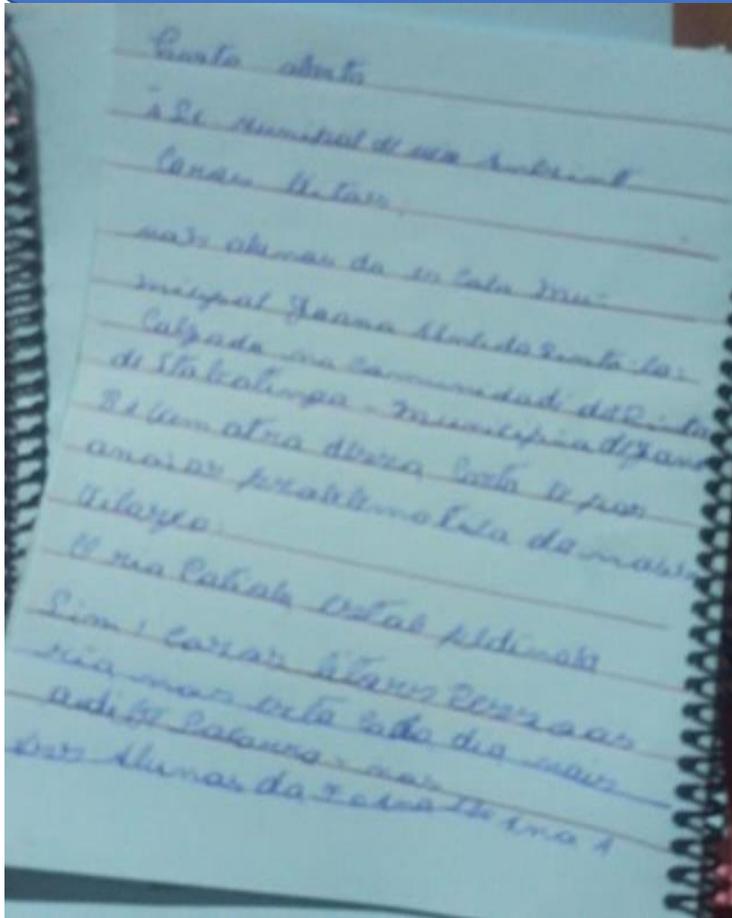
Para facilitar a correção, a carta foi escrita conjuntamente e corrigida na lousa, posteriormente reescrita no diário de bordo.

Para o participante C2: “[...] a gente já escreveu o que quer, agora a carta deve ser digitada pela autora da pesquisa, endereçada à Secretaria Municipal de Meio Ambiente e à Câmara Municipal de Jandaíra/BA, e postada nos Correios”. (Ver quadro a seguir, página 53).

Assim, os interlocutores reconhecem suas ações como uma forma de reivindicar direitos para o Meio Ambiente e para a sua comunidade.

Como resultado, de acordo com a visão do participante E3, “[...] para a intervenção da problemática do rio Patioba, a carta aberta para a Secretaria de Meio Ambiente e para as pessoas da comunidade se configura como medida na busca da solução do problema.”

Quanto à escrita da carta, o conteúdo foi discutido em sala de aula. A produção da escrita foi realizada com a participação de todos, cujo um dos registros, feito a mão está exposto na figura, a seguir.



Carta aberta em defesa do rio Patioba e rio Tabatinga

À Secretária de Meio Ambiente e aos moradores do Povoado de Ponte de Itabatinga, Jandaíra, Bahia

Caros leitores;

Nós alunos da escola municipal Joana Almeida Pinto, localizada na comunidade de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia, vem através desta trazer à vista da população e do poder público o contexto atual das bacias que banham a comunidade pelos rios Patioba e Tabatinga. Esses rios são sinônimos de sustentabilidade tanto para comunidade de Ponte de Itabatinga, quanto para as comunidades no entorno, e estão pedindo socorro!” Sim! caros leitores, fica cada dia mais difícil a situação do nosso rio, que precisa de uma limpeza em caráter de urgência. Assim como de fiscalização por parte de órgão competentes. Cabe ainda salientar que em alguns trechos do rio Patioba existem criação ilegal de galinhas e porcos além de fossas abertas. A fim de contribuirmos propositadamente com a preservação do patrimônio natural e cultural de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, apresentamos abaixo as nossas pautas e requisições, as quais encaminhamos para ao poder público e autoridades construídas.

Limpeza dos rios; coletores/tonéis em lugares estratégicos para evitar acumulo de lixo próximo ao leito do rio; fiscalização nas criações clandestinas que afetam diretamente o rio Patioba; uma barreira no local da Ponte da maré com o intuito de evidenciar um balneário natural

Atenciosamente: Alunos do 7º Ano A e 8º ano A e moradores da comunidade.

O segundo momento de intervenção na realidade teve como estratégia desenhar a “trilha linha estrada velha”. Para tanto, foi realizada uma oficina de cartazes que trabalhou a ideia de uma análise a partir do lúdico, conforme figura, a seguir.



Exemplos de ideias para a criação da “Rota”

Participante E8 disse:

A rota na trilha foi classificada como aberta, com início no ponto de ônibus da linha verde, a primeira parada é na casa de farinha, onde podem tomar um café da manhã, conhecer os apetrechos da casa de farinha, raspar a mandioca, ralar, ver colocar no tapiti ou na pressa, peneirar e levar ao forno.

Participante E12 disse:

Após o café da manhã, e toda a atividade realizada na [primeira] casa de farinha, segue-se na trilha até a [segunda] casa de farinha, lá os visitantes podem fazer beiju, conhecer os apetrechos de pesca e tomar um lanche, antes de fazer toda a caminhada de volta, a gente calculou que essa atividade terá uma duração de até cinco horas.

Participante E5 explicou:

Após voltar do passeio de carroça ou carro de boi, os visitantes conhecerão a igreja católica da comunidade, seguido de assistir uma apresentação cultural, que deve ser planejada com antecedência, nessa ocasião, durante as apresentações, pessoas da comunidade podem aproveitar para vender cocadas, geladinhos e outros tipos de comidas rápida, após as apresentações se encerra o nosso roteiro.

Rota do Agreste em Ponte de Itabatinga, Bahia

Hora / 1 dia	Ações	Custo adulto	Estudante
07:30 h e chekin na casa acolhedora	Café da manhã	R\$ 10,00	R\$ 8,00
08:00 h às 08:45 h	Fazer trilha na estrada verde	R\$ 00,00	R\$ 00,00
09:00 h às 11:00 h	Vivenciar a fabricação da farinha	R\$ 00,00	R\$ 00,00
11:00 às 11:30 h	Retorno para a Associação de pesca de carroças	R\$ 5,00	R\$ 3,00
11:30 às 14:00 h	Almoço na Associação	R\$ 20,00	R\$ 17,00
14:00 h	Apresentações culturais	R\$ 00,00	R\$ 00,00
15:00 h às 17:00 h	Passeio de barco	R\$ 8,00	R\$ 5,00
18:00 h	Jantar e participar de roda de violão na praça	R\$ 10,00	R\$ 8,00

Quem procura acha!
Encontre no caça palavras termos relacionados ao turismo de base comunitária e a Metodologia da Problematização.

PEPONTOSCHAVE AÉUMPEIXEDELEXXXX
OBSERVAÇÃODETU ESTUDANTESPPPPPPI
TBC DE CASADEFARINHAOUTIDOKXAI
CARROÇA ACIPJOPOJLPP PIPPIOOATK
NATIVOKTEDADILAERNNJOEUIIOOIM
ÔÕ OÃÇAZIROETCARRODEBOIPEIOOG
E DADITNEDIÉUMPESCADOR IPEOBBK
AGRICULTURAEHOSPEDAGEMALA AA
EL EFG OSTADEHIPOTÉS ESTODOISCI

AGRICULTURA -TBC - PATIOBA - TEORIZAÇÃO - NATIVO -
IDENTIDADE -OBSERVAÇÃO - CASA DE FARINHA -
REALIDADE - CARROÇA - HIPÓTESES - PESCADOR- PONTOS-
CHAVE- ESTUDANTE- CARRO DE BOI

CONCLUSÃO

Partindo dos achados do trabalho, considera-se que foram encontrados elementos que podem ser usados como subsídios para a criação de um projeto de TBC na comunidade pesquisada. Visto que, os projetos incluem as comunidades de maneira sustentável, levando-as a ter controle quanto à exploração dos recursos naturais, proporcionando a organização, o fortalecimento e levando os atores sociais a ser protagonista de sua própria história.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por renovar as minhas forças em cada etapa.

Aos professores do programa de mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB)

Aos orientadores, as gestoras, professores e alunos da Escola Municipal Joana Almeida Pinto, e a comunidade de Ponte de Itabatinga.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, M. G. R (Org.). Turismo. Como aprender, como ensinar. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

COLOMBO, A. A.; BERBEL, N. A. N. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez e sua relação com os saberes de professores. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, jul./dez. 2007.

OKAZAKI, E. A Community-Based Tourism Model: its conception and use. Journal of Sustainable Tourism, v. 16, n. 5, 2008, p. 511-529.

DIREITOS DE IMAGENS

Ricardo Menezes

Guadalupe Catarino

Carine Correia

Imagens de Autores Desconhecido. licenciado em CC BY-NC-ND

Alunos do 7º e 8º Ano matutino, da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e pesquisadora Alda Cristina Menezes da Silva.

TERMO DE LICENCIAMENTO

Este Produto Educacional será licenciado sob a criação de marca e, registro pela "Coordenação de Inovação e Transferência de Tecnologia (CINTTEC)", criada a partir da portaria n.º 938, de 01 de novembro de 2005, tendo como principal Instância a execução da política institucional para a proteção transferência de tecnologia da propriedade Intelectual na UFS.



**ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**



**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)
EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE JANDAÍRA/BAHIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, RG n.º _____, residente à _____, do município de _____, estado _____, declaro que fui convidado(a) a participar da pesquisa citada e estou consciente das condições sob as quais me submeterei detalhadas a seguir:

Esta pesquisa tem como objetivo: a elaboração de uma Dissertação de Mestrado pela discente Alda Cristina Menezes da Silva, para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Sergipe, sendo orientada pela Prof.^a Dr.^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e pelo professor Dr.^o. Lício Valério Lima Vieira.

- a) Participarei de conversas individuais e/ou coletivas. As conversas poderão ser gravadas em vídeo e áudio mediante minha autorização.
- b) Estou ciente de que o presente estudo envolve risco de constrangimento em responder questões relacionadas à minha vida pessoal. No entanto, fui informado que posso não responder quaisquer questões e caso sinta durante a entrevista fadiga, embaraço e tristeza poderei me recusar a participar ou continuar a entrevista.
- c) Minha identidade será preservada em todas as situações que envolvam discussão, apresentação ou publicação dos resultados da pesquisa, a menos que haja uma manifestação da minha parte por escrito, autorizando tal procedimento.
- d) Os resultados dessa pesquisa serão publicados em artigos científicos e conferências. Estou ciente de que minha participação no presente estudo é estritamente voluntária. Não receberei qualquer forma de remuneração pela minha participação no estudo.
- f) Minha recusa em participar do procedimento não me trará qualquer prejuízo, estando livre para abandonar a pesquisa a qualquer momento. Eu li e entendi todas as informações contidas neste documento.

Aracaju, _____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Participante

ANEXO B: Termo de assentimento do estudante para participação do projeto**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA O
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PROFCIAMB****TERMO DE ASSENTIMENTO DO ESTUDANTE PARA PARTICIPAÇÃO DO
PROJETO**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa Turismo de Base Comunitária a partir da Metodologia Ativa da Problematização, em Jandaíra/Bahia. Seus pais permitiram que você participasse. Esteja ciente de que o objetivo é analisar o desenvolvimento da metodologia ativa do Arco de Maguerez como proposta de implementação do Turismo de Base Comunitária, junto a Escola Municipal Joana Almeida Pinto, em Jandaíra/Bahia. Justifica-se que o trabalho é importante porque acredita-se que através da Educação Ambiental crítica e do uso da metodologia da Problematização, será possível articular escola e comunidade nos processos de reflexão sobre a implementação do Turismo de Base Comunitária, na comunidade de Ponte de Itabatinga.

Os adolescentes que irão participar dessa pesquisa são estudantes do sexto, sétimo e oitavo ano do ensino fundamental tendo de 14 a 16 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa enquadra-se em três classificações, bibliográfica, documental e de campo através da metodologia da problematização pelo uso do Arco de Maguerez. Para utilizar a metodologia da problematização com o Arco de Maguerez será preciso passar pelos cinco passos seguindo todas as etapas: observação da realidade; estabelecimento de pontos-chave; teorização; hipóteses de solução; e intervenção à realidade.

A presente pesquisa não envolve nenhum risco físico. Contudo, pode ocorrer constrangimento ou incômodo em responder ao questionário. As informações coletadas serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes. A presente pesquisa não envolve nenhum risco físico. Os riscos podem ser de constrangimento em participar das entrevistas, ou incômodo em explicitar o comportamento durante a pesquisa ou nas respostas. As informações coletadas serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos participantes.

A vossa senhoria poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com, endereço residencial na Rua da Vaquejada, 33 Bairro Centro, município de Indiaroba/SE, Cep: 49250-000 ou pelo telefone (79) 998990183 da pesquisadora responsável Alda Cristina Menezes da Silva. Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato e me perguntar. A aceitação está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares,

comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa, com o devido retorno dos resultados ao Programa de Mestrado Profissional para o Ensino das Ciências Ambientais.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar o seu nome. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão divulgados por meio de trabalhos científicos, na dissertação, E-book e artigo científico.

Eu _____ aceito participar da pesquisa Turismo de Base Comunitária a partir da Metodologia Ativa da Problematização, em Jandaíra/Bahia, em tempos de pandemia que tem o objetivo de analisar o uso da metodologia ativa da problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e comunidade do entorno, no processo de reflexão para implementar o Turismo de Base Comunitária, em Jandaíra/Bahia. Entendi os pontos negativos e positivos que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar. Mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. A pesquisadora tirou as dúvidas e conversou com os responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Jandaíra, ____ de ____ de _____ .

Assinatura do Estudante

Alda Cristina Menezes da Silva

Pesquisadora Responsável: Alda Cristina Menezes da Silva

Endereço: Rua da Vaquejada – Centro- Indiaroba/SE - CEP: 49250-000

E-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com Telefone: (79) 9 98990183

ANEXO C: Termo de consentimento do responsável para participar do projeto**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SERGIPE****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO DE
CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PROFCIAMB****TERMO DE CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA PARTICIPAÇÃO DO
PROJETO**

Pelo presente termo, eu Alda Cristina Menezes da Silva, vinculada ao Programa de Pós-graduação em rede nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – matrícula nº 202011009859, convidar seu filho ou filha para participar de forma voluntária da pesquisa: Turismo de Base Comunitária a partir da Metodologia ativa da problematização, em Jandaíra/Bahia, em tempos de pandemia, sob orientação da Professora Dr^a Sindiany Suelen Caduda dos Santos e coorientação do Professor Dr. Lício Valério Lima Vieira. Ciente de que o objetivo é analisar o uso da metodologia ativa da problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e comunidade do entorno, no processo de reflexão para implementar o Turismo de Base Comunitária, em Jandaíra/Bahia. Justifica-se que o trabalho é importante porque acredita-se que através da Educação Ambiental crítica e do uso da metodologia da Problematização, será possível articular escola e comunidade nos processos de reflexão sobre a implementação do Turismo de Base Comunitária, na comunidade de Ponte de Itabatinga. A pesquisa envolverá alunos do Ensino Fundamental, bem como pessoas da comunidade e docentes. A participação de adolescentes/alunos é totalmente voluntária, podendo o responsável solicitar a recusa ou desistência de participação do estudante a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo ao mesmo, necessitando para tanto, a assinatura do pai ou responsável. A presente pesquisa não envolve nenhum risco físico. Os riscos podem ser de constrangimento em participar das entrevistas, ou incômodo em explicitar o comportamento durante a pesquisa ou nas respostas. As informações coletadas serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a identidade dos

participantes. A vossa senhoria poderá entrar em contato com a pesquisadora através do e-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com, pelo telefone (79) 9 98990183 ou pelo endereço residencial na Rua da Vaquejada, 33 – Centro, Indiaroba/SE. Cep: 49250-000. Pelo presente consentimento, declaro que o objetivo da pesquisa foi lido e explicado pela pesquisadora. Sendo assim, concordo com a participação do meu filho ou filha na pesquisa dentro dos termos descritos. Por fim, autorizo a utilização das informações na Dissertação de Mestrado de Alda Cristina Menezes da Silva, desde que observadas as condições acima expressas.

Ciente de que receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado.

São Cristóvão/SE, de 2021.

Nome do estudante

Assinatura do Responsável

Alda Cristina Menezes da Silva

Pesquisadora Responsável: Alda Cristina Menezes da Silva - Endereço: Rua da Vaquejada –
Centro- Indiaroba/SE CEP: 49250-000 E-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com
Telefone: (79) 9 98990183

ANEXO D: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do Estudante**Assentimento Livre e Esclarecido do Estudante**

Eu, _____ (nome por extenso do participante da pesquisa), estou ciente dos objetivos, procedimentos da pesquisa e dos seus riscos, podendo solicitar a recusa ou desistência de participação. Concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura do participante (estudante

ANEXO E: Termo de autorização de uso de imagem e depoimentos**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO e PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PROFCIAMB****TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Declaro para os devidos fins, que autorizo a pesquisadora Alda Cristina Menezes da Silva a utilizar fotos, informações e depoimentos que se façam necessários, para serem utilizados na pesquisa: “TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA A PARTIR DA METODOLOGIA ATIVA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM JANDAÍRA/BAHIA EM TEMPOS DE PANDEMIA”, que está sob a orientação da professora Dr^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e Coorientação do professor Dr. Lício Valério Lima Vieira.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos desta pesquisa, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades. Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

São Cristóvão, SE, ____ de _____ de 2021.

Participante da pesquisa

Pesquisador

ANEXO F: Termo de Compromisso e confidencialidade**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE****TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE**

Título do projeto: Turismo de Base Comunitária a Partir da Metodologia Ativa da Problematização, em Jandaíra/Bahia em Tempos De Pandemia Pesquisador responsável: Alda Cristina Menezes Silva Matrícula nº 202011009859 Telefone para contato: 79 998990183 E-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com Instituição/Departamento de origem do pesquisador: Universidade Federal de Sergipe Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB- Departamento de Geografia. O pesquisador do projeto acima identificado assume o compromisso de: • cumprir os termos da resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e da resolução nº 510/16, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/1997, 251/1997, 292/1999, 304/2000, 340/2004, 346/2005 e 347/2005). • Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe • Zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa; • Garantir que os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes; • Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa; • Garantir que os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de apresentação em encontros científicos ou publicação em periódicos científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa; • Garantir que o CEP-UFS será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa; • Garantir que o CEP-UFS será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos, resultantes desta pesquisa, com o voluntário; • Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Parcial e Relatório Final da pesquisa.

Aracaju, 01 de dezembro de 2021

(Assinatura do Pesquisador responsável)

ANEXO G: Termo de anuência de infraestrutura**ESCOLA MUNICIPAL JOANA ALMEIDA PINTO, PONTE DE ITABATINGA,
JANDAÍRA-BA****TERMO DE ANUÊNCIA E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA**

Eu, **Rode Santos Pinto**, diretora da Escola Municipal Joana Almeida Pinto localizada em **Ponte de Itabatinga, Jandaíra-BA**, autorizo a realização do projeto intitulado “TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA A PARTIR DA METODOLOGIA ATIVA DA PROBLEMATIZAÇÃO, EM JANDAÍRA/BAHIA EM TEMPOS DE PANDEMIA” pelas pesquisadoras [**Mestranda, Alda Cristina Menezes da Silva, professora Dr^a. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e o professor Dr. Lício Valério Lima Vieira**], que trará como proposta o turismo de base comunitária a partir da metodologia ativa da problematização na comunidade de Ponte de Itabatinga– BA. Para o desenvolvimento o levantamento de informações será pelo desenvolvimento das cinco etapas do Arco de Magueres relacionando-as com à área de estudo e às práticas diárias na vida dos participantes. Serão realizadas perguntas a partir de entrevista/questionário pelo pesquisador do projeto que será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS). Estamos cientes de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos [**aos moradores da comunidade de entorno local**] que não desejarem ou desistirem de participar do projeto. Declaro, outrossim, na condição de representante desta Instituição, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nos 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016, [**a menção à Resolução nº 510/16 deve ser mantida somente quando nas pesquisas relacionadas às áreas de Ciências Humanas e Sociais**] e Norma Operacional no 001/2013, pelo CNS.

Ponte de Itabatinga, BA, 22 de novembro de 2021.

Rode Santos Pinto

ANEXO H: Termo de assentimento da comunidade para participação do projeto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO e PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS – PROFCIAMB
TERMO DE ASSENTIMENTO DA COMUNIDADE PARA PARTICIPAÇÃO DO
PROJETO

Prezado,

Pelo presente termo, convido vossa senhoria a participar da pesquisa Turismo de Base Comunitária a partir da Metodologia Ativa da problematização, em Jandaíra/Bahia, desenvolvida sob a responsabilidade da mestranda Alda Cristina Menezes Silva, matrícula 202011009859, estudante do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais – sob a orientação da Professora Dra. Sindiany Suelen Caduda dos Santos e coorientação do Prof. Dr. Lício Valério Lima Vieira. Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso da metodologia ativa da problematização, junto aos estudantes da Escola Municipal Joana Almeida Pinto e comunidade do entorno, no processo de reflexão para implementar o Turismo de Base Comunitária, em Jandaíra/Bahia. Desse modo, convido o senhor (a), a participar voluntariamente desta pesquisa através da resposta do convite. Através deste termo, fica acordado que os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em meio científico. Desde que mantido o compromisso do pesquisador com o sigilo das fontes entrevistadas. Pelo presente consentimento, declaro que o objetivo da pesquisa foi claramente explicado pelo pesquisador. Sendo assim, concordo com a participação voluntária à pesquisa dentro dos termos descritos.

Autorizo a utilização das informações na Dissertação de Mestrado, desde que observadas as condições acima expressas. Para qualquer outra informação, entrar em contato com a pesquisadora através do telefone: (79) 998990183, e-mail: aldamestranda.ufs@gmail.com ou endereço residencial na rua da vaquejada,33 Centro Indiaroba/SE CEP. 49250-000.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

São Cristóvão /SE, _____ de _____, _____.

ANEXO I: Carta aberta à Sec. Municipal de Meio Ambiente

Carta aberta em defesa do rio Patioba e rio Tabatinga

Caros leitores

Nós alunos da escola municipal Joana Almeida Pinto, localizada na comunidade de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, Bahia, vem através desta trazer à vista da população e do poder público o contexto atual das bacias que banham a comunidade pelos rios Patioba e Tabatinga. Esses rios são sinônimos de sustentabilidade tanto para comunidade de Ponte de Itabatinga, quanto para as comunidades no entorno, e estão pedindo socorro!” Sim! caros leitores, fica cada dia mais difícil a situação do nosso rio, que precisa de uma limpeza em caráter de urgência. Assim como de fiscalização por parte de órgão competentes. Cabe ainda salientar que em alguns trechos do rio Patioba existem criação ilegal de galinhas e porcos além de fossas abertas.

A fim de contribuímos propositadamente com a preservação do patrimônio natural e cultural de Ponte de Itabatinga, município de Jandaíra, apresentamos abaixo as nossas pautas e requisições, as quais encaminhamos para ao poder público e autoridades construídas.

- Limpeza dos rios;
- Coletores/tonéis em lugares estratégicos para evitar acúmulo de lixo próximo ao leito do rio;
- Fiscalização nas criações clandestinas que afetam diretamente o rio Patioba;
- Uma barreira no local da Ponte da maré com o intuito de evidenciar um balneário natural

Atenciosamente: Alunos do 7º Ano A e 8º ano A e moradores da comunidade.

ANEXO J: Rota do Agreste em Ponte de Itabatinga, Bahia

Rota do Agreste em Ponte de Itabatinga, Bahia			
Hora /1 dia	Ações	Custo adulto	Estudante
07:30 h e chekin na casa acolhedora	Café da manhã	R\$10,00	R\$ 8,00
08:00 h às 08:45 h	Fazer trilha na estrada verde	R\$00,00	R\$ 00,00
09:00 h às 11:00 h	Vivenciar a fabricação da farinha	R\$ 00,00	R\$ 00,00
11:00 às 11:30 h	Retorno para a Associação de pesca de carroças	R\$ 5,00	R\$ 3,00
11:30 às 14:00 h	Almoço na Associação	R\$ 20,00	R\$ 17,00
14:00 h	Apresentações culturais	R\$ 00,00	R\$ 00,00
15:00 h às 17:00 h	Passeio de barco	R\$ 8,00	R\$ 5,00
18:00 h	Jantar e participar de roda de violão na praça	R\$ 10,00	R\$8,00

Hora /2 dia	Ações	Custo adulto	Estudante
07:30 h e chekin na casa acolhedora	Café da manhã	R\$10,00	R\$ 8,00
08:00 h às 08:45 h	Visita a escola e a igreja católica	R\$00,00	R\$ 00,00
09:00 h às 11:00 h	Passeio a cavalo até a comunidade Monte Belo	R\$ 00,00	R\$ 00,00
11:00 às 11:30 h	Retorno para comunidade	R\$00,00	R\$ 00,00
11:30 às 14:00 h	Almoço na Associação	R\$ 20,00	R\$ 17,00
14:00 h	Passeio de van até a orla da comunidade de Cachoeira	R\$ 10,00	R\$ 8,00
14:30 h às 15:00 h	Lanche na comunidade de Cachoeira	R\$ 8,00	R\$ 5,00
15:00 h às 17:00 h	Assistir atrações culturais na comunidade Abadia	R\$ 20,00	R\$15,00